

PQ 9261

.S415 C7

v.1

Av 1



**INDIANA
UNIVERSITY
LIBRARY**

2 m. 91.

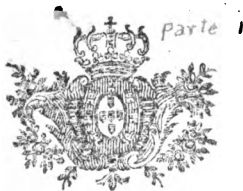
COMPOSIÇÕES
POÉTICAS.



COMPOSIÇÕES POÉTICAS
OFFERECIDAS
AO SERENÍSSIMO SENHOR
DOM JOÃO
PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL

POR
BELCHIOR MANOEL CURVO SEMMEDO,
CAVALLEIRO PROFESSOR NA ORDEM DE CHRISTO, FIDALGO
DA CAZA REAL, MOÇO DA CAMARA DO NÚMERO DO
PRÍNCIPE REGENTE, E PRIMEIRO TENENTE DO REAL
CORPO DE ENGENHEIROS;

SOCIO DA ACADEMIA TUBUCIANA
ENTRE OS ARCADES
BELMIRO TRANSTAGANO.



LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA,

M. DCCCIII,
man

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

*Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus;
Nam neque chorda Sonum reddit, quem vult manus, et mens.*

Horat. Art. Poet. v. 345.

PQ 9261

.S415C7

v.1

SERENISSIMO SENHOR

11-6-70

A Escolha de hum Mecenaz he indispensavel a todos os que publicaçõ as suas composiões , o nome Protector serve de Egide contra as hervadas frechas da detracção , e da Inveja , e quem mais digno , do que hum Principe , e que Principe mais digno do que V. A. R. se deve eleger para abrigar , e proteger os mal formados adejos de huma acanhada Musa ; a dita de vassallo , e a honra de criado de V. A. multiplicaõ os deveres de consagrar ao meu Principe , e ao meu Amo estes productos dos meus apoucados talentos.

Digne-se por tanto V. A. R. de os aceitar como succinctos preludios, em quanto me não vigoriza o tempo as azas, para em sublimes vôos elevar aos Orbes em brilhantes Epopéas as abalizadas Virtudes, e Heroismos, que tanto resplandecem no benigno Coração de V. A. R. de quem me glorio ser

Vassallo fiel, e submisso criado

Belchior Manoel Curvo Semmedo

P R O L O G O.

O Descuido, que tenho tido em guardar as minhas composições, dando os escriptos originaes de humas, e não escrevendo outras, me tem feito perder huma grande parte dellas, entrando neste numero hum dos meus Dithyrambos meliores, premiado pela Academia Real das Sciencias na sessaõ de Maio de 1789, do qual nem vestigios conservo: o querer agora obviar o descaminho das que ainda me restaõ, e ao mesmo tempo satisfazer empenhos, e instancias de pessoas sensatas dignas de contemplaçãõ, me tem feito emprehender a presente impressãõ, juntamente reimprimindo algumas das obras, que publiquei nos Almanaks das Musas, e outras, que dei ao prelo avulsamente.

Naõ

Naõ ignoro o muito , a que se expõe quem escreve para o publico , e o quanto he difficil agradar a todos : os nossos juizos , como diz Pope , saõ como os nossos relógios , que nenhum se ajusta perfeitamente , e comtudo todos acreditaõ o seu (1) : o que huns louvaõ por optimo , outros condemnaõ por pessimo , e a paixãõ e o capricho saõ quasi sempre os arbitros , que decidem do merecimento alheio. Raros Authores tem obtido em quanto vivem geraes applausos , a detracçaõ lhos reserva como exequias para depois da sua morte.

Nada he taõ difficil como a Arte de criticar , e de nada ha tanta abundancia como de loucas , e informes criticas ; he cem vezes maior o numero dos que censuraõ errada , e avessamente , do que o daquel-

(1) 'Tis with our judgments as our watches, none
Go just alike, yet each bilieves his own.

Pope essay on criticism.

quelles que não escrevem , ou compõem com perfeição (1). O Egoismo, que com Sceptro de ferro impera em quasi todos os corações, nos faz odiar o merito alheio, e regozijar com o abatimento dos outros: esta infeliz propensão franqueia o caminho á maledicencia, e faz levantar do pó immensos Satyricos, (ou antes maldizentes) que pelos applausos, que conseguem, arreigaõ cada vez mais a sua maledica inclinação, condemnaõ o que não são capazes de reprehender, e até o mesmo, que não entendem (2): não digo, que não hajaõ Censores, a justa, e discreta critica he necessaria; ella ensina a distinguir o bom do máo, coopera para a perfeição, e regula, e assinala barreiras aos vóos precipitados, e intempestivos do genio.

Mas

(1) Ten censure wrong for one who writes amiss;

Pope essai on criticism.

(2) Quod plerisque accidit, damnent, quæ non intélligunt.

Quint. L. 10 Cap. 1.

Mas ensine os outros , como diz Pope , o que lhes he superior em talentos , e censure francamente o que melhor tiver composto (1).

Com tudo o querer intimar , que as minhas composições são isentas de defeitos , fora avançar hum absurdo indesculpavel , nada ha perfeito em todas as suas partes (2); o mesmo Homero dormitou (3); versos requerem descanso , e paz de espirito (4); e os meus foraõ feitos no centro de fadigas , e distracções , a pesar disso devo dizer , que , comprindo com o
pre-

(1) Let such teach others who themselves excel,
And censure freely who have written well.

Pope essay on critic.

(2) . . . Nil est ab omni
Parte beatum.

Horat. L. 2. Ode 16.

(3) . . . Quandoque bonus dormitat Homerus.

Horat. Art. Poet. v. 357.

(4) Carmina proveniunt animo deducta sereno :

Ovid. Trist. L. 1. Eleg. 1. v. 39.

preceito de Horacio (1), me cancei assás em os polir, e aperfeiçoar fugindo quanto me foi possível de collisões, cacafonias, toantes, versos agudos sem ordem collocados, e outros defeitos, que offendem a cadencia, e de que os nossos Poetas antigos não escrupulizáráo, tendo sempre em vista a observação, que a este respeito faz o dito critico Latino (2). Além disso devo igualmente dizer, que me empenhei sempre em inventar, e innovar, e que raras vezes sobre alicerce alheio levantei os meus edificios, fugindo preventivamente de plagios, e imitações servis.

Tive ao mesmo tempo o maior cuidado em proporcionar a locução, e o estilo

(1) Carmen reprehendite, quod non
 Multa dies, et multa litura coercuit, atque
 Præsectum decies non castigavit ad unguem.

Horat. Art. Poet. v. 292.

(2) Sectantem levia, nervi
 Deficiunt animique.

Horat. Art. Poet. v. 26.

lò naõ só aos assumptõs de que tratava, mas ás qualidades das Poesias, que compunha: nos meus Dithyrambos usei daquella soltura, audacia, e liberdade tanto de versos, como de expressões, e pensamentos taõ propria de semelhantes Poemas (1), que fizeraõ a Pindaro credor dos louros de Apollo (2), ajuntei, ou liguei palavras (3), inventando outras, que derivei da fonte Latina, origem legitima da nossa lingua (4), pondo em pratica desta

(1) Già nulla piú d'audace a te s'appresta
Del Dithyrambo, che col forte piede
L'erto gioco Cirreo preme, e calpesta.

Mem. in Art. Poet.

(2) Laurea donandus Appollinari
Seu per audaces nova Dithyrambos
Verba devolvit, numerisque fertur.

Lege solutis. Horat. L. 4. Ode 2.

(3) Dixeris egregiè, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum.

Horat. Art. Poet. v. 47.

(4) E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupçaõ crê, que he a Latina.

Cam. Lus. Cant. 1 vit. 33.

ta sorte os preceitos, e regras, que se assinalaõ a semelhantes composições (1): confesso, que de todas as obras, que tenho compostõ; as desta qualidade foraõ as que mais me custáraõ: o grande cuidado de seguir ordem; e nexo no meio da desordem apparente; a transição de huma especie de versos para outra, que lhe fosse analoga na hármonia, e accents; e mais do que isto, o sustentar aquelles vãos impetuosos sem interpollação, são difficuldades, que só quem as empheende as conhece.

Nos meus Apologos, ou Fabulas moraes usei daquella singeleza de expressões, e frase familiar, que recomenda Mr. de
La

(1) Dithyrambus

Non enim aliud est, quam Liberi encomium, constans vario carminis genere, verbis novatis, et magnifice ornata dictione, crebræ in eo metaphoræ, crebræ verborum geminationes (teste Demetrio Phaleræo) nulla numerorum, nulla carminum recurrentium certa lex, etc.

Martin. Ant. Del Rio Prolegomen. ad Senec. L. 3. Cap. 3.

La Motte ; e praticáraõ Fedro , Pilpai , John Kidgell , porém dei-lhes mais adorno , e amplifiquei mais os meus pensamentos para unir o util com o agradavel (1) , seguindo a Mr. de la Fontaine , o mais elegante , e energico de quantos tem escripto esta interessantissima especie de Poesia.

Julgo tambem , que o Leitor imparcial não achará nas minhas Metamorfoses menos verisimilhança , e invenção do que nas de Ovidio ; nellas involvo a moral mostrando o castigo da avareza , da indocilidade , da lascivia , do perjurio , e outros crimes tão nocivos á Sociedade.

Igualmente cuidei , em que os meus Sonetos fossem adornados de expressões vivas , concluindo perfeitamente os pensamentos , degradando delles repetições de palavras , e frases ociosas , e trabalhando

por-

(1) Qui miscuit utile dulci.

Horat. Art. Poet. v. 345.

por pôr em pratica os preceitos de Despreaux (1): com igual cuidado teci as minhas Cantatas, Idyllios, Odes, etc. como o Leitor desapaixonado poderá observar.

Entre tanto vejo-me obrigado a declarar, que imprimo aqui alguns versos de menos character mais por annuir aos rogos de algumas pessoas, do que por livre arbitrio.

Talvez alguns genios fleumaticos, e infecundos me increpem, de que me empenhei mais em adornar a maior parte das minhas composições com pinturas vivas, e imagens fantasticas, filhas da invenção, do que com a moral, e a filosofia; a estes respondendo com Horacio (2), e com o que diz
Mr.

(1) Sur tout de ce Poeme il bannit la licence,
Lui meme en mesure le nombre, et la cadence;
Defendit, qu'un vers foible y pût jamais entrer,
Ni qu'un mot déjà mis osât s' y remonter.

Boileau Art. Poet. Cant. 2. v. 89.

(2) Aut prodesse volunt, aut delectare Poetæ.

Horat. Art. Poet. v. 331.

Mr. Le C. de B.*** no discurso sobre a Poesia, que vem no principio das suas obras (1), deixando com tudo, tanto a estes como a outros quaesquer fanaticos de Literatura campo aberto para poderem criticar á sua vontade.

Disse.

(1) L'invention est l'attribut le plus essentiel, et le signe le plus infaillible du génie. En fait d'arts; qui n'invente pas, ne mérite point le titre de grand homme; Mais l'homme inventeur n'est pas toujours poete. Il ne le devient qu'en donnant á ses expressions cette couleur vraie, et animée qui distingue le style poétique de tous les autres styles. Convenons donc que l'art de peindre est le vrai talent des poetes, et que l'esprit, malgré toutes ses ressources, ne pourra jamais ni imiter le talent, ni le remplacer. Lucain avec de grandes beautés a confirmé cette maxime par son exemple; et le traducteur de l'Iliade, si estimable d'ailleurs, ne l'a que trop prouvée de nos jours.

La necessité de peindre s'étend á tous les genres de poesie. Tout poete, qui n'est pas peintre, n'est qu'un versificateur. Un grand tableau a le caractère, et le mérite du poème épique. La chanson peut passer pour une espèce de miniature. Je crois qu'en faisant l'histoire des arts sous le Règne de Louis XV on pourroit comparer le Sallon d'Hercule peint par le Moine, avec le célèbre poème de la Henriade.

E P I S T O L A .

BElmiro , honra de Marte , Amor das Musas ,
 A quem bafeja Febo , a quem soccorre
 Com tanta copia aceso Enthusiasmo ,
 Quando deve surgir nos Ceos o dia ,
 Em que a Fama justissima te conte
 No numero dos Vates , e em que possas
 Já seguro viver na Eternidade ?
 Teus sinceros amigos te preparaõ ,
 E já t' enastraõ merecidos louros ;
 Mas tu mereces mais , que occultos premios :
 E teus sonoros versos já são dignos
 De não menor theatro , qu' o Universo ?
 E teus grandes applausos se não devem
 Fechar em menos ambito , que o Mundo.
 Não prolongues meus votos , e repara
 Que vai fugindo a idade , e os leves annos
 Não se suspendem , não ; o teu silencio
 Mui pouco dista já do vicio , e culpa.
 Toda a virtude , que se occulta , he crime.
 Trato a causa das Musas , e inspirado
 Já me sinto de hum Nume , que me ordena

B

vin

Vingar o ultraje indigno, que tu fazes
 A seus sagrados deus. Tens merecido
 Os premios todos, que as sagradas Musas
 Costumaõ outorgar, o nome, e o louro,
 A Fama perennal, e o que he mais nobre,
 Já mereces a inveja. Se pretendes
As armas, e os varões assinalados
 Aos Astros levantar, teus doces versos
 Ao som respondem d'Epica Trombeta;
 E se pretendes remontar-te ao Pindo
 Apóz a éburnea Venusina Lyra,
 A par vóas do Lyrico Romano.
 Se da triste Elegia o tom magoado
 Muitas vezes te apraz o mesmo Apollo
 Confessa que tacteias o Alaude
 Do desterrado, Sulmonense Ovidio.
 Se alguma vez c'o pampinoso Thyrsos
 O grave Nume domador do Ganges
 Levemente te fere, entãõ derramas
 Torrentes de furor. Sãõ teus versos
 Acima do vulgar, no estylo, e fraze.
 Os mesmos Aristarchos te confessãõ
 Digno daquelles Seculos dourados,
 Em que a sabia, e guerreira Lusitania
 Vio nas margens do Tejo, e do Mondego
 Cantar os alvos Cysnes, cujos nomes

Le-

Leva a Fama aos limites do Universo.
 Não póde o Mundo duvidar , não póde
 Destes louvores , que a verdade inspira ,
 Se alguma vez extasiado escuta
 Pequena parte de teus doces versos.
 Mas seráo para ti de baixa estima
 Teus trabalhos doutissimos , se apenas
 Te pagas só de teu trabalhô , e estudo:
 Ah ! quantas vezes te clamei : *Tu debes*
Os versos teus á Fama , e impaciente
A mesma Fama teu trabalho a guarda.
 Mas obstinado , teus ouvidos fechas
 Aos desejos do amigo , á voz da Fama :
 Erradamente me respondes : *Poucos*
Nos daõ , Elmiro , accollimento ás Musas:
 Tua modestia te allucina ; eu vejo
 Que o Mundo outros não tendo , aplaude , acclama
 Os Versos do Monótono Sadino ,
 Que ignorante de harmónicos accentos ,
 Unisonas Antitheses nos vende.
 Ah ! não pretendas minorar a culpa ,
 Honre-se a Musa , que de honrar-se he digna:
 Quem senão loucos nos profundos mares
 Lançãõ de novo as pérolas , que á custa
 De mil trabalhos no Erithrêo pescátaõ ?
 Não te opponhas ás Musas , e a ti mesmo ,

Que em teus versos protestas tantas vezes
 A Fama desejar, que os mesmos versos
 Seguros te promettem, e affiançãõ.
 Deve acaso guardar-se no sepulcro
 Envolto em frias cinzas o teu Nome?
 E a mesma fria lapida, que os ossos
 Cubrir-te deve, cubrirá teus versos?
 Muda, Belmiro, de projectos, muda,
 Naõ ignore a futura, e a nossa idade
 Quanto te igualas c'os antigos Vates.
 Naõ sepultou seus marmores Lisipo,
 Nem os polidos bronzes, que animára
 Com seus doutos cinzeis; e o antigo Apelles
 Aos olhos naõ roubou da sabia Grecia
 A portentosa Deosa de Amathunta,
 Em que vencida a destra Natureza,
 Foi dos esforços da Poesia muda.
 E tu consentirás, que teus Escriptos,
 Que valem mais que os marmores, e bronzes,
 Soffraõ a pena de hum silencio eterno?
 Se antigos Vates tal furor tivéraõ,
 Que seria de Horácio, e de Virgilio,
 Do engenhoso Nasaõ, do altivo Estacio?
 Se como sentes tu, sentira Homéro,
 Qual dos modernos Vates poderia
 Hoje banhar-se nas Aónias aguas?

Dis-

Dista mui pouco a Inercia da Virtude,
 Se a Virtude se occulta, como a Inercia.
 Essa novilha, celebrada tanto
 Esforço de Miron Syracusano,
 Que a si, e a seu Author deo Fama e nome,
 Deve mais esta Fama á luz do Mundo,
 Que á douta maõ do Artifice pasmoso:
 Deo-lhe as feições Miron, e a Fama a vida.
 Se teimoso te escondes, e sepultas,
 De que te serve a dádiva Celeste,
 Feita a poucos no Mundo, a Poesia?
 Se desprezas o louro, que aproveita
 Havello merecido? Que duvidas,
 Ou que terror fantastico te encolhe?
 Nada falta a teus versos, douta lima
 Os tem purificado, os tem polido.
 Em torno a ti revôa a eterna Fama,
 Nas mãos os louros traz, nas mãos a tuba;
 Solta as prisões á rápida Quadriga.
 Ah! não duvides, vencedor no Estadio
 Bem depressa serás, seguir-te-hão promptas
 As merecidas Palmas de Iduméa.
 Quantos desejaõ circundar a frente,
 E enastrar os cabellos de hera, e louro;
 Mas as heras, e os louros se lhes negaõ,
 E Febo he surdo, as Musas insensiveis.

Já

Já tu contas vivendo , esses triunfos ,
Que a Fama a poucos deo depois da morte.
Vejo voar Calliope do Pindo ,
Conduzindo-te a c'roa ; e o douto Choro
Dos sublimes Poetas te assinalla
O lugar entre si , de lá te acêna
De lá bradando está , que a honrallo venhas.

De Elmiro Tagidio :



S O N E T O.

Temendo Amor que ao Mundo eu publicasse
 Em brando metro seu rigor temido;
 Mil vezes me implorava prevenido,
 Que ao som da lyra as vozes não soltasse.

Temia que se os damnos meus cantasse,
 E fosse dos Mortaes meu canto ouvido,
 Que em Pafos, Erix, em Cythéra, em Gnido
 A dar-lhe cultos ninguem mais entrasse:

Mas vendo-me no intuito permanente,
 Em novas magoas me submerge tanto,
 Que a voz me abafa, me perturba a mente.

O mal que Amor me fez choro não canto;
 Mortaes, ouvi-me ficarei contente
 Se hoje de exemplo vos servir meu pranto.

S O N E T O. *A Alcippe.*

Formosa Alcippe , aos teus desdens affeito ,
 Quando mais terna a mim volves o rosto ,
 Sinto , adorado bem , sinto de gosto
 Pular-me o terno coração no peito.

Se entãõ procuro , em vivo amor desfeito ,
 Pintar-te os damnos a que vivo exposto ;
 De novo ás iras do cruel desgosto
 Ficar me deixa teu rigor sujeito.

Ah ! quando te hei de ver mais grata , quando !
 Se não foste no Caucaso nascida ,
 Attende aos ais qu' aos teus ouvidos mando :

Mas quem sabe , meu bem , se enternecida
 Teus agrados me negas , receando ,
 Que o prazer de os gozar me roube a vida.

SO:

S O N E T O.

MAndou-me Alcippe, que vivesse atado
 Do Nume Idalio no grilhaõ cruento.
 Quebrei os votos de viver isento,
 E os pulsos te offertei, cruel Vendado.

Em rigida cadeia agrilhoado
 Tenho erguido padrões ao soffrimento;
 Vendo a Iniqua zombar do meu tormento
 Solta, e feliz, eu preso, e desgraçado.

Que os duros ferros com meu pranto gaste
 Manda, quando lhe imploro lenitivo.
 Não soffras isto, Amor, de injurias baste.

Se o nome queres ter de compassivo,
 Ou desata as prisões que me lançaste,
 Ou prende aquella por quem preso vivo.

S O N E T O.

Perfida Alcippe, não te lanço em rosto
 Quanto soffrido tenho a teu respeito:
 Nem os vivos extremos de meu peito,
 Por ti mil vezes á desgraça exposto.

Mas de teu falso coração deposte,
 Lembro-te as juras vans que me tens feito:
 Lembro-te aquelle Amor tão bem acceito,
 Que n'outras eras te preencheo de gosto.

Se a nada attendes, se o rigor duplicas;
 Rouba-me a vida, acaba os meus queixumes,
 Que assim a offensa de te amar despicas.

Naõ temas que vingança implore aos Numes:
 Que impios remorsos a que exposta ficas
 Vingaraõ minha morte, e meus ciúmes.

SONETO.

SE da vil que te sulca me vingares,
 Antes que mais o dissabor me enoje,
 Neptuno, huma hecatomba, verás hoje
 Tingir de quente sangue os teus altares.

Morra, morra a cruel: toldem-se os ares:
 Raios ardentes Jupiter lhe arroje:
 Sovertão-lhe o baixel, em que me foje,
 Urrando horrendamente os roucos mares.

Desça bramindo ao Reino do queixume
 Sua alma indigna, damnos soffra eternos
 Das mãos das Furias no Tartareo lume:

Mas não, não a mateis, Numes supernos,
 Prove ciume igual ao meu ciume,
 Que este inferno equivale a mil infernos.

S O N E T O. *A Lilia.*

ARmour-se' hum dia Amor, da eburnea aljava
 Hum ferro tira de cruenta ponta :
Hoje (diz) vingar quero tanta affronta :
Lilia ou morta ha de ser, ou minha escrava.

Els entre os Risos Venus assommava ;
 Ao vella o Numen hum triunfo conta,
 Que julgando ser Lilia a seta apronta
 E n'alma ; cego de furor, lha crava :

Fêro, a Deusa bradou, zombas comigo ?
 E Amor fazendo na illusão repáro,
Ah ! mereces, lhe diz', maior castigo.

Frouxa me negas contra Lilia amparo,
Vendo que nada, cruel Mãi, consigo
Se as frechas naõ inflammas, que dispáro.

SONETO

NUm verde espesso bosque se occultavaõ
 Feras quadrilhas d'impios Salteadores ;
 Das tropas do Frecheiro desertores ,
 Que tudo a ferro , e fogo devastavaõ.

Almas , e vidas , corações roubavaõ
 Por toda a parte semeando horrores :
 Corria a fama atróz dos Agressores ,
 E ermos de gente os campos se encontravaõ ;

Mas vem Lilia em soccorro assalta , e rende
 Os perfidos Ladrões , que melhor fora
 Frustrada ser a grande acção , que emprehende ,

Que em premio da conquista a Vencedora
 Mais vidas , almas , corações pretende ,
 Do que roubava a chusma salteadora.

S O N E T O .

DÉ enlaçados listões ornava hum dia
Os brandos fios d'ouro Lilia bella ,
E attento hum cauto Amor naõ longe della
A urdir potentes laços aprendia.

Belmiro opposto ao Deos qu' a scena via ,
E o bem da triste humanidade zela :
*O Lilia , ó Lilia , disse , tem cautéla ,
Que hum perfido Frexeiro te vigia .*

O Nume o opprobrio castigar procura .
Tece impias tramas , e depois de armálas
Néllas as mãos ao Misero segura .

*Ves-te em prisões , lhe diz , temes rojallas ?
Pois roga á Lilia , naõ a mim soltura ,
Que urdilla's aprendi , naõ desatallas .*

S O N E T O .

SE Amor de brancas pennas me cobrira,
 E em ledo veloz cysne me tornára ;
 Onde me occultaõ Lilia hoje voára,
 E o que faz sem me ver ancioso vira ;

Se a novo Amante sobre a Idalia pyra
 Votos fazendo a Perfida encontrára ;
 Tornando ao ser antigo lhe arrancára
 As vis entranhas abrazado em ira :

Mas se chorosa a visse , entaõ cantando
 Tentára divertilla ; e se ainda austera
 Nada attendesse , em mim terna pensando ;

Cego de gosto hum vdo aos pés lhe déra ,
 E ella encerrada , e linda , eu cysne , e amando ,
 Outra Leda , outro Jove Amor tivera .

S O N E T O.

Que Nynfa observo alè m , qu' anciada corre !
 As roupas , e a madeixa ao vento dando :
 Hum Fauno a segue os braços alongando ,
 Que vejo ! he Lilia , ó Ceos ! quem a soccorre !

Foge que eu vou ! cruel na farpa morre
 Deste impio ferro , que a teu peito mando :
 De vista os perco , ai triste ! ai miserando . . .
 Vinganças ! que farei ! nada me occorre.

Furias , que nalma rebramar presinto ,
 Surgi , roubai ao Perfido os alentos ,
 Que a vida em troco victimar não sinto :

Mas eis Lilia o meu bem , fugi tormentos ,
 Nas mãos o ferro tráz no sangue tinto
 Do vil , que teve de aggravar-me intentos .

SO.

S O N E T O.

Lilia em quanto não fuge a fresca tarde
 Desce ás 'margens frondosas deste pégo,
 Vem ver quem de saudades louco, e cego
 Pela doçura de teus olhos arde.

Attende aos rogos d'um Amor cobarde,
Que te chama do rio em que navego:
Vem, ou pôr termo ao pranto a que me entrego,
Ou do teu desamor fazer alarde.

Assim clamavâ Alzeu, qu'a Lilia adora,
 Eis como encanto, d'uma algosa gruta
 Ouve dizer com voz clara, e sonora:

Naõ chames, Pescador, quem não te escuta;
Lilia nos braços de Belmiro agora,
Quanto ha doce em Amor, tanto disfruta.

SONETO *A Celia.*

T Into de sangue por braço mostrava
 Cupido hum ferro, que não trazia,
 Com que de Celia traspassado havia
 O peito esquivo, que a fereza armava.

*Este, que illustra minha eburnea aljava,
 Cravei na Ingrata, para mim dizia;
 E eu duvidoso da expressão qu'ouvia,
 Como a feriste? ao Nume perguntava.*

Mas o tyranno de affligir sedento,
 Indo travesso a figurar o tiro,
 Sem dó me fere c' o farpaõ cruento.

: Foge-me d'alma a Celia hum vaõ suspiro;
 E alegre o Falso de meu mal violento,
Eia, me torna, foi assim, Belmiro.

SO:

S O N E T O.

MEntes Lemano a minha Celia amada
 Não he quem julgas , tenho melhor gosto ,
 Contempla esta pintura mal traçada ,
 Verás o engano do que tens supposto.

Aureas madeixas tem , fronte nevada ,
 Olhos escuros , agradavel rosto ,
 Boca gentil de perolas orlada ,
 Collo de leite , e purpura composto.

He grata , esperta , affavel , carinhosa ,
 Meiga no gesto , no fallar singela ,
 Cheia de encantos , delicada , airosa :

Os signaes aqui tens da minha Bella ,
 Vê se a que dizes , para mim odiosa
 Podes acaso comparar com ella.

S O N E T O.

COm duros ferros me enlaçaste os pulsos,
 E accendes em minha alma fogo activo,
 Sem que possaõ tornar-te compassivo,
 Amor, Nume sem lei, meus ais convulsos;

Quantas vezes, Traidor, não tenho impulsos
 De obstar aos damnos em qu' ancioso vivo,
 E sem de objecto algum viver captivo
 Só falsos votos prodigar avulsos:

Se québro esta prisaõ, que me envergonha,
 Depois dado ao prazer da variedade
 Ninguem, qu' eu torne aos laços teus supponha.

Que na posse d' alegre liberdade
 Teus fructos posso obter, sem que me exponhã
 Aos dois monstros crueis, Zelo, e Saudade.

SO-

S O N E T O. *A Laura.*

CRÁVA-me antes no peito hum ferro duro,
Do que me digas Laura, que te offendo;
Quem poderá teu doce agrado obtendo
Outro objecto adorar, ser-te prejuizo?

Se á loura Nize ter Amor figuro,
A posse de seus braços naõ pretendo;
Para teu rosto ver della dependo,
E tella em meu favor cauto procuro.

Se tanto extremo te naõ fosse ignoto,
Eu vira o premio da illusaõ que traço,
Em vez das iras, que em teu gesto noto:

Que em meus pulsos d'Amor beijando o laço,
Os cultos, e oblações qu' a Nize voto,
Saõ sacrificios, qu' a teus olhos faço.

SO-

SONETO.

*M*Edonha corre a noite , a frouxa Lua
 A furto mostra o rosto desmaiado ,
 Em mil voluveis serras levantado
 Ruge raivoso o mar na praia nua ;

*Hum só baixel nas ondas não fluctua ,
 Os Nautas dormem , zune o vento irado ;
 Ah ! doce Laura , Ah ! doce objecto amado ,
 Quem vira agora a linda imagem tua !*

Assim as vozes eu soltava ancioso ,
 Quando Laura , o meu bem , a minha estrella
 Ao lado vejo , e vejo-me ditoso.

No meu pobre batel entro com ella :
 Oh Ceos ! desde que sulco o Tejo undoso ,
 Nunca vi , nem gozei noite mais bella.

SO-

S O N E T O .

JA' matizando o Ceo de vivas cores
 Vinha a brilhante aurora apavonada ,
 E inda sobre os meus braços fatigada
 Laura dormia , Laura os meus amores ;

De terna magoa , d'horridos temores
 Vejo minha alma a hum tempo salteada ,
 Sinto privar do somno a minha amada ,
 Temo vejaõ , que logro os seus favores.

Em quanto pugna em mim susto , e ternura ,
 Vistos somos d'Espia vigilante ,
 Que o nosso affecto destruir procura.

Vou-me , deixo o meu bem ; desde esse instante
 Cançados olhos , olhos sem ventura
 Nunca mais vistes seu gentil semblante.

SO

S O N E T O.

Junto deste cypreste corpolento ,
 Ah ! corre pranto meu , Laura mimosa ,
 Que já do Summo Bem no Empyreo gosa ,
 Fez de amar-me o primeiro juramento.

Que presagios naõ vio nesse momento
 Por estes campos a minha alma anciosa !
 Gralha da esquerda ergueu voz espantosa ,
 O Ceo toou , zunio raivoso o vento.

Pouco tempo tardou qu' a Sorte escura ;
 De funestos desastres precedida
 Naõ viesse turbar nossa ventura.

Morreu Laura , o meu bem , Laura querida :
 E eu por damno maior , pena mais dura ,
 Tive a desgraça de ficar com vida.

S O N E T O.

Risonha margem do aprazível Tejo,
 Donde o Ceo me roubou Laura amorosa,
 Não sei que nuvem negra, e pavorosa
 Me cobre o coração quando te vejo!

Da scena atroz, que em vão riscar desejo
 De minha alma infeliz terna, e saudosa,
 Tu me avivas a imagem lastimosa,
 Risonha margem do aprazível Tejo.

Se já findou em ti minha ventura,
 Findem também meus horridos tormentos;
 Dá-me em teu seio morte, e sepultura.

Quem em tanta magoa, damnos tão violentos
 Destina Amor, destina a Sorte dura,
 Que onde Laura perdi, perca os alentos.

SO-

S O N E T O *A Inalia.*

DE mil ciumes , de temores cheio
 Sinto meu peito ancioso , e palpitante ,
 Quando não vejo , Inalia , o teu semblante
 Dos tristes olhos meus doce recreio.

Ora me finge o pallido receio ,
 Qu' és victima da Parca devorante :
 Ora qu' acceitas cultos de outro Amante ,
 E vans quiméras por verdades creio.

Mas apenas te avisto a face linda ,
 Foge meu damno , alegre beijo os laços ,
 Que humidos acho de meu pranto ainda.

Ah ! se Amor nos ligou , rompe embaraços ,
 Cumpra teus votos , meus tormentos finda ,
 Vem adorada ser entre os meus braços.

SONETO.

Hoje qu' *Inalia* faustos annos conta,
Anda, me disse Amor, *anda* comigo,
Verás d'um Nume teu contrario antigo
Até que ponto o obsequio se remonta:

Nesta nuvem, que ves a erguer-se pronta,
De Cypria ao Templo voarei contigo;
 Disse, e os passos do Nume alegre sigo,
 Que os leves ares a meu lado affronta.

A Gnido chega; alli vemos ufanos
 De Venus sobre o throno a minha Amada
 Cheia de applausos mil, dons sobre-humanos.

Entaõ sei cultos dar, Amor me brada,
Para louvar da minha Inalia os annos;
Tudo he pouco: eu lhe torno: Tudo he nada.

SO-

S O N E T O.

A Deos Inalia , a Deos meu bem , qu' a Sorte
 Manda qu' eu viva de teu rosto ausente ,
 Estes suspiros , este pranto ardente
 Bem mostraõ quanto o meu tormento he forte.

Por mais que o triste coração conforte
 Desmaio aos golpes d' afflicãõ vehemente ,
 Que a negra Desventura não consente ,
 Que o meu damno termine antes da morte.

Porém se de te amar a gloria tive ,
 Nutrir verás do meu affecto a chamma
 Por mais , qu' o bem de obter-te se me prive.

Que hum puro amor no peito de quem ama ,
 Quanto mais de oppressões cortado vive ,
 Tanto mais cresce , tanto mais se inflamma.

S O N E T O.

HUm pouco hum pouco , ó mar enfurecido ,
 Serena as crespas ondas bonançoso ,
 Deixame o gesto hir ver meigo , e formoso
 De quem me traz de amor louco , e perdido.

Se ao mal-fadado nadador de Abido
 Déste morte cruel no seio undoso ,
 Livra deste destino hum desditoso
 Tambem victima infausta de Cupido:

Deixa-me inda hoje ouvir meigos agrados
 Da minha Inalia , por quem choro ausente
 Nestas areias , nestes descampados.

Mas ah ! triste de mim , qu' o pranto ardente ,
 Que verto de meus olhos desgraçados ,
 Te engrossa mais a rapida corrente !

SO.

S O N E T O.

Voa saudoso lugubre Suspiro ,
 Chega á presença do meu bem amado ,
 E em tom mavioso de afflicãõ cortado
 Conta-lhe os damnos do infeliz Belmiro,

Vê se estima viver nesse retiro ,
 Ou noutro objecto emprega o seu cuidado ;
 Ah ! se assim for , intima-lhe apressado ,
 Qu' ás mãos das Furias sem remedio espiro.

Mas se o vires por mim dando ais ardentes ,
 Consola-o ; dize qu' a fortuna errante
 Nem sempre he contra os miseros viventes :

Que firme seja como sou constante ,
 Que a pezar de Invejosos maldizentes ,
 Inda veremos nõsso amor triunfante,

SONETO *A Jonia.*

Qual Diana gentil n'um bosque umbroso,
 Afoita Jonia as feras assaltava,
 Ora farpas crueis lhes atirava,
 Ora as prendia em laço cavilloso.

Eis colmilhudo Javali cerdoso,
 Que por tres golpes sangue espadanava,
 A linda Caçadora procurava
 As alvas foices esgrimindo iroso.

Eu qu' isto observo c'um farpaõ cruento
 Entrego o monstro ás mãos da morte dura,
 E a Nynfa amavel do perigo isento :

Ser minha em premio agradecida jura:
 Mas hoje sem respeito ao juramento
 Roubar-me a vida com desdens procura.

S O N E T O.

E Stes muros , que ves aos Ceos erguidos ,
 Tenho , alta noite , vezes mil trepado ;
 Aqui Jonia viveo , tendo a seu lado
 Velante escolta d' Argos presentidos :

Pelas calladas trevas protegidos
 Vencer podemos nesso iniquo fado ,
 E ambos de Amor n'um extase sagrado
 Obtivemos prazeres nunca obtidos.

Mas voou tanto bem : Monstros potentes
 Daõ Jonia ao meu rival , Jonia foi sua ,
 Sem lhe valerem lagrimas ardentes.

Meu peito em mares de afflicãõ flutua :
 Amor , se impio naõ és , como consentes ,
 Qu' huns braços , que eraõ meus , outro os possua ?

S O N E T O.

NAõ te comprehendo coração mavioso
 Por Jonia ingrata amante inda palpitas!
 Ao mesmo tempo que fiel me gritas;
 Que horror lhe tenha para ser ditoso!

Se affroxo os laços pranteando ancioso,
 De novo a amalla com razões me excitas;
 Se de novo os aperto, eis que te agitas,
 E avesso fim me auguras temeroso.

Ah! do lethargo, em que te ves, desperta;
 Olha que cego ao precipicio corres;
 Deixa a cruel, do jugo te liberta;

Mas que espiras me clamas; bem discórres;
 Se amando, ou não amando a morte he certa,
 Antes morre d' amor, que feliz morres.

S O N E T O.

FUi entre ferros por Amor levado
 A's vis catastas do cruel Ciume :
 Este era o premio , que me dava o Nume
 De ter a Jonia taõ constante amado.

D' azuis serpentes vejo coroado
 O Estygio monstro respirando lume ;
 D' horridas Furias horrido cardume ,
 Com torvos gestos , lhe vozeia ao lado.

Eis de Zelos crueis bando cruento
 Amim se avança , mil punhaes brandindo :
 Gélo de susto , d' afflicãõ lamento.

Nisto acode a Razaõ meus ais ouvindo ,
 Quebra-me os laços ; furta-me ao tormento.
 Illeso saio da Perjura rindo.

S O N E T O *A Analia.*

HUm dia ornado Amor de verde louro
 No sacro templo do Destino entrava,
 E hum negro almalho ao Nume victimava
 Prever querendo o fado meu vindouro.

O gume de fatal secrete d'outro
 Pelo collo da victima enterrava,
 E aos Ceos co' as mãos o lindo rosto alçava,
 Rogando na oblação propicio agouro.

As entranhas perscruta semivivas,
 Fito a fito auspicia o Sol dourado;
 E o chaõ fere tres vezes successivas:

Depois me clama subito o Vendado:
Naõ mais, Humano, lacrimoso vivas
Analia he tuã, que assim manda o Fado.

S O N E T O.

Quatro vezes na Ecliptica brilhante
 Febo tem dado a fulgida carreira,
 Depois que, doce Analia, a vez primeira
 Vi teu risonho, teu gentil semblante:

Desde tão grato venturoso instante
 Minha alma de teus olhos prisioneira,
 Consagrando-te a fé mais verdadeira,
 Colheu primicias de teu peito amante:

Milhões de vezes por mereê do Fado
 Expertos Argos temos illudido,
 E horas furtivas de prazer gosado.

O Ceo nos chegue ao praso appetecido
 De alegres vermos, qu' Hymineo sagrado
 Nos doura os laços, que tramou Cupido.

S O N E T O.

Vai-se a Lua nas ondas sepultando,
 D' informes sombras terra, e Ceo s'enluta:
 Dorme o vento, na costa o mar não luta:
 Vê-se a espaços a esfera fusilando.

Vaga hum triste silencio o horror dobrando,
 Não se encontra mortal, voz não s'escuta;
 Só no seio daquella horrenda gruta
 Se ouve hum Moxo piar de quando, em quando:

Propicias trevas, sitio pavoroso
 Vede acabar a vida, que o flagella,
 Com ferro atroz, Belmiro desditoso:

Mas qu'emprendo? Quem perde Analia bella
 Deve seus dias conservar ancioso
 Para extinguilos a chorar por ella.

S O N E T O. *A Ilvia*

Mudou-se Amor em Róxinol hura dia,
 E saltando veloz de ramo, em ramo,
 Ora erguia hum gorgeio, ora hum reclamo
 N'um bosque onde Ilvia á sombra em paz dormia.

Eu que os dolos do Falso conhecia,
 Para o prendermos Ilvia a acordo, e chamo,
 Com ella hum traidor laço alli lhe tramo,
 E entre hum vergel nos pômos á vigia.

Na rede cahe o Deos, que armado temos:
 Mas quando alegres a apanhallo vimos,
 Ceos! em vez do Aggressor prezos nos vemos:

Armâmos as prisões, nellas cahimos:
 Ilvia, ó Ilvia meu bem, não as quebremos,
 Que ou brandas, ou crueis nós as urdimos.

S O N E T O

MEus olhos viraõ teu delicto infame,
 Vingado estou; deixei-te, Ilvia impostora,
 Com louco pranto em vaõ tentas agora,
 Que torne a amar-te, que por ti me inflamme.

Vingativa sem prova, sem exame
 Creste-me falso, e foste-me traidora:
 Por hum vil me trocaste, hum vil adora;
 Que he justo que huma indigna, indignos ame.

Odiar-te devo, que a Razaõ mó pede:
 Vãmente fazes de illudir-me estudo,
 Qu' ouvir-te hum novo amor me não concede:

Morro por Marcia, de paixãõ não mudo;
 Que Marcia tanto em perfeições te excede,
 Quanto eu excedo ao meu rival em tudo.

SO:

SONETO *A Marcia.*

Quando hoje a Aurora no rosado Oriente
 Vinha os campos d' aljofares cobrindo,
 De Marcia aos annos mil canções urdindo
 Amor pulsava Cithara cadente.

Eu qu' invejoso, n'um vergel frondente
 Do Nume estive o doce canto ouvindo,
 Dos ramos cheio de fervor sahindo,
 Das mãos lhe roubo a Cithara impaciente.

Quero cantar, lhe grito prasenteiro,
 Eis lançando-me o Deos grillhões tyrannos
 Me diz: *Vivente*, chorarás primeiro.

De meus ferros mortaes exposto aos damnos,
A victima serás, qu' hoje o Frexeiro.
De Marcia bella sacrifique aos annos.

S O N E T O.

Porque me roubas o descanso antigo
 Amor , tyranno Amor , falla , responde ?
 Que por mais que minha alma inquirã , e sonda
 Culpa não vejo para tal castigo.

Se frôxo ha tempos tuas leis não sigo ,
 He medo ás fraudes , que teu gesto esconde :
 Dize , Inhumano , donde nasce , donde ?
 A fereza , o rigor qu' usas comigo ?

Mas Ceos ! Marcia gentil o roubo ampara !
 Marcia gentil , encanto sem segundo ,
 Para meus pulsos laços mil prepara !

Cruel , eu entro nas prisões jucundo :
 Ah ! se o teu fogo vivido faltara ,
 Que triste fora subsistir no mundo.

S O N E T O

SE intentas ser meu barbaço homicida,
 Basta Cupido, basta de tormentos,
 Téns duras frexas, tens grilhões cruentos,
 Ata-me as frôxas mãos, rouba-me a vida.

Mas deixa qu' o meu bem, Marcia querida;
 Soltar me veja os últimos alentos,
 Naõ separe de mim, nem por momentos,
 Quem tanto enleia esta alma enternecida:

Os ais te movaõ, que derramo a espaços,
 Primeiro rasga o peito meu constante,
 Do qu' intentes romper taõ firmes laços.

Marcia me aperte no final instante,
 Que antes morrer desejo entre seus braços,
 Do que viver dos olhos seus distante.

SO-

S O N E T O *A Natércia.*

N Aõ mais , Natércia , reciosa vivas
 De que ando pesaroso de adorar-te ,
 Que Amor aos olhos meus sabe pintar-te
 Com gratas cores cada vez mais vivas.

Chorosa ás vezes de te ver me privas ,
 Porque me increpaõ de estremoso amar-te :
 Que modestia ! meu bem , naõ sei mostrar-te
 Quanto me agradas , quanto me captivas.

Dignos somos de amar , sem susto amemos :
 Quem murmura de ver-me a ti ligado
 Embora , Idolo meu , fallar deixemos.

Que ou teus dotes naõ tem inda observado ,
 Ou se os observa , e culpa os meus extremos ,
 Tem d'um rochedo o coração formado.

*A Irene enfadada por lhe ter cahido no chaõ
hum caõsinho, que tinha no collo,*

S O N E T O.

DArdeja os raios teus, Jove infinito,
A soltas, negras cinzas me reduzê:
Guardar-me a terra o frio pó recuse,
Seja meu nome dos Mortais proscrito:

Nas horridas masmorras do Cocyto
Meu crime horrendo sem cessar me accuse:
Comigo de piedade ninguem use,
Que em fim sou réo do mais atroz delito.

Forjem os monstros, qu' Orco immundo aninha
Novos tormentos, qu' a infernal morada
Pena devida aos erros meus não tinha.

Que fui tal, ó catastrophe impensada!
Que de Irene o tó-tó, por culpa minha,
Cahio no chaõ, ganio, mas não fez nada.

SO-

S O N E T O.

G Raças a Amor! quebrei o grilhaõ duro,
 Que em firmes voltas me opprimia os braços,
 E isento, por trofeo, os vis pedaços
 Hoje nas aras da Razaõ penduro.

Inda naõ posso crer, que estou seguro
 De infames dolos, inda tremo a espaços,
 E incredulo do bem, os ferreos laços
 Nos pulsos duvidoso inda procuro.

Livre estou, mas dos Zefyros no dorso
 Inda aos orbes meus ais mando insessante,
 Inda para alegrar-me em vaõ me esforço:

Que lasceraõ minha alma a todo o instante
 A lembrança cruel, o impio remorso
 De taõ fiel ter sido a huma Inconstante.

SONETO *A Inalia.*

AS leves chinchas Marineu lançava
 Do manso Tejo ná corrente undosa,
 E á loura Algéa Nynfa carinhosa,
 Cheio de affecto, o lanço dedicava.

Eis de bravos tufões falange brava
 Incha o mar, nubla o Ceo, ruge raivosa:
 Chovem raios da esfera tenebrosa,
 E o baixel n'um rochedo lhe abicava.

O triste amante ná afflicãõ tremenda
 Só clama por Amor, com voz afflita,
 Sem qu' á morte cruel fugir pestenda.

*Que intentas, diz o Nume: o Infausto grita
 O coração me salva, não se offenda
 A linda Algéa, que nelle undu escrita.*

S O N E T O

SAltando sobre a praia humida, e fria
 O terno Alfeu, que á dura Algéa amava,
 O barco ao tronco d'um salgueiro atava,
 E ao Sol as pardas redes estendia.

*Ondas ligeiras respeitai hum dia
 O districto em qu' eston, mesto bradava,
 Eis o nome da Nympfa, que adorava
 N'areia entre soluços escrevia.*

Assim qu' em lello hum pouco se recreá,
 Vai beijallo, e huma vaga marulhosa
 Lhe entra na boca removendo, a aréa.

*Al! (clama o triste erguendo a voz queixosa)
 Quem te lia de amar se mesmo escripta, Algéa,
 Com quem te ama és esquiva, és amargosa.*

S O N E T O.

CEos ! qu' implacavel horrida figura
 Destas campinas cruel posse toma !
 De enorme vulto , viperina coma ,
 Faiscantes olhos , torva catadura.

Ponte-agudo pūnhal na mã perjura
 Goteando sangue , com terror lhe assoma ,
 E em ferreo carro diras Furias doma ,
 Prole cruenta lá da Estygie escura.

He a Discordia qu' os Mortaes debella ,
 Os passos segue da Illusaõ ferina ,
 E os Odios assanhando nos flagella.

Mas eis lá desce em nūvem crystallina
 Limpa Verdade ; fuge o monstro ao vella ,
 E aos nossos lares volve a Paz divina.

No anniversario das nupcias do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Bellas José. de Vasconcellos e Sousa.

S O N E T O.

D *Eixai os filtros os farpões hervados,
Respire o mundo em paz neste almo dia;
Ledos hymnos cantai, Amor dizia
A' linda tropa dos crueis Vendados:*

*Hoje faz annos, inclytos Soldados,
Que á luz do Cirio de Hymineo qu'ardia
Ezio prendemos, e a formosa Armia
Em doces ferros pelo Ceo dourados.*

*A prole destes Conjuges ditosos
De Lyzia honra será, do mundo espanto,
E a nós se devem bens taõ portentosos.*

*Callou-se o Deos, e a grata chusma entanto,
Sobre os astros levanta os dois Esposos.
Nas puras azas d'um celeste canto.*

Nos faustissimos annos do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Bellas José de Vasconcellos, e Sousa.

S O N E T O.

NÃo decanto, Senhor, neste aureo dia
Tua alta Prole, teu Natal florente,
Qu' he na ordem do mundo hum accidente
Nascer de humilde, ou nobre Jerarchia:

A sãa virtude que teus passos guia
Te dá lustre maior, mais permanente,
Que sem este almo dom do Ceo clemente
He fumo, he sombra, he nada a Fidalguia.

A mil varões de sangue excelso, e nobre
Inuteis sendo aos miseros humanos,
Sem fasto, e nome fria pedra cobre:

Mas tu qu' abranges detes soberanos,
Valendo ao triste, soccorrendo ao pobre,
Do Lethes salvas teus ditosos annos.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Duque de
Lafões nas melhoras de seu Excellentissimo filho,
Duque de Miranda do Corvo em Nov. de 1799.*

S O N E T O.

Lafões, dos Lusos inclyto Patrono
Exulta, vive teu amavel filho,
O Ceo, a quem prostrado a fronte humilho,
Tuas preces ouvio em nosso abono.

Mais naõ temas, Senhor, qu' hum ferreo sonno
De seus olhos taõ cedo offusque o brilho,
Que dos Regios Avós pisando o trilho,
Os Ceos o guardaõ para honrar hum Throno.

O herdado Heroismo, que no peito enserra
Mais no mundo o fará temido, e amado,
Do que Tito na paz, Scipiaõ na guerra.

E inda espero, qu' o vejas a teu lado
Naõ só dar leis aos Principes da terra,
Mas aos pés submeter a Morte, e o Fado.

No dito Excellentissimo Senhor Duque de Lafões.

S O N E T O.

O Costume, Senhor, faz natureza,
E desde a infancia hum joven costumado
A ver o rosto de Bellona irado
Naõ desanima na mais ardua empreza.

Orna esforço Marcial, Marcial destreza,
Ao qu'entre as duras armas he criado,
E engrandece a Nação, faz honra ao Estado
Educar Cidadãos para a defeza.

Se attendes á verdade em que me fundo,
Faze que o tenro filho meu se aditte.
A's falanges de Marte furibundo :

Que se as graças do Céo não tem limite,
Talves que vejas huma vez no mundo
Quem na Sciencia no valor te inite.

Ao dito Excellentissimo Senhor, sendo gratificado com os honrosos cargos, que o Principe nosso Senhor foi servido conceder-lhe em 6 de Janeiro de 1801.

S O N E T O.

SE o Trono exalta os meritos supremos,
 Que em ti flamejaõ com fulgor constante,
 He porqu' une em tua alma o Ceo brilhante
 Quantas virtudes espalhadas vemos.

Parabens, naõ a ti, a nós daremos
 Da fausta escolha do feliz Reinante,
 Que tu obtens a graça relevante,
 E nós os fructos da mercê colhemos.

Se Pai dos Pobres és, se dás sem custo
 O teu descanso pelo nosso em trouco,
 Que o digno premio alcances, quanto he justo!

Mas que te proporcione errado, e louco!
 Se tudo que naõ for hum Solio Augusto,
 Para teus dotes premiar he pouco.

S O N E T O.

Que assombro! aos astros subito se eleva
 Padraõ á Lusa gloria consagrado ,
 Nelle hum busto se observa collocado
 Onde Jove , incessante , a vista ceva.

Dissipa da ignorancia a opáca treva
 A luz suprema com que brilha ornado :
 Da Gratidaõ nas azas levantado
 Mil oblações o Patrio-amor lhe leva.

Rota a carne mal sã do peito informe ,
 Prezo com cem grilhões Bruto mesquinho
 Junto da altiva base , ou freme , ou dorme.

Eis ao raro Portento me avizinho ,
 Este he da magra Inveja o monstro enorme ,
 E aquelle o busto do immortal Coutinho.

S O N E T O.

NO seio desta fria sepultura
 Jaz Lelia , a linda Lelia sepultada ,
 Em terra convertida , em sombra , em nada
 Graça , belleza , discrição , ternura ,

Pelo braço cruel da Morte dura
 Ao mundo em fresca idade foi roubada ,
 E como era dos Ceos , aos Ceos levada
 Foi entre Cherubins su' alma pura :

Ah ! se os meus eccos podem commover-te ,
 Espirito feliz , no Olympo Santo ,
 Onde entre os Anjos Adonai quer ter-te ;

Põe termo ao pezar meu ; porqu' entretanto ,
 Que a Deos não rogas , que me suba a ver-te ,
 Neste Sepulchro choverá meu pranto .

SO.

Aos terremotos , e tempestades do mez de Janeiro de 1803.

S O N E T O.

F Remem , supremo Deos , ventos irados ,
 O Ceo diluvios d'agua desencerra ,
 Abála fogo sotterraneo a terra ,
 Rugem os crespos mares indignados :

Flagellos taõ crueis , taõ duplicados
 Do mundo , que remiste hoje desterra ,
 Qu' impios remorsos que nos fazem guerra ,
 Sabem punir assás nossos peccados:

O fragil coração d'horror partido
 Agora , immenso Nume , agora temos ,
 Que teas o braço justiceiro erguido.

Porque , tristes de nós , só conhecemos
 Que somos réos , que temos dilenquido ,
 Quando eminentes os castigos vemos.

SO-

A' Virgem Maria da Conceição.

S O N E T O.

MAi dos tristes Mortaes , Virgem Celeste ,
 Intacta , pura , Santa , Immaculada ,
 Calça-te a Lua , e d'Orbes coroada ,
 Fulgor mais puro , que o do Sol te veste :

No collo a planta á serpe audaz pozeste ,
 Que em vaõ se annella , se corcova anciada :
 Abriste as portas de Siaõ sagrada ,
 E ao mundo escravo redempção trouxeste.

Depois que leis observa a natureza ,
 Só tu nasceste , por divino arcano ,
 De graças fonte , fonte de pureza ;

Que na mente do Eterno Soberano
 Foste ab-inicio do contagio illesa ,
 Qu'a prole infesta do primeiro humano.

SO-

*Mote**Hum ferro agudo no meu peito crava.*

S O N E T O.

MOrro, Ingrata, por ti, mais hum instante
 Naõ posso disfarçar minha ternura,
 Se por louco me tens, desta loucura
 Culpa teus olhos, teu gentil semblante.

Quem póde ver-te sem se ver amante,
 Prova ter coração de rocha dura ;
 Que mal se põe em Campo a formosura,
 De humanos peitos sempre sai triufante.

Que immensa dita se enxugar quizesse
 O pranto ardente, que meu rosto lava,
 E hum viso ao menos de amorosa dèsse :

Mas se taõ pura confissãõ te agrava,
 Antes qu' o triste desengano expresses
Hum ferro agudo no meu peito crava.

SO-

Ao mesmo Mote.

S O N E T O.

HErvaõ se igneos farpões , rufaõ tambores ,
Soltas ondeaõ rubidas bandeiras ,
E contra Lilia marchaõ prazenteiras
Impias falanges de crueis Amores.

Chovem de parte a parte os passadores :
Disputa-se o combate horas inteiras ,
Até que rotas as crueis fileiras
Cedem o Campo ao sem de mil clamores.

Eu qu' isto observo de ternura cheio ,
Vendo o imperio d'Amor , que se acabava ,
Seus infortunios , sem cessar pranteio :

Lilia , que ufana da victoria estava ,
Porqu' eu chore o meu mal , não chore o alheio
Hum ferro agudo no meu peito crava.

*Mote**A doce gloria de viver contigo.*

S O N E T O

N Aõ sei , Marcia , naõ sei , que laço forte
 Me traz ligado a ti , que hum só instante
 Me naõ posso apartar do teu semblante ,
 Por mais , e mais tormentos que suporte :

O cego errado mundo , a iniqua sorte
 Me vedaõ , que eu te logre em paz constante ,
 Quando o Amor que te abraza o peito amante
 Faz , qu' eu só deixe de te amar por morte .

Lei do Destino , lei severa , e dura
 Me condemna a soffrer o atroz castigo
 De tanto ver turbar nossa ternura .

Ah ! que infortunio o meu se naõ consigo ,
 Antes que entre na fria sepultura ,
A doce gloria de viver contigo.

Mote

Venceu-me de Natercia a formosura,

S O N E T O.

TU com setas nas mãos, gesto sombrio,
 E da linda Natercia acompanhado!
 Aposto, Amor, que intentas denodado
 Ter com minha alma novo desafio.

Se animo tens, vem só, que não he brio
 Trazer hum Nume defensor ao lado,
 Verás o como de affoiteza armado
 Dos laços teus, dos teus farpões me rio.

Mas d'almos olhos, que fulgor celeste
 Me abraza o peito! eis morro de ternura:
 Traidor, que estylo de pugnar he este?

Os braços te offereço á prisaõ dura,
 Porém não julgues, não, que me venceste,
Venceu-me de Natercia a formosura.

Mote

Depois de morta a lamentavel Didõa

S O N E T O.

Junto da voraz pyra , que ondeava
D'atro fumo toldando o Ceo formoso ,
Escondendo hum punhal no peito ancioso ,
Convulsa Eliza , á morte se entregava.

Inda ao longo das ondas procurava ,
Com flebeis olhos , o fugaz Esposo ,
E o spectro horrivel de Sicheu raivoso
De seus crimes aos Manes a increpava :

A bocca torce , torce os froxos braços ,
E o ar fendendo com mortal gemido
Assim preclama , a voz truncando a espaços :

*Em vão fôges de mim , consorte infido ,
Que em sombra errante seguirá teus passos
Depois de morta a lamentavel Dido.*

*Moto**O fogo abraçador dos meus ciúmes.*

S O N E T O

Dixou-me ; a fé rompeu qu' as almas ligã ;
 E inda o Ceo contra a vil raios não chove !
 Ah ! quem te ha de temer supremo Jove ,
 Se o teu braço os Perversos não castiga !

Quantas Furias cruéis o Averno abriga
 Contra a Perjura despiedado move ;
 Tormento igual , ao meu tormento prove ,
 Não mais impune em me offender prosiga.

Antes que eu ceda ao mal que me devora ,
 Faze qu' a Indigna encontre , ó Pai dos Numes
 Traição á sua igual nesse , qu' adora.

Vinga meu pranto assim , meus vãos queixumes :
 Depois a cinzas me reduza embora
O fogo abraçador dos meus ciúmes.

Ao mesmo Mote.

S O N E T O.

O Vento zune , mais se empolla o Tejo :
 Infausta pesca ! volto á praia algosa ;
 Porém naquella penha cavernosa
 Alcippe junto ao meu rival não vejo ?

Vogai meus braços ; mas em vão forcejo
 Contra a corrente d'agua impetuosa :
 Ah ! que o Traidor , na face còr de rosa ,
 Mizerrimo de mim ! lhe imprime hum bejo.

Impios , eu vou , tremei do vosso estrago ;
 Mas não posso aportar : Aos meus queixumes
 Surgi , Furias , surgi do Estygio lago ;

Castigai quem me offende , e offende os Numes,
 Que eu ás ondas me arrojô a ver se apago
 O fogo abrazador dos meus ciumes.

Mote

Nunca mais te farei outra ameaça.

S O N E T O.

Que julga sò Amor , não me desdigo ,
 Basta já de soffrer tanto calote ,
 Fazer que Lilia de taful me note !
 E ande trombuda ha quasi hum mez comigo !

Basta basta de petas ! ouve , amigo ,
 Vá ter brincos com outros do seu lote ,
 Se não quer levar muito piparote ,
 Que lho farei melhor do que lho digo.

Mas já soluça ! já perdaõ implora !
 Ah ! não soluces qu' isto em mim foi graça ;
 Tome hum beijo : ora cale-se : inda chora ?

Olha se a Lilia pedes , que me faça
 A mesma festa , que te fiz agora ,
Nunca mais te farei outra ameaça.

(1) *A D. AFFONSO HENRIQUES descercando seu Filho D. SANCHO , bloqueado pelo Miramolim dos Arabes , e treze Reis Mouros , em Santarem.*

E co' a famosa gente á Guerra usada ,
Vai socorrer o filho , e assi ajuntados ;
A Portugueza furia costumada
Em brève os Mouros tem desbaratados.

Camões Lus. Cant. 3 oit. 81.

O D E P I N D A R I C A

E S T R O F E I.

Quando erijo duraveis monumentos
Nos hymnos meus pomposos ,
A quantos , honraõ Lysia , Heroes famosos ,
Algemo as vagas , quebro a furia aos ventos ;
O fulvo Tejo assoma
D'assombro cheio na veloz corrente :
Dá-me o Pindo trofeos na verde côma ,
E dobra Febo , por me ouvir , a frente.

F 2

AN-

(1) Assumpto dado pela Academia das Bellas Letras de Lisboa.

A N T I S T R O F E I.

(1) Se á Patria Prometheu sobio radiosa
 Do fulminante Nume,
 E o facho trouxe do encantado Lume,
 Que empresta vida á estatua auri-formosa :
 Maior audacia eu tendo,
 No Permesse roubei fogo divino,
 E Argolicos pinceis habil movendo,
 Vida concedo aos quadrados, que illumino.

E P O D O I.

De perfidos naõ culpo
 Os Evos devorantes :
 Respeita o Lethes as acções brilhantes,
 Que d'alta Gloria nos umbraes esculpo :
 De AFFONSO a herocidade
 Hoje em meu canto levo a eternidade.

ES:

(1) Audax Japeti genus
 Ignem fraude mala gentibus intulit.

Herat. L. 1. Od. 3.

E S T R O F E II.

Treme a Calumnia ao ver , que os Orbes trilha
 O plaustro meu sonoro ,
 Que nas aureas Canções , que aos Ceos arvore ,
 A luz Celeste da verdade brilha :
 Cysne d'Aonia sendo ,
 A' bifrente lisonja não adulo ;
 Nem de falso louvor louros tecendo ,
 O lustre , a gloria dos Heroes maculo.

A N T I S T R O F E II.

Feros Cacizes (1) juntaõ por mil partes
 As horridas gazuas , (2)
 Do vaõ Miramolim soberbas Luas
 Ondeãõ nos altivos estandartes :
 Horrificas falanges
 De Arabes feros , adargados Mouros
 Levar pretendem nos crueis alfanges ,
 Invicto AFFONSO , teus ganhados louros.

EPO-

(1) Cacizes , os Sacerdotes dos Mouros , que com as suas
 prédicas, em a Nação estando em perigo, ajuntavaõ o Povo , e o
 excitavaõ a tomar as armas:

Ve Jacint. Fr. L. II. num. 147. e Mon. Lus. Tom. III. p. 261.

(2) Gazuas, ou Gazias he o ajuntamento de Gente com

E P O D O II.

Bramindo a infensa Guerra
 Foge da Estygie escura :
 Ao ver-lhe a torva, horrenda catadura ,
 Treme de espanto, de pavor a terra :
 Do Monstro sanguinoso
 Alvo tu foste , Scalabis (1) famoso.

E S T R O F E III.

No Ilion novo, que á vasta Ausonia illustra ,
 De Rutulos cercado
 O Teucro imberbe Julo d'ira armado ,
 Das bravas hostes os intentos frustra :
 Porém armipotente
 D'horror, e susto enchendo os Campos Lacios ,
 Marcha o Dardaneo Heroe na invicta frente
 D'Arcades, Lydios, Populonios, Thracios.

AN-

que os Reis Mouros fazem a Guerra em defensão da Religião,
 e do Estado.

Ve Barr. Dec. II. p. 183, e Mon. Lus. Tom. II.

(1) Scalabis, Scalabiscus, e Scabelicastro são nomes dados
 a Santarem por Plinio, Potolomeu, e outros.

A N T I S T R O F E III.

Qual frecha d'arco Indiano sacudida
 Cahe sobre as longas cohortes,
 E horrenda nuvem desatada em mortes,
 Rouba a Lauso, a Mezencio, a Turno a vida:
 Seu braço procelloso,
 Que horriveis raios incessante expellé,
 Faz que o Stygio Charonte duro, e annoso,
 Affeito ao remo, de vogar anhelle.

E P O D O III.

No fervido combate,
 Cruel impio Mavorte,
 Que usas saciar d'humano sangue a Morte:
 D'horror no peito o coração te bate;
 Mas scena igual divisas
 Nos Lusos Campos, que medroso pizas.

ES.

E S T R O F E IV.

Balistas , Catapultas se levantaõ
 Nos terreos cavalleiros ,
 De hervadas setas horridos chuveiros
 Do invicto SANCHO o esforço naõ quebrantaõ :
 Na bellica estacada
 Do barbaro os progressos agrilhõa :
 Mas lampeja d' AFFONSO a ardente espada ,
 Eis a victoria sobre os Lusos võa.

A N T I S T R O F E IV.

Christãos guerreiros , quaes Leões rompentes
 Das brenbas de Numidia ,
 Dos barbaros prostrando a atroz perfidia ,
 Suplantaõ Sceptros , pizaõ Regias frentes.
 A' torva horrenda Guerra
 O grande AFFONSO a ter furor ensina ;
 Hum diluvio de sangue inunda a terra
 Onde o seu braço troador fulmina.

EPO-

E P O D O IV:

Se pouco inda te exalto
 Os dotes, e os louvores,
 E o quadro teu de mais brilhantes côres;
 Luso Romulo invicto, não esmalto;
 He porqu' o brilho ardente
 De acções taõ raras me deslumbra a mente.

E S T R O F E V.

Dos Almoádes o Rei cedendo a palma,
 Deixa em tributo a vida;
 Tejo, tu viste pela atroz ferida
 Fugir-lhe envolta em fumo a feroz alma.
 Nos Fastos Lusitanos
 Com taõ solemne, taõ feliz victoria,
 O Sabio AFFONSO, victima dos annos,
 De seus triumphos quiz fixar a gloria.

AN-

A N T I S T R O F E V.

Nas paludes Meónides grasnando
 De Adens caterva sôa,
 Veloz Aguia nubicola revôa,
 Investe, prostra, mata o longo bando.
 Ao Persa furibundo,
 Que em seus immensos esquadrões confia,
 Vence o animoso Vencedor do mundo:
 Sempre o numero cede á valentia.

E P O D O V.

Mas se hoje, ó plectro ufano,
 Perder o Norte havemos,
 Breves louvores d'engolfar deixemos
 De tanto Heroismo no profundo Oceano;
 Basta, que Febo intonso
 A empreza toma de cantar d'AFFONSO.

A



A Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa.

Te Genitor stabili firmam sibi lege sacrauit,
Mansuramque tuo fixit sub pectore sedem.
Jacob. Sannazarius de part. Virgin. L. I. v. 116.

(1) O D E

SE entre os canoros Cysnes,
Qu' o patrio Rio affamaõ,
Almo influxo me dá nome distincto,
Celeste Urania, qu' entre os orbes vagas,
Qu' os sacros bosques de Siaõ penetras,
E ao Santo Vate Rei a voz douraste,
Hum filho egregio naõ desdenhes hoje.

Aos

(1) Esta Ode foi recitada na Academia de Bellas Letras de Lisboa na Sessão de 8 de Dezembro.

Aos astros me levanta :

Mas que diviso , ó Musa !

Sobre mim desces com sonoro adejo !

Minha alma verga com teu peso augusto !

Inundas-me em torrentes de mysterios !

O plectro empunho , teus preceitos sigo :

Quem , Libethride , mandas que celebre ?

Qu' observo ! hum quadro immenso

Na mente me debuxas !

Que mais que Febo viva luz dardeja !

Nas mãos aureas Virtudes o sustentaõ :

Curvado o mundo incensos lhe tributa ,

E a torpe Culpa urrando em raiva accesa

Em vaõ pretende macular-lhe o lustre.

Da Gloria a Soberana ,

Iris de paz , bem nosso ,

Virgem tres vezes , Mãi dos peccadores

Eu vejo fulgurar por entre as luzes ,

Qu' á roda em turbilhões mil Soes lhe aggregaõ

Talar , ceruleo , radioso manto

Lhe cai dos hombros em ligeiras ondas.

Mas

Mas do fulgor divino
 A mente deslumbrada,
 Em quadro inverso o turvo Abismo attenta,
 (1) Flammas azuis no centro lhe estrepitaõ;
 Mas fulgente claraõ dellas naõ surde,
 Antes visivel mesta escuridade,
 Qu' horriveis scenas de terror descobre.

O iniquo Rei das trevas
 A horrenda fronte alsando,
 Tantos no mundo por vassalos conta,
 Quantos a nodoa primitiva mancha:
 Parece qu' o Archetypo do Universo
 Creando o globo para o dar aos homens,
 Creára os homens para os dar á stygie.

De

(1) As one great furnace flam'd, yet from those flames
 No light, but rather darkness visible
 Serv'd only to discover sights of woe.

Milton Paradise Lost. Book 1.

De incognitos prodigios

N'um mar vagueio , o Musa !

Depois qu' a Imperatriz dos Ceos me antolhas ,

Porque me pintas de Satan o imperio ?

Se ordem segues nos factos que decantas ,

Lucifer teve essencia antes da Virgem . . .

Mas ah ! eu vos comprehendo , altos mysterios.

Primeiro que do nada

Tirasse os Ceos , e a terra

O immenso Nume que de si descende ,

Já tinha ser Maria Santa , e pura ,

Da mancha illesa do futuro crime :

Na Mente Sacratissima guardada

Para Sacrario excelso do Deos vivo.

Salve gentil Donzella ,

Que de valor armada

Qual Betulia a invicta defensora

Trunca do impio Olofernes a cabeça

Do septifauce horrendo crime truncas

As sevas fronte , que se toucaõ de hydras ,

E os froxos pulsos dos grilhões nos salvas.

Sal.

Salve Mãi, Filha, e Esposa
Da Trina Divindade

Qu' a Lua calcas, toucas-te de Estrellas:
A ti louvores sem cessar descantaô
Anjos, Virtudes, Potestades, Thronos:
De ouvir teu nome o Tartaro estremece,
E os rebeldes Espiritos ululaô.

Salve do Mundo escravo
Feliz Corredemptora.

Salve de graças, de prodigios fonte.
Mas lampeja hum relampago, qu' assombro!
RADIOso raio me fulmina a mente!
Musa acode ao teu vate, qu' emprehendia
Com vôo audaz transpor cohibidas metas.

*No feliz Nascimento do Serenissimo Principe
da Beira o Senhor Dom Antonio.*

Credo equidem , nec vana fides , genus esse
Deorum.

Æneid. L. IV. v. 12.

O D E

Onde os vòs diriço ! onde me elevo ,
Nas azas do Alvorço !
Que Sancto fogo he este ,
Que dentro d'alma scintillar presinto !
Ismenia Lyra empunho ,
Que o Povo do Helicone
Corre ancioso em tropel por escutar-me.

Se filho amado Pathareu me chama ,
Ao vulgo sobranceiro
De Lysia o novo Augusto
Transponho aos Evos no padraõ qu' erijo :
Embora arranque anciada
Da coma as crespas serpes
A torpe Inveja , qu' abocanhia a gloria.

Poema

Põe termo ás tristes dolorosas preces ,
 Ditosa Lusitania ;
 Aos teus ardentes votos
 Annuio de Israel o immenso Numo ;
 Hum Principe adorável ,
 Dos Ceos dadiva egregia ,
 Vem de teus sustos dissipar as nuvens.

Negro marulho com sussurro horrendo
 Na Estygie se levanta :
 Abisma-se a Desgraça ;
 Sobre ella as agúas com fragor se applanaõ ;
 O Tartaro estremece ,
 E o som do baque horrivel
 Nas lobregas abobetas rebomba.

A tristes magoas succedêraõ ditas ;
 Falsifera bramando
 A torva Libitina
 O Regio tronco Bragantino assalta (1) ;
 Mas salva o Ceo piedoso
 O Ramo aventureado ,
 Que pinguês fructos nos produz , nos vingá.

G

Exul-

(1) Allude-se á morte do Sereníssimõ Senhor D. José Principe da Beira.

Exulta, Portugal manda ás esferas;
 Entre fragrantés nuvens
 D'Arabicós incensos,
 Prole da gratidaõ Canticos gratos;
 (1) Em quanto a infausta Europa
 Geme de horror cuberta,
 Os premios colhes da lealdade tua.

Epoca fausta de Saturno, e Jano,
 Os Lusos naõ te invejaõ:
 Dias mais ledos brilhaõ:
 Os Ceos orvalhaõ sobre nós favores.
 A'dextra da Ventura
 Revõa a Paz Celeste
 No vasto seio de Ulysséa invicta.

Sem que surto na tripode Cuméa
 Acceso em furia ulule,
 O Deos luci-comante
 A profetica voz me arranca d'alma
 Sedento de prodigios,
 Lá corro o véo nubloso,
 Que a scena encobre da vindoura idade.

Re+

(1) Allusaõ á Guerra da Europa.

Resenho junto aos penetraes do Fado
 Longo esquadraõ d'Arcanos
 Bramindo enviperada
 Surgir do Averno a Dissençaõ não ousa.
 Da misera Penuria
 Nas macilentas faces
 Germinaõ rosas d' Abundancia filhas.

Lá surge a humilde , abjecta Dependencia
 Dos pés audaciosos
 Da Prepotencia altiva.
 Cahê do seu throno a tumida Soberba ;
 E cheia de improperios
 Dos sumptuosos paços
 Foge a cambiante , perfida Lisonja.

Vem de remoto clima aureo Commercio
 Beijar a Lusa areia.
 Artes , Sciencia , Industria
 Brotaõ de novo prosperas vergonteas :
 Arquejaõ fulminados
 Os Crimes titubantes
 Perante o Solio de Suprema Astreia.

Do Tejo fogem mil baixeis nadantes ,
Galerno lhes sussurra
Nas velas enfunadas ,

Lançaõ algemas do Oceano aos pulsos ,
E sem qu' os rijos bronzes
Vomitem damnos, mortes

A' Patria voltaõ de trofeos cubertos :

Dobrai Celsos , Trajanos , Titos , Numãs
As frentes venerandas ,
Qu' hum Principe recente

Ao Templo chega da immortal Memoria :
Será seu grande nome
Gravado sobre os vossos

Por mãos da Fama nos annaes do Tempo.

O mundo tremerá , se contra o mundo
 Brandir a ardente espada ,
 Virá preso o Triumpho
 No tope de seus fidos Estandartes ;
 De louros permanentes
 Fará qu' a fronte cinjaõ
 Tejo , Prata (1) , Amasonas (2) , Indo (3) , Ganges (4) .

Quando em repouso legislar seus Povos
 Solons , Minos , Lycurgos ,
 Os tremulos joelhos
 Aos seus dictames dobraráõ submissos ,
 Teraõ Laurea as Virtudes. . .
 Musa onde vóas? Pára
 Altos mysterios divulgar naõ ouses.

do

(1) O Rio Prata, a que os Indios chamaõ Paranaguazu, o qual atravessa o Paraguai, e desemboca no Mar do Brazil.

(2) O Rio das Amazonas, que nasce entre as montanhas do Perú, donde corre até ao Mar do Norte, vulgarmente Graõ Pará.

(3) *Indo* Rio da Asia, que tem origem no monte Páropamiso.

(4) *Ganges* Rio da India, que tem o seu nascimento no monte Dalanguer nos confins da Tartaria, atravessa o Imperio do Mogól, e mete-se por muitas bocas no golfaõ de Bêngala.

Ao grande Affonso de Albuquerque.

Se quereis ver o Capitaõ mais claro,
 Que a fama conheceu, que vio a terra,
 Vede Albuquerque insigne, archivo raro,
 Que a disciplina Militar encerra.

Muced. Ulisip. Cantat. XII. oit. 96.

O D E.

Sobre as sonóras rutilantes azas
 Meus aureos Hymnos, que do Lethes zombaõ,
 Hoje, Albuquerque, subirãõ ás nuvens
 Teu grande illustre nome.

Das humanas acções arbitro o mundo
 D'inerte, e froxo, austero me acusára
 Se hum eterno padraõ a gloria tua
 Meu canto não erguêra;

Mas donde teu lóuvor começar devo?
 Se huns aos outros progressos se anticipaõ,
 Instaõ-me todos, que primeiro os cante,
 E a primazia alterçaõ.

Prol-

Prolle de Febo sou , e as brandas Musas
 Régraõ zelosas meus accentos graves ,
 Talvez pensasse leviano vulgo ,
 Que eu decidir-me ousava.

Franças as portas do supremo alcaçar ,
 Onde a Fama eterniza altas empresas ,
 A longa serie de heroismos vejo
 Do Luso novo Marte.

Da fóz do Tejo lá demanda os mares ,
 Lá treme o Oriente , lá se espanta o mundo :
 Inclyto esforço de pavez lhe serve
 Contra a desgraça infanda.

Per entre nuvens de enrolado fumo ,
 Crepitaõ roxas ponte-agudas chamas
 B'arma , Orfaçaõ , Pangim , Calicut vejo
 A cinzas transtornadas.

Por:

Pergamo (1) assim , assim Carthago (2) , e Tyro (3)
 Victimias foraõ do voraz Vulcano (4) ,
 Quando as vaidosas torreadas fronte
 Erguiaõ ás esferas.

Tu do vasto Indostan (5) soberbo Emporio ,
 Rebelde Goa de Bastiões orlada ,
 Provaste vezes duas d'Albuquerque
 Os bellicos furores.

Do fundo seio dos troantes bronzes
 Surge a Morte bramindo envolta em fumo ,
 Dardeja ás cegas coriscantes globos ,
 Pelouros incendidos.

De

(1) *Pergamo*. Troia abrazada pelos Gregos.

(2) *Carthago*. Foi a principal Cidade da Africa sobre as costas da Barbaria destruida , e abrazada por Scipiaõ Africano.

(3) *Tyro* , que hoje se chama Sur , era antiga Cidade da Fenicia destruida , e abrazada por Alexandre Magno.

(4) *Vulcano*. Deos do fogo, toma-se pelo mesmo fogo , e pela figura Metonymia.

(5) *Indostan*. Paiz dos Indios no Imperio de Mogol.

De victoria em victoria Affonso vòã ;
 Eu vejo Trisvari (1) ao jugo atada ,
 E eis d'Aurea Chersoneso (2) a terra beijaõ
 Os horridos Cubellos.

Ao som terrivel das guerreiras caixas ,
 Da Lusa tropa na brilhante frente
 Marcha a Victoria de trofeos cuberta ,
 Do grande Affonso ao lado.

Arabes , Persas , Curaçones , Rumes ,
 Mais ao seu nome , qu' ao seu braço fogem ;
 Naires (3) facciosos , Bramanes (4) soberbos
 O chaõ co' a plebe alastraõ.

A

(1) *Trisvari*. Ilha, onde está situada Gôa.

(2) *Chersoneso*. Península Indiana além do Ganges, hoje Maláca.

(3) *Naires*. Apotentados do Malabar tão Soberbos, que não tocaõ as cousas, que a Plebe toca.

Vid. Barros. D. 1. L. 9, e 13.

(4) *Bramanes*. Sacerdotes dos Indios.

A mente se me turba, eia, soccorro,
 Cytherides (1) gentis, qu' o brilho ardente
 De taõ raras proezas me deslumbra
 Os olhos abismados.

Onor, Baticalá, Dabul, Cambaia
 Mostraõ no rosto debuxado o susto:
 Mascate, Homiliaõ, Lamo, Queixome
 Rojaõ grillhões pezados.

Que horrivel scena junto a Ormus contemplo?
 Do azul Nereo se cobre a crespa face
 De Zambucos (2), Lanchãras, Calaluzes,
 De fogo, e ferro armados.

Eis Albuquerque as bravas ondas sulca,
 Arma-se, corre, chega, oppugna, vence:
 No esquipado Paráo (3) se furta á morte
 O Coge-Atar doloso.

Ine

(1) *Cytherides*. Nome que se dava ás Musas do monte Cytheron da Beocia.

(2) *Zambucos*, *Lanchãras*, *Calaluzes* embarcações dos Mouros.

(3) *Paráo*, Especie de Barco dos Mouros.

Invicto Heroe , teu animo não turbaõ
Cruéis revezes da volúvel Sorte :
Tinge teu sangue com valor golfado
O lar do atroz Ceráme (1).

Reis de Pegu , Siam , Pacem , Maldiva
Supplices olhas a teus pés captivos.
Mais teus progressos , qu'os teus dias foraõ ,
Devias ser eterno.

Na

(1) *Cerame*. Sobrado sustido em quatro pés de Arvores
cuberto com folhas de Ola.

Ao Serenissimo Senhor D. JOAÕ Principe Regente de Portugal.

Na publicação da Paz de Portugal com Castella, e França, e preliminares da Paz Geral:

Un plein repos favorise nos vœux
Chantons, chantons la paix, qui nous rend tous
Heureux.

Racine Idyl. sur la Paix.

O D E

DEixa a Guerra feroz farta de sangue
Os campos de cadaveres cubertos;
Victimas da loucura, e da vaidade:
 Cruentos Homicidios
 Roubos, Traições, Siladas
Voltaõ com ella ao Tartaro horroroso.

Já não se ouvem troar formando curvas
 Igneos pelouros, emulos do raio ;
 Nem com marcio clangor bellica tuba
 Chamando *á morte*, *á morte*
 Assusta, esfria, assombra,
 O terno amor, a candida amizade.

Em nuvem rosea, ó Paz, desces do Olympo
 Mansa Oliveira te circunda a fronte,
 A terra aljofras do sentido pranto
 Assim qu'os olhos fitas
 Na triste infausta Europa,
 Theatro iniquo de horrorosas scenas.

Depõe com teu influxo o ardor mavorcio
 Gallia a rival do mundo, a invicta Gallia ;
 (1) Do seio esquiva de Germania os sustos ;
 (2) D'Ausonia os grilhões quebra,
 (3) E ao septi-fauce Nilo
 Deixa errar sem temor no patrio berço.

Da

(1) *Do seio* etc. entende-se o susto em que a França poz toda a Alemanha.

(2) *D'Ausonia* etc. a liberdade restituida á Italia.

(3) *E ao septi-fauce Nilo*. Virg. *Æneid.* Lib. 6. v. 800.
Et septem gemini turbant trepida astia Nili.

Deixa errar etc. a Evacuação do Egypto pelos Francezes.

Dá-te cultos o undivago Britano ,

(1) Depois qu' o bravo Adamastor algema ,

(2) E da pingue Ceilaõ franqueia as margens ,

E em mil baixeis guerreiros

Trofeos amontoando

Do mar disputa o Senhorio a Thetis.

Faz-te Lysia oblações largando as armas ,

(3) Que além do Idaspe lhe colliêraõ louros

O vasto globo do seu nome enchendo ,

E á sombra do teu Solio

Depondo o orgulho , a sanha ,

(4) O Iberio audaz Leaõ dorme tranquillo.

O!

(1) *Depois que o bravo Adamastor etc.* entende-se o cabo da Boa Esperança.

Ve Cam. Lus. Cant. V. oit. 39.

(2) *Eda pingue etc.* Os Inglezes tomáraõ aos Hollandezes Ceilaõ , e nos preliminares da paz lhe deixaõ o Commercio franco.

(3) *Que além etc.* Allude-se ás grandes conquistas que os Portuguezes fizeraõ na Asia.

(4) *O Iberio etc.* entende-se a Hespanha.

O ! Tempos de terror do Lethes dignos !
 Quanto fora melhor qu' a mão de Jove
 No turvo cáhos vos deixasse occultos ;
 De maldições credóres ,
 Mais luz em vós não tinheis
 Que a luz das flammas em qu' ardia Alécto.

Qual junto a Dirce as horridas falanges
 (1) Do lasso Filho de Agenor colheita ,
 Qu' os impios dentes do Dragaõ brotáraõ ,
 Qu' em mutua horrenda lide
 Naõ cessaõ de matar-se
 Em quanto aos golpes lhes sobejaõ vidas !

Os

(3) *Do lasso filho* etc. Cadmo filho de Agenor, que matando-lhe hum Dragaõ os companheiros junto da fonte Dirce, onde estes hiaõ buscar agua quando se fundava Thebas: Cadmo com o soccorro de Minerva matou o Dragaõ, e semeando-lhe pelo campo os dentes nascêraõ Esquadrões armados, a quem Cadmo temeo, e por sua industria fez que se matassem mutuamente.

Os homens rebelados contra os homêns ,
 Da vida á custa disputavaõ torvos
 Da terra mãi commum porções escassas.

Temia a Natureza

No dessolado globo

Ver extinta de todo a prole humana.

O vesgo infame Crime do Orco oriundo ,
 Co' as vestes da Virtude mascarado
 Em solio horrivel acceitava incensos ,

Em torno ás diras aras

A Fraude , o Incendio , a Morte

De louro as frentes infernaes cingiaõ.

A fulgida Razaõ , astro dos Numes ,
 Tinha apagado seu farol radiosõ ,
 Deixando o mundo submergido em trévas :

Os Brutos , e os Humanos

Erravaõ confundidos

De igual instincto , igual fereza armados.

Ah!

Ah ! quem aos Deoses abrandou com rogos ?
 Quem pôde as iras applacar celestes ?
 Quem fez baixar da etherea azul morada
 Serena alma Concordia ;
 Foraõ as preces tuas ,
 Principe egregio , que puderaõ tanto.

Que brilhante prodigio os Ceos franqueaõ
 A' vista dos attonitos viventes !
 Que a face do Orbe se mudou parece :
 Claraõ de brilho estranho
 De subito dissolve
 A tenebrosa cerraçaõ do globo.

Co' a leda Esposa de Vertumno ao lado
 Ceres ao mundo , que deixára volve ,
 Pingues messes avultaõ sobre os Campos ,
 Solicito o Colono
 Já sem temor d' estragos
 O fructo em paz de seus disvelos collie,

Na firme terra , nos voluveis mares
 Livre o Commercio as livres azas solta ;
 (1) Foge a Penuria mãi de horrendos crimes :
 Porpaga-se a Abundancia
 Renovos mil brotando
 Ao bem propicio dos Humanos todos.

O' Luso Esteia , ó Principe adoravel !
 Se a Patria escudas , pacificas o Orbe
 Se as ditas nossas dadas saõ tuas.
 Sobre as fulgentes azas
 De insolitos louvores
 Teu nome hobreará co' a eternidade.

(1) Magnum pauperies opprobrium , jubet
 Quidvis et facere et pati ,
 Virtutisque viam deserit ardua.

Horat. L. 3. Od. 24.

A hum Rico vaidoso

. AEqua lege necessitas
Sortitur insignes, et imos;
Omne capax movet urna nomen.

Horat. L. 3. Ode 1.

ODE SAPHICA.

O acceso Raio, que furioso ardia
Na rubra dextra do tonante Jove,
A' torre altiva, qu'assombrava os Polos
Subito abate.

Se opprime os hombros do nubloso Atlante
Antiga Faia, que dos evos zomba,
Hum dia aos sopros desabridos ceda
D'Aquilo, e Noto.

Na roda instavel da voluvel Deosa
 Marcada a sorte do Universo gira :
 A nada firme persistencia outorgaõ
 Lubricos tempos.

Vaidoso Auliso , confiar naõ debes
 Nas longas sallas , qu' ataviaõ sedas ;
 N'aurea berlinda que Frisões soberbos
 Rápidos tiraõ.

Pode a Fortuna d'um revez sómente
 Vastos Colossos derrubar por terra ;
 Póde querendo submergir o orgulho
 No horrído abysmo.

Se á lauta meza de iguarias cheia ,
 Onde os naõ fartos Parasitos moraõ ,
 Hoje recibes de venais lisonjas
 Publico incenso !

Mudada a scena servirás de riso
 Aos que te cercaõ Lisonjeiros falsos ,
 Qu' a teus deboches da torpeza filhos
 Meritos chamaõ.

No mār fluctuas das paixões , levando.
Vícios por norte , por baixel riqueza :
Com fresco vento denodado arrostas
Naufragas Syrtes.

O metal fulvo dos avitos cofres
Ganhado a troco de fadigas arduas ,
Naõ goza eterna duraçãõ , e extincto ,
Tornas-te em nada.



D I T H Y R A M B O.

*Nas faustas melhoras do Serenissimo Principe
o Senhor D. JOAÕ.*

Cressa ne careat pulcra dies nota :
Neu promptæ modus amphoræ
Neu morem in Salium sit requies p̄dum.
Horat. L. I. Ode 36.

AO fulvo solar coche luminoso,
Qu' os fervidos Ethontes (1)
Com impeto fogoso
Arrastraõ nos purpureos horisontes
Eu subo, eu subo, qu' o prâzer me instiga,
E á Delfica Deidade (2),
Qu' os Ceos afformozèa

Rou-

(1) *Ethontes*, os quatro cavallos do cochê do Sol Pyrois, Eão, Phlegon, e Ethonte, deste ultimo lhes veio o nome de Ethontes.

(2) *Delfica Deidade*. Entende-se Febo, pelo templo que teve em Delfos Cidade da Beocia junto do Parnaso.

Roubando senhorio , e Divindade ,
 Parar farei a rapida quadriga
 No Zenith (1) de Ulysséa (2),
 E o dia triplicando
 Do Cários surdo á filha (3) umbrosa , e feia
 Farei do vasto Firmamento Ethereo ,
 Qu' as furvas longas azas encurvando
 Frema açaimada no covil Cimerio (4):
 Quero que Lizia (5) veja ,

Que

(1) *Zenith.* Hum dos polos do Horisonte opposto ao Nadir.

(2) *Ulysséa.* A opulentissima , e antiquissima Cidade de Lisboa edificada por Ulisses.

Cam. Lus. C. VIII. oit. 5.

*Que se lá na Asia , Troia insignè abraza
 Cá na Europa Lisboa ingente fñda.*

(3) *Do Cários surdo á Filha.* Entende-se a Noite Filha do Cários.

(4) *Covil Cimerio.* A Scythia , ou Tartaria Paiz sempre cuberto de Neyoeiros , e povoado de bosques densissimos , onde o Sol não entra , e por isso chamado abrigo , ou morada da Noite.

Ve Strab. L. I. e III. e Erasmo adag. Cacutient.

(5.) *Lysia.* Luzitania , ou Portugal nome derivado , ou de Elysios por se julgar que foraõ aqui os Campos Elysios , ou de Lysa Filho , ou companheiro de Bacco , assim como Lusitania he derivada de Luso.

Cam. Luz. Cant. III. oit. 21.

Que hum Triduo (1) tanta dita,
 Illuminado o Ceo, tambem festeja,
 Eu posso, ó Lusos (2), se a razaõ me excita
 Naõ só reger os fulgidos Ethontes
 Deter os orbes, transplantar os montes
 Como tambem do Solio fulgurante
 Desthronar a Dicteu (3) Celi-tonante: (4)

Qu'

Esta foi Luzitania derivada

De Luso, ou Lysa, que de Bacco antigo

Filhos foraõ parece, ou companheiros,

E nella entaõ os incoltas primeiros.

(1) *Triduo.* O espaço de tres dias, palavra adoptada do Latin.

(2) *Lusos.* Os Lusitanos, ou Portuguezes nome derivado de Luso primeiro fundador da Lusitania.

(3) *Dicteu.* Jupiter, assim chamado por ter nascido, e ser criado no monte Dicteu de Creta.

Donec erat parvus; donec puerilia sensit

Jupiter incoluit Dictæi montis in antro.

Apolonio Rhodio L. I. *Argon.*

Ante etiam Sceptrum Dictæi Regis...

Virg. *Georg.* L. II. V. 536.

(4) *Celi-tonante.* Palavra composta de duas Latinas *Cælum e tonans*: Estas palavras compostas, que Horacio abona Art. Poetica v. 46. saõ muito usadas nos Dithyrambos. Francisco Redi no seu *Bacco in Toscana* traz entre muitas, estas:

Qu' o Nume de Niza (1)

Qu' aos tristes alenta ,

E d'alma afugenta

O frio temor.

Que a brindes Evantes (2)

Requesta as vontades ,

A's mesmas Deidades

Me faz sup'rior.

Eia

E altri, cigni ebri-festosi.

Questa che Pan somiglia .

Capri-barbi-corni-pede famiglia.

E Marcello Malaspina no seu Bacco in America

L'ori-crinite stelle de Saturno

Igualmente Benedetto Menzini in *Art. Poet. L. III.*

A té quest' Inno, ó buon Lenão, s'innalza

Ebri-festoso-altier, fiammi-spirante.

(1) *Nume de Niza.* Bacco, criado em Niza Cidade da Arabia feliz perto do Egypto, edificador da Cidade de Niza na India, e venerado em Niza lugar do monte Helicon donde se chamou Nizeu, ou Nizenno.

Ve Luciano Dialog. dos Deoses.

Regeo hum Capitaõ de fronte liza,

Que com frondentes Thyrsos peleijava;

Por elle edificada estava Niza.

Cam. Lus. Cant. VII. oit. 52.

(2) *Evantes.* Alegres: palayra derivada de Evan, ou Evio nome de Bacco.

- (1) *Eia*, *Humanos*, brindemos, brindemos.
 (2) A causa suprema da nossa alegria.
 De Falerno (3) huma dorna aqui temos,
 Qu'
-

(1) *Eia Humanos* etc. Estes versos decasyllabos tem os accentos na terceira, sexta, e nona syllaba, como se vê nestes do *Bucco* in *Boemia* de *Bartoloni*.

*Quel clareto ch' il Rodano manda
 Fia dell'uve il più grato tesoro,
 E ben todo ch'ei sia la bevanda
 Reserbata al tuo calice d'oro.*

Chama-se entre nós de *Gregorio de Mattos*, por ser este o primeiro que os compoz em *Portuguez*.

(2) *A causa suprema* etc. Estes versos chama-se de *Arte maior*, constaõ de dois senarios, tem a quinta, e undecima syllabas longas, como se observa neste de *Camões*.

Não ha formosura que não perceduis

Juan de Mena compoz hum Livro intitulado *Las trezientas* nesta qualidade versos, por exemplo:

*Tus casos fallaces, fortuna, cantamos;
 Estados de gentes, que giras, é trocas;
 Tus muchas mudanças, tus firmezas pocas
 Y los qu' en tu rueda quexosos hallamos.*

(3) *Falerno* Chama-se ao vinho, que se cria nas faldas do monte *Gauro* vizinho a *Massisi*, e *Sorrentini*.

Ve Plin. L. XIV. Cap. 6.

Estão não só do Itálico Falerno

Cam. Lus. Cant. X oit. 4.

Qu' o Nume de Niza (1)
 Qu' aos tristes alenta,
 E d'alma afugenta
 O frio temor.

Que a brindes Evantes (2)
 Requesta as vontades,
 A's mesmas Deidades
 Me faz sup'rior.

Eia

E altri, cigni ebri-festosi.

Questa che Pan somiglia .

Capri-barbi-corni-pede famiglia.

E Marcello Malaspina no seu Bacco in America

L'ori-crinite stelle de Saturno

Igualmente Benedetto Menzini in *Art. Poet. L. III.*

A té quest' Inno, ó buon Lenão, s'innalza

Ebri-festoso-altier, fiammi-spirante.

(1) *Nume de Niza.* Bacco, criado em Niza Cidade da Arabia feliz perto do Egypto, edificador da Cidade de Niza na India, e venerado em Niza lugar do monte Helicon donde se chamou Nizeu, ou Nizenno.

Ve Luciano Dialog. dos Deuses.

Regeo hum Capitaõ de fronte liza,

Que com frondentes Thyrsos peleijava;

Por elle edificada estava Niza.

Cam. Lus. Cant. VII. oit. 52.

(2) *Evantes.* Alegres: palavra derivada de Evan, ou Evio nome de Bacco.

- (1) *Eia*, *Humanos*, *brindemos*, *brindemos*.
 (2) *A causa suprema da nossa alegria*.
De Falerno (3) *huma dorna aqui temos*,
Qu'
-

(1) *Eia Humanos* etc. Estes versos decasyllabos tem os accentos na terceira, sexta, e nona syllaba, como se vê nestes do *Bacco in Boemia* de Bartoloni.

Quel clareto ch' il Rodano marda
Fia dell' uve il più grato tesoro,
E ben todo ch'ei sia la bevanda
Reserbata al tuo calice d'oro.

Chamaõ-se entre nós de Gregorio de Mattos, por ser este o primeiro que os compoz em Portuguez.

(2) *A causa suprema* etc. Estes versos chamaõ-se de *Arte maior*, constaõ de dois senarios, tem a quinta, e undecima syllabas longas, como se observa neste de Camões.

Não ha fôrmosura que não percedais

Juan de Mena compoz hum Livro intitulado *Las trezientas* nesta qualidade versos, por exemplo:

Tus casos fallaces, fortuna, cantamos;
Estados de gentes, que giras, é trocas;
Tus muchas mudanças, tus firmezas pocas
Y los qu' en tu rueda quexosos hallamos.

(3) *Falerno* Chama-se ao vinho, que se cria nas faldas do monte *Gauro* vizinho a *Massisi*, e *Sorrentini*.

Ve Plin. L. XIV. Cap. 6.

Estão não só do Italico Falerno

Cam. Lus. Cant. X oit. 4.

Qu' ao Nectar (1) excede, qu' excede a Ambrosia (2):

Eu seja o primeiro,
 Qu' audaz, prazenteiro
 Lhe sinta a Virtude:
 Em honra do Nome
 Do ledo Nizeu (3)
 Empino hum almude.
 Evolé (4) . . . Bassareu (5)

Eis

Toma-se por toda a qualidade de vinho generoso.

.... *nec cellis idéo contende Falernis.*

Virg. *Georg.* L. II. v. 96.

(1) *Nectar.* Bebida dos Deoses. Ovidio fallando de Ganimedes na Epistola Par. Elen.

.... *qui nunc*

Cum Diis potando nectare miscet aquas.

E Nectar sobre toãos espargio.

Cam. *Lus. Cant.* I. oit. 41.

(2) *Ambrosia.* Manjar dos Deoses.

.... *et liquidum Ambrosia diffudit odorem.*

Virg. *Georg.* L. IV. v. 415.

(3) *Nizeu.* Nome de Bacco por ter nascido em Niza, como fica dito.

(4) *Evoé.* Interjeição de alegria, especie de exclamação que se dava a Bacco nas Orgias.

Evoe! recenti mens trepidat metu.

Plenoque Bacchi pectore turbidum

Latatur, Evoe! parce Liber,

Parce, gravi metuende thyrsu.

Horat. *L. II. Ode 19.*

E Virg. Aeneid. L. VII. v. 389.

Evoe! Bacche; fremens solum te virgine dignum

Vociferans....

(5) *Bassareu.* Nome que se deu a Bacco de Bassara, lugar

Eis vaõ (1) benefico , lucido Principe ,
Eis vaõ (2) á tua ditosa saude

Tres

da Lydia onde foi adorado.

.... *Non ego te , candide Bassareum ,
Invitum quatiam.*

Horat. L. I. Ode 18.

(1) *Eis vaõ benefico* etc. Estes versos chamaõ-se coriambicos tem os accentos na quarta , e setima , e decima syllabas , acabando em exdruxulo , como se vê nestes de Francisco Redi no Dityrambo incompleto de Arianna enferma :

*Quindi dall' ugola giù per l'esofago
Frucheta sdrucchiola , fin nel Stomaco ,*

E o mesmo no *Bacco in Toscana*.

O' come l'ugola e bacami , e mordemi :

Seneca na Tragedia *Agamemn.* Chor. Act. 4. v. 805.

Argos nobilibus nobile civibus.

(2) *Eis vaõ á tua* etc. estes versos endecassyllabos tem os accentos na quarta , setima , e decima syllabas saõ muito proprios para os Dithyrambos , e o já citado Francisco Redi no seu *Bacco in Toscana* traz entre muitos estes :

*Ma si la terra comincia a tremare ,
E traballando minaccia disastri ,
Lascio la terra , mi salvo nel mare.*

O dito no Dithyrambo incompleto de Arianna enferma igualmente usa delles :

Empila : colmata d'Agua cedráta

Tres taças (1), seis taças, dez taças,
 Que prazer! Lá foi a primeira!
 Já posso cantar tuas graças,
 Já posso com voz lisongeira
 Briseu, (2) cornifronte

Bri-

Ma non di quella ch' il volgo si cionca.

O nosso Antonio Ferreira quinhentista na sua Tragedia *Castro* em o Coro do acto segundo igualmente os usa.

Que assim te deixa correndo, e voando.

Tristes riquezas ninguem as deseje,

Cegas grandezas ninguem as procure etc.

(1) *Tres taças* etc. Chamaõ-se estes verros enneasyllabos, a collocaçõ das syllabas longas, e breves he arbitrarria. Ronsard os fez com a terceira, sesta, e oitava syllabas longas, e com a segunda, quarta, sesta, e oitava:

Il me plait de noyer ma peine

Au fond de cette tace pleine

Le Chevalier Parny lhes colloca as syllabas longas deste modo.

Tendres Amans, si d'aventure

Vous trouvez un Bouton naissant,

Cueillis, le Bouton en s'ouvrant

Vous guêrira de la piqûre.

E Redi no Dithyrambo incompleto de Arianna enferma.

Corri, Niza, prendi una conca etc.

(2) *Briseu cornifronte*. Da Cidade de Brisa na Laconia, onde Bacco foi adorado, lhe veio o nome de Briseu: Pintavaõ-

No bifido (1) monte
 As Pimpleides (2) argutas, formosas
 Deixar encantadas,
 E fazer que das mãos engraçadas
 As numerosas,
 Lyras douradas
 Lhes caiaõ de assombro por terra quebradas
 Ouvio da ingenua Lysia
 O Ceo benevolo as férvidas supplicas,
 Eis

no cornigero para significar o furor dos seus adoradores; assim
 o representa Horácio L. II. Ode 19 a Bacco

*Te vidit insons Cerberus aureo
 Cornu decorum....*

E Sannaz. Eleg. V. ad Bacch.

*Bache bimater, ades: sic sint tibi nexa corymbis
 Cornua etc.*

(1) *No bifido monte.* Entende-se o Parnaso monte da Fo-
 cida partido em dois cumes, hum sagrado a Febo, outro a
 Bacco.

Mons Phabo, Bromioque sacer.

Lucano Phars.

(2) *As Pimpleides.* As Musas assim chamadas do monte
 Pimpleo perto do Parnaso, onde eraõ veneradas.

*Necte meo Lamia coronam
 Pimplea dulcis,*

Horat. L. I. Ode 26.

Eis qu' (1) em soccorro do Luso Principe ,
 Qu' em vaõ lutava c' o Mal tyrannico
 A' terra envia Saude angelica.

Ao vella a torpe Doença rabida

De horror solta famelica

Ceruleas flammæ da boca tabida ;

Posta na frente bellica

D'um maligno esquadraõ de atrozes dores ,

Febres agudas , ancias , e temores.

Investe a Deosa impavida ,

Que neste ensejo de triumphos ávida

Lhe frustra as iras , lhe agrilhõa os pulsos ,

Faz na caterva sanguinosa estrago.

Foge a vencida Fera ao Stygio (2) lago;

Ber-

(1) *Eis que em Socorro* etc. Estes versos chamaõ-se Alcaicos, o nosso Pedro Antonio Correia Garçaõ compoz muitos destes versos, que tem os accentos na quarta, e nona Syllabas tendo a partiçaõ na quinta, e acabando em exdruxulo. v. g.

Quando o terrivel Deus dos Exercitos

Nas leves azas de Aquilões turbidos.

Obras de Garçaõ Ode Alcaica X.

(2) *Stygio Lago.* A lagoa Estygia. Rio infernal pelo qual os Deoses juravaõ. Quando a Sibylla Cuméa entrou com Eneas no Averno assim lhe dizia

Cocytî stagna alta vides, Stygiamque paludem

Dii cujus jurare timent.

Virg. *Æneid.* L. VI. v. 323.

Ferrando as prezas nos tendões convulsos,
 E na furna da Morte despiedada
 Os olhos envesgando,
 E as verdes crinaes serpes arrancando
 Se esconde enviperada.
 Canta a Deosa Celeste os Epinicios (1);
 E os Lusos exultando
 Aos Ceos offertaõ gratos sacrificios,
 D' Evio (2) murmura
 Nos enramados
 Copos dourados
 Roxo liquor.
 Taças se empinaõ,
 Libaõ-se almudes,
 D'altas saudes
 Sõa o fragor.
 Venha venha hum tonel portentoso

I

D'

Per quem no Stygio Lago jura a Fama.

Gam. Lus. Cant. VIII. oit. 11.

(1) *Epinicios*. Versos, ou Hymnos, que se cantaõ em occasiaõ de victoria.

(2) *Evio*. Nome de Bacco Hcracio L. II. Ode 11.
 *Dissipat Evius*
Curas edaces.

D'alma (1) elixer Maçaõ trimato (2) borbulhante ,
Que para nossa gloria Epafio (3) ebri-saltante

Em valle pampinoso ,
Virente , racemoso ,
(4) Thyrsigero , biboso ,
Produz Sazona ovante ,
Que eu quero temulento

(1)

(1) *D'almo Elæxir* etc. Estes versos chamaõ-se Alexandrinos, ou heroicos Francezes tem a quarta, sexta, e duodécima syllabas longas. v. g.

*Jeune et vaillant Heros, donc la haute sagesse
N'est point le fruit tardif d'une lente vieillesse.*

Boileau Desp. Discours I. au Roi.

(2) *Trimato*. De tres annos, palavra adoptada do Latim.

(3) *Epafio*. Nome de Bacco, derivado ou de Pafos Cidade de Chypre onde foi adorado, ou de ter amado Venus a quem chamavaõ Pafia.

Se Epafio fremente de pontas taurinas

Antonio Diniz Dithyr. ao Marquez de Pomb.

(4) *Thyrsigero*. Que traz Thyrso, era esta insignia de Bacco huma haste de pinho com huma farpa na ponta, e toda enramada de pampanos, folhas, e hera.

... Et enim molles tibi sumere thyrsos.

Virg. Æneid. L. VII. v. 390.

E Ovidio L. IV. Meth.

... Manibus frandentes sumere thyrsos

Jusserat.

E Cam. Cant. VII. oit. 52.

(1) Thericles perpotenté

Deixar no esquecimento.

Dá-me desse Tokai (2) mais corado ,

(3) Qu' a corada papoula que Ceres (4) semeia ,

Entre as pallidas messes , que Zefyro (5) ondeia.

Dá-me desse liquor affamado

I 2

De

Que com frondosos Thyrsos peleijava.

(1) *Thericles*. Foi hum homem taõ amigo de vinho, que inventava diversas formas de vasos para o beber, donde veio o proverbio de chamarem aos bebados *Thericlei amici*.

(2) *Tokai*: Vinho de Tokai, Paiz de Ungria.

(3) *Qu' a corada* etc. Estes versos de 13 syllabas são compostos de hum verso de 7, e outro de 6, ou de hum de 10, e de hum de trez Syllabas tem os accentos na terceira sexta nona, e duodécima, e são rigorosamente Francezes, ou Alexandrinos. Despreaux Disc. I. au Roi

*Et qui seul sans Ministre á l'exemple des Dieux,
Soutiens tout par toi-même, et vois tout par tes yeux.*

(4) *Ceres* Deusa das Searas, que com *Bacco* fazia a fecundidade do anno.

..... *Vós, ó clarissima mundi
Lumina labentem coelo; quae ducitis annum,
Liber, et alma Ceres....*

Virg. *Georg.* L. I. v. 5.

(5) *Zefyro*. Vento occidental o mais agradável, e apto para a fecundidade das plantas.

De Châmpanha (1) de Chypre (2) de Chio (3)

Genial, saboroso, sadio,
 Qu' intento prostrado
 Cantando este dia,
 Da nossa alegria
 A causa brindar.

Viva o Magnanimo, o Lucido Principe
 O Sabio, Prudente JOÃO Virtuoso,
 Viva o Regio Esposo
 De CARLOTA Bella,
 Radiosa Estrella

Que

.... *Te dulcis amice reviset*
Cum Zephyris etc.

Horat. L. I. Epist. 7.

Frigora mitescunt Zephyris.

Horat. L. IV. Ode 7.

(1) *Champanha*. Provincia da França que produz excellente vinho.

(2) *Chypre*. Ilha no Medetirraeano extensissima noutra tempo consagrada a Venus, hoje sujeita ao Turco, onde nascia primoroso vinho.

(3) *Chio*. Ilha no mar Egeo no Archipelago, onde se criava optimo vinho muito prezado pelos antigos.

Horat. L. V. Ode 9.

Capaciores affer huc, puer, scyphes
Et Chia vina....

Que benigna augura
 A gloria d' Iberia (1) de Lysia a ventura.
 Porém que sinto em mim!
 Qu' alegre fernezim
 Assalta o peito meu!
 Es tu, es tu Leneu (2) !
 Es tu Bromio (3)? Evohe!
 He elle, amigos, he,
 Que de novo a saudar me convida
 O benefico Heroe florecente,
 Que da vani-loquente
 Soberba entumecida
 As pullulantes cabeças golpeia,

Qu'

(1) *Iberia* etc. A Hespanha nome, que os Antigos lhe deraõ, ou derivado d'ElRei Ibero, ou do Rio Eberus, ou Ebro.

(2) *Leneu*. Nome de Bacco.

*Huc pater, ó Lenæe: tuis hic omnia plena
 Muneribus...*

Virg. Georg. L. II. v. 4.

E Horacio L. III. Ode 25.

.... *dulce periculum est,*

O'Lenæe, sequi Deum.

(3) *Bromio*. Nome de Bacco. Ovidio Methamorf. IV.

Thuraque dant, Bacchumque vocant, Bromiumque...

Qu' á bifrente Lisonja sobpeia ;
 A' Lisonja tyrannica Esfinge , (1)
 A' lisonja qu' em torno semeia
 Dos fastosos Palacios , que cinge,
 A Cizania , a Calunnia dolosa ,
 A Fraude capciosa.

Mas chiton ! escutemos, . . Evohé

O ecco estrepitoso
 D' altisona Thymele , (2)

A cujas vozes turbidas festivas

Assomma ebri-formoso
 O filho de Semele (3)
 Entre confusos vivas.

Mil Corymbiferas , pallidas Menades (4)

Gri-

(1) *Esfinge*. Monstro filho de Tyfon com rosto de Donzella, e corpo de Dragaõ. O Poeta Ausonio a descreve desta forma :

Sphinx volucris pennis , pedibus fera , fronte Puella.

(2) *Thymele*. O concerto de vozes, e instrumentos, que se fazia em honra de Bacco, nome proveniente de huma bella dançadeira, e musica aceita ao Imperador Domiciane.

Vê Marcial Epig. L. I.

(3) *Semele*. Mãe de Bacco. Concebeo de Jupiter, e morreu abrazada por ciumes, e astucia de Juno.

Vê Orph. Hym. de Bacc. E Ovid. L. III. Meth.

(4) *Menaães*. As Baccantes: eraõ aquellas mulheres, que

Gritando, ululando,
Saltando, exultando
Lhe vem circundando
O vite-enramado

Carro estridente bijugo dourado,
Qu'arrastraõ furiosos

Os mosqueados Tigres (1) pressurosos.
Evohe! Mimalonides, (2) vinde

Vin-

alienadas da embriagues faziaõ as festas de Bacco.

E te Menadi tue punge, ed incalza.

Menzini Art. Poet. L. III.

Treicias fusis Menadas, ire comis.

Ovid. Fast. L. IV.

Chamavaõ-lhe corymbiferas, pelos cachos de hera que traziaõ nas mãos, e cabeça.

(1) *Tygres*. Animas ferozes, que puxavaõ o carro de Bacco.

*Jani Deus in curru, quem summum texerat uvis,
Tigribus adjunctis, aurea lora dabat.*

Ovid. L. I. de Art. Amand.

*Hac te merentem, Bacche Pater, tuæ
Vexere tigres, indocili jugum
Collo trahentes.*

Horat. L. III. Ode 3.

(2) *Mimalonides*. As Baccantes, assim chamadas do monte Mimanto da Asia menor onde faziaõ as Orgias.

Ecce Mimalonides sparsis in terga capillis

Ovid. L. I. de Art. am.

Qu' á bifrente Lisonja sobpeia ;
 A' Lisonja tyrannica Esfinge , (1)
 A' lisonja qu' em torno semeia
 Dos fastosos Palacios , que cinge,
 A Cizania , a Calunnia dolosa ,
 A Fraude capciosa.

Mas chiton ! escutemos, . . Evohé

O ecco estrepitoso

D' altisona Thymele , (2)

A cujas vozes turbidas festivas

Assomma ebri-formoso

O filho de Semele (3)

Entre confusos vivas.

Mil Corymbiferas , pallidas Menades (4)

Gri-

(1) *Esfinge*. Monstro filho de Tyfon com rosto de Donzella, e corpo de Dragaõ. O Poeta Ausonio a descreve desta forma :

Sphinx volucris pennis , pedibus fera , fronte Puella.

(2) *Thymele*. O concerto de vozes, e instrumentos, que se fazia em honra de Bacco, nome proveniente de huma bella dançadeira, e musica aceita ao Imperador Domiciane.

Vê Marcial Epig. L. I.

(3) *Semele*. Mãe de Bacco. Concebeo de Jupiter, e morreu abrazada por ciumes, e astucia de Juno.

Vê Orph. Hym. de Bacc. E Ovid. L. III. Meth.

(4) *Menaões*. As Baccantes: eraõ aquellas mulheres, que

Gritando, ululando,
 Saltando, exultando
 Lhe vem circundando
 O vite-enramado
 Carro estridente bijugo dourado,
 Qu'arrastraõ furiosos
 Os mosqueados Tigres (1) pressurosos.
 Evohe! Mimalonides, (2) vinde
 Vin-

alienadas da embriagues faziaõ as festas de Bacco.

E te Menadi tue punge, ed incalza.

Menzini Art. Poet. L. III.

Treicias fusis Menadas, ire comis.

Ovid. Fast. L. IV.

Chamavaõ-lhe corymbiferas, pelos cachos de hera que traziaõ nas mãos, e cabeça.

(1) *Tygres*. Animaes ferozes, que puxavaõ o carro de Bacco.

*Jani Deus in curru, quem summum texerat uvis,
 Tigribus adjunctis, aurea lora dabat.*

Ovid. L. I. de Art. Amand.

Hac te merentem, Bacche Pater, tuæ

Vexere tigres, indocili jugum

Collo trahentes. Horat. L. III. Ode 3.

(2) *Mimalonides*. As Baccantes, assim chamadas do monte Mimanto da Asia menor onde faziaõ as Orgias.

Ecce Mimalonides sparsis in terga capillis

Ovid. L. I. de Art. am.

- Vinde Thyrsigero , rubido Ménoles , (1)
 Façamos hum brinde ,
 Almudes libemos ,
 (2) Coréas travemos ,
 Saltemos , dancemos ,
 E alegres brademos ,
- » Viva o Magnanimo o Lucido Principe ;
 - » Qu' ha de arvorar as tremolantes Quinas
 - » De imperios subjugados
 - » Sobre as f.tais ruinas ;
 - » Vendo a seus pés curvados
 - » Climas ignotos , mares insulcados :
 - » É a Iysia armi-potente
 - » Da septi-colle Roma (3) florescente

Fe-

(1) *Menoles*. Nome de Bacco.

Quid dicam de Dionysio , quem Maenolem Graece , id est Latise totum furentem appellant !

E. zeb. Prep. Evang. Cap. V. de arcanis mysteriis gentilium.

(2) *Coreas*. Especie de dança antiga

Cam. Lus. Cant. IX. oit. 50.

Con coréas gentis usança velha

(3) *Roma*. Cidade opulentissima da Italia fundada por industria de Romulo , irmão de Remo , filhos de Marte , e Ilia ; chama-se-lhe septi-colle por estar situada sobre sete

Fel'iz imitadora ,
 » Engrinaldando a torreada frente
 » Da rama vencedora ,
 » Fará do mundo tutelar Senhora.
 Mas silencio ! outro brinde mais nada ;
 Que já titubeio ,
 Que já cambaleio ,
 Que já tenho cheio
 De Celeste ambrosia (1) rosada
 O peito , qu' anhella
 Outro brinde , que já me esquecia
 Do Brazil á Princeza formosa
 A' formosa CARLOTA mais bella
 Do qu' ao raiar do dia
 De Hebo a Precursora radiosa.
 De CARLOTA á quem sempre á porfia
 Os Risos , as Graças ,

Em

grandes montes: O estado da sua grandeza, magnificencia, e riqueza, se pôde ver em Vossius in lib. de magn. Roma veter.

(1) *Ambrosia*. Como já se disse he manjar dos Deoses, mas igualmente se toma por bebida, ou pelo mesmo vinho.

Os vinhos odoríferos, qu' acima

Estão n.º 3º d' Italico Falerno,

Mias da Ambrosia, que Joye tanto estima.

Cam. Lus. Cant. X. oit. 4.

Em nitido bando
 Lhe estaõ volteando
 O rosto gentil.
 Evohé ! bom Lyeu , (1) naõ me illudea
 Para Regias Supremas Saudes ,
 Descorado (2)
 Naõ me dê's liquor
 Que naõ tem valor ;
 Mas qu' imite sim
 Na purpurea cõr
 Ao gentil Rubim.

Des-

(1) *Lyeu*. Nome de Bacco derivado do Grego *λύα lya*.
 Soltar.

*Curam metumque Caesaris rerum juvat
 Dulci Lyaeo solve.*

Horat. L. V. Ode 9.

Quid Danaen, Danaesque nurum ; matremque Lyaei ?

Ovid. Trist. L. II. v. 401.

Do licor que Lieu prantado havia.

Cam. Lus. Cant. I. oit. 49.

(2) *Descorado*. Estes versos de quatro Syllabas chamaõ-se quebrados de Redondilha maior. Gabriel Chiabrera usa muito delles v. g.

Fa che cada

La rugiada

Distilata di Rubino.

R Camões Canc. XVI.

Desse , desse , Nictileu , (1)
 Qu' escarlata espuma faz ,
 Qu' envergonha o rubor teu ,
 Desse gósto , esse me apraz.

Vivã o Magnanimo o Lucido Principe
 Mais Sabio , Pio , e Justo.

Que Numa (2) , Tito (3) , Augusto (4)

Porém que sinto , Bassareu fulgido ?
 Nublaõ-se os olhos , a terra foge-me !

Trun-

*Por quem prados
 Esmaltados
 Com frescura
 De verdura.*

(1) *Nictiteu*. Nome que se deu a Bacco pelas festas nocturnas , que lhe faziaõ

*Os copos brilhantes ,
 O' bom Nictiteu.*

Obras de Garção Dithy. I.

(2) *Numa*, Segundo Rei de Roma , nascido em Cures Cidade dos Sabinos , as suas virtudes o eleváraõ ao Solio. Ve Tit. Liv. L. I. , e Aurel. Vict. *de viribus illust* Cap. 3.

(3) *Tito*. Imperador Romano filho de Vespasiano , e Flavia denominado o clemente.

(4) *Augusto*. Segundo Imperador Romano , sabio Protector dos Sabios , os seus louvores foraõ cantados por Virg. Horac. e outros Poetas do seu tempo.

Truncaõ-se as vozes , a idéa turba-se !
 Cantar os dotes do amavel Príncipe
 Não póde a eburnea já rouca Cithara.

(1) Cantores inclytos ,
 Suaves canticos
 Lhe entoem férvidos ,
 Em quanto eu ávido
 Nas taças lucidas
 Do roxo Mênoles
 Lhe faço prodigo
 Saudes mil.

Ao

(1) *Cantores inclytos* etc. Estes versos quinarios exdruxo
 los são muito usados pelos Italianos , Lourenço Magalotti
 entre muitos traz estes.

*Qual nuovo giubilo
 All'aria intuonano
 Alegri timpani ,
 Festosi cantici ,
 Retorti Bucine
 Guernite d'er. etc.*

D I T H Y R A M B O.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D.
Joaõ Carlos de Bargaça Sousa e Liné', Du-
que de Lafões. No fausto Nascimento da Sua
Excellentissima Filha a Senhora D. Anna
Maria José Domingas Francisca Julia em 21
de Setembro de 1797.*

Quando di grembo a Teti
Sorge a' mortali un desiato giorno ,
Volgere il piede intorno
Con le liete Baccanti alcun non vieti.
Gabriel Chiabrera Canc. Eroica 55 est. 3.

T E N O R I.

O Prole de Calliope ! (1)
Que na aurea Lyra magica
Cantaste Hymnos a Ménoles ,

Que

(1) *O' Prole de Calliope.* Entende-se Orfeo filho da Musa Calliope, e de Apollo, o qual se avantajou a todos em can-

Que detiveste
Co' a voz Celeste

Do Ebro , e do Strimon o curso rápido ,
E da soberba fronte celi-fera
Do Ismaro alpestre , do ingreme Rhodope
Roubaste a idosa c'roa nubí-fera
De antigas penhas , vetustas arvores :
'Tu qu' amentaste surdas Eumenides (1)
Hydras (2) , Quimeras , Harpias ; Gorgonas ,

E

tar versos a Bacco. Diz-se que o som da sua Lyra fazia deter as correntes do Ebro, e do Strimon Rios da Tracia; attrahia, e levava após si as arvores, e os rochedos do Ismaro, e do Rhodope, montes altísimos da sua Patria: adormentou os monstros do Averno, conseguindo tornar a ver a sua Esposa Eurídice; depois da sua morte foi collocada entre os astros a sua harmoniosa Lyra. Vê Virg. Georg. IV. v. 454, e Horacio L. I. Ode 12.

(1) *Eumenides*. Furias infernais.

..... *Caeruleosque implexa crinibus anguis*

Eumenides... Virg. Georg. L. IV. v. 482

.... *Ferreique Eumenidum thalami*

Virg. *Æneid*. L. VI. v. 280.

(2) *Hydras*, *Quimeras* etc. monstros infernais, que povoam o Averno.

Flammisque armata Chimaera

Gorgones, Harpiaequae, et forma tricorporis umbrae.

Virg. *Æn*. L. VI. v. 283.

E das Tartareas (1) cavernas lobregas
 Tiraste Euridice;
 Sabe que pleno de furor Delfico
 Te excedo, e venço no doce cantico,
 Na Lyra harmonica,
 E ao Lethes (2) mando teu nome celebre,
 Quando ao farfante Jacco (3) Thyrsigero
 Ergo Canções insolitas,
 E ao grande, ao Sabio Lafões magnanimo,
 Prole de Principes,
 Teço coroas de louvor jucundo,
 Tronco fecundo,
 Qu' o fausto germen vecejando brota,

E

(1) *Tartareas*. Infernais.

(2) *Lethes*. Rio do esquecimento no Inferno, as almas, segundo o systema da transmigração, antes que passassem a animar outros corpos bebiaõ as suas aguas para se esquecerem do passado.

... *Anima quibus altera Fato
 Corpora debentur, Lethaei, ad fluminis undam
 Securos latices, et longa oblivia potant.*

Virg. *Æneid.* L. VI. v. 713.

(3) *Jacco*. He hum dos nomes, que se daõ a Bacco.

... *Et mystica vannus Jacchi.*

Virg. *Georg.* L. I. v. 166.

Populus Alcida gratissima, vitis Jaccho.

Virg. *Ecloga* VII. v. 61.

E ao vasto mundo
Com seus immensos attrativos dota ;
 Teu aureo instrumento
 Do azul firmamento
 Hei de hoje arrancar :
 E a Lyra que pulso
 No mesmo lugar .
 Por mais sonora
 Irei collocar.

O' Bromio , ó Nume bemfazejo asylo
 Do triste humano , qu' a Desgraça acossa ;

Faze qu' eu possa
 Por novo estylo
 Brindar o fausto natalicio instante
 Da nova Heroína ;
 Astro brilhante
 A quem destina

Hum Regio throno Jove igni-tonante
 Almo çumo alija-angustias,
 Elixir vivificante,
 De meu peito ebri-festante
 Hoje os ambitos devaça ;
 Nesta vitrea egregia taça
 Consagrada a faustos brindes
 Leita Sileno

Do

Do fertil Rheno (1)
 O almo balsamico , rubido , nitido
 Espanca-tristezas ,
 Que n'alma titila ,
 Nos olhos scintilla ,
 A magoa aniquilla ,
 E o mortal Coraçã refocila.
 (2) Saboé ! Nictileu , que doçura
 N'aromatica doce fluxura
 O teu Vate solícito achou !

T E N O R II:

Rugindo (3) roucas as rebeldes vagas
 Entestem recuando furiosas ,
 Nos íngremes escolhos , qu' assoberbaõ ;
 Horrisonas procellas tormentosas ,

K

Qu^a

(1) *Rheno*. Ou Rhin Rio celebre, que nasce nos Alpes, e corta os Paizes baixos em cujas margens nasce excellentè vinho.

(2) *Saboé*. Interjeção, voz de alegria usada nos Hymnos, e festas de Baco.

Evohé ! Saboé !

Obras de Garção Dythyr. I.

(3) *Rugindo roucas* etc. neste verso se vê a figura *Onomatopeya*, que os Latinos chamaõ *Nominatio*.

Qu' os Euros (1) exacerbaõ
O Globo ethereo abalem.

Rotos (2), roucos torvões rufando estalem.

O cresco graniso
Inunde improviso
Os turbidos ares ,
E os horridos mares
Em mil escarcéos

Topetem nos Ceos ;
De sombria tyrannica frente
Sobre o carro de gelo estridente
Tirado com impeto

(3) Por Austros, (4) Africos, (5) Aquilos (6) algidos

O

(1) *Euros*. Ventos Les-suestes

.... *et agente nimbos*

Ocyor Euro. Horat. L. II. Ode 16.

(2) *Rotos*, *roucos* etc. perfeitamente se vê neste verso a figura Onomatopeya.

(3) *Por Austros* etc. neste verso Coriambico cujas palavras começaõ pela mesma letra se vê a figura Parameon.

(4) *Austros*. Ventos Sues.

.... *Neque Auster*

Dux inquieti turbidus Adriæ

Horat. L. III. Ode III.

(5) *Africos*. Ventos Sudoestes.

.... *Nec timuit præcipitem Africam*

Decertantem Aquilonibus.

Horat. L. I. Ode III.

(6) *Aquilos*. Ventos Nortes.

Ó gelado Inverno,
 Inimigo eterno
 Dos Mortaes assume t
 Mil farpas subtlis
 De frios hostis
 Contra o mundo tome.

Que en brindando Lafões, Regia Stirpe,
 Cáro ás Musas, e a Deosa (1) qu' abraça
 Fnea Egide, onde as Serpes se enroscaõ
 (2) Sobre a frente da únócula Gorgona,
 Não me assustaõ seus barbaros impetos.

K 2

CO-

(1) *A Deosa qu' abraça* etc. por esta Periphraſis se entende Pallas, ou Minerva Deusa das Sciencias, cujo escudo se chamava Egide, por causa da pelle de hum monstro que o eubria, o qual a Deosa matou. Perseo se servio deste Escudo para degollar a Gorgona Meduza, que tinha só hum olho, e serpentes por cabellos, cuja cabeça collocou no meio do dito.

Vê Virg. *Æneid.* L. VIII. v. 435.

(2) *Sobre a frente* etc. Estes versos decasyll ab's esdruxur los são proprios para os Dithyrambos, Francisco Redi, os usa no seu *Bacco in Toscana*:

*Or qual nera con fremiti horribili
 Scatendi tempesta fierissima
 Che de tuoni fra gli orridi sibilli.*

C O R O.

(1) Lafões viva , viva a Esposa
Entre pompas , ditas , fastos ,
E de seus amores castos
Viva o candido penhor.

T E N O R I.

(2) Carreguem-se os canhões de rubra pólvora ;
Por tempos tres se faça hum fogo triplice ;
Honre-se o invicto Heróe Lafões benefico ,

A

(1) *Lafões viva* etc. Estes versos chamaõ-se de redondilha maior : a sua belleza consiste em terem a terceira syllaba longa ; assim usaõ os Italianos v. g.

Versa versa quel bel vino

Gab. Chiab.

(2) *Carreguem-se* etc. Estes versos endecasyllabos exdruxulos ; saõ usados por muitos Poetas. Cam. Lus. Cant. V. oit. 39.

Se nos mostra no ar robusta , e valida.

O resto carregado , a barba esqualida.

Bartoloni no seu Bacco em Boemia

*Spremer saprà più generesi i grappoli ,
etc. etc.*

A Esposa amavel, o renovo esplendido

A quem o Fado

Tem destinado

Os dons mais dignos de encantar o mundo.

O atroz Cuidado

Fique affogado

No roxo fundo

Da taça evante,

D'onde fragrante

Me rouba o coração Lieu (1) jucundo.

T E N O R II.

Evohe ! Thyoneu : (2) Reverente

Encho, e bebo este vaso fulgente

Do

(1) *Lieu*. Como já se disse, nome de Bacco tambem se toma pelo mesmo vinho.

Harat. L. III. Ode XXI. fallando com a talha diz.

.... *Tu Sapientium*

Curas, et arcanum jocoso

Consilium retegis Liaeo.

(2) *Thyoneu*. Nome de Bacco, *Camões Lusiad.* Cant. VI. oit. 6.

Mas o mão Thyoneu, que n'alma esconde.

B Horat. L. I. Ode 17.

Cum Marte confundet Thyoneus praelia.

Do liquor louro ,
 Que o patrio Douro (1)
 Por entre frescas pampinosas vides
 Nos racemos crystallinos
 Para brodios perserva divinos.
 Oh suave doce Nectar ,
 Que no ethereo firmamento ,
 Es o placido alimento ,
 O geral contentamento
 Das Deidades ,
 Quando o Teucro Ganymedes (2)
 A quem tua essencia inflamma ,

So-

(1) *Douro*. Rio Portuguez, nasce em Castella velha, e entra em Portugal junto a Miranda, e depois de longas voltas desemboca no Oceano junto a S. João da Foz; são optimos os vinhos, que se criaõ nas suas margens, nellas Camões nos diz, que foraõ os campos Elysios.

*Do Douro, e Guadiana o Campo ufano
 Ja dito Elysio, tanto o contentou.*

Lus. Cant. VIII. oit. 3.

(2) *Ganymedes*. Mancebo Phrygio amado por Jove, e arrebatado aos Ceos por huma aguia, onde exerceo, depois de Ebe, o officio de Copeiro dos Deoses.

... *Quin, et Jovis armiger ipse
 Accipit & Phrygio jam pocula blanda ministro:
 Vall. Flac. L. II. Argonaut.*

Sobre os copos te derrama ;

Tu no gosto não excedes

Este melico licôr.

Mas eu tremo , ó Ceos , que horror !

Ardem os faxos da cruel Discordia :

Surge a torva Megera (1) angui-crinada

Da lobrega morada ,

E estragos , sustos , aflições dardeja :

Euvolta em sangue a horrenda Morte adeja ,

De exangues corpos alastrando a terra :

Por duas bocas sopra Jano (2) a Guerra :

O' Nume Nizeno ,

Fe-

(1) *Megera*. Huma das tres Furias infernaes Aléceto , Tersiphone , e Megera.

... *Et tartaream nox intempesta Megaeram.*

Virg. *Æneid.* L. XII. v. 846.

(2) *Jano*. Rei de Italia exemplo de Principes perfeitos; foi reverenciado em Roma como Nume; pintavaõ-no com duas cabeças, e a declaração da guerra era abrirem-se as portas do seu Templo.

Virg. *Æneid.* L. VII. v. 610.

Nec custos absistit limine Janus,

Janique bifrontis imago.

Virg. *Æn.* L. VII. v. 180.

Dizer-se que sopra a guerra por duas bocas he alluzãõ á guerra, com que Hespanha, e França ameaçavaõ Portugal.

Feliz valhacouto
 Do grande, e pequeno
 O teu Vate affeito
 Não teme as iras da cruenta Erynnyis (1),
 Quando ameaçada
 A Patria amada
 Vê pelas Furias,
 Que o ferreo carro de Bellona (2) escoltaõ;

T E N O R I

Lysia guerreira, quem profano intenta
 Com sacrilego ferro
 Teu nobre seio devastar furioso?

(1) *Erinnys*. Huma das Furias.

.... *Queis condita Erinnys*

Virg. *Æneid.* L. VII. v. 579.

.... *Tot Erinnys sibilat hydris,*

Virg. *Æneid.* L. VII. v. 447.

(2) *Bellona*. Deosa da guerra irmã de Marte,

Das jogos de Bellona verdadeiros.

Cambes L. Cant. III. oit. 27.

.... *Gaudet Bellona cruentis.*

Horacio Sat. III. l. 2.

O Iberio (1) atroz Leaõ será raivoso?
 Que a juba sacudindo,
 E as garras esgremindo,
 Famelico rugindo
 Te busca lacerar?
 Ou são os feros Gallos, (2)
 Que no impio mal da guerra,
 Qu' em torno assola a terra
 Te querem mergulhar?
 São todos, não me engano, Epafo! Epafo
 Em meu peito entorna
 A mais ampla dorna,
 Que replêta exorna
 A sempre-verde, pampinosa Naxos (3)

On-

(1) *O Iberio atroz Leaõ*; Entende-se Hespanha.

(2) *Gallos*. Os Francezes.

(3) *Naxos*. Ilha do Mar Egeo no Archipelago, huma das Cyclades, onde se criavaõ excellentes vinhos, e por isso os antigos a consagraõ a Bacco: The seu trazendo roubadas as filhas de Minos Rei da Creta, Pedra, e Ariadne, aportou a esta Ilha, e nella deixou repudiada Ariadne, Bacco se comoveo do seu mal, e a desposou; no dia das nupcias Venur, ou o mesmo Bacco lhe deu huma coroa; a qual foi egl-locada entre os Astros:

Gnosiaque aræntis decedat Stella Coronæ

Virg. Georg. L. I. v. 222.

Onde entre as serpes do cruel Repudio,
 Fuga, e traições do bigamo Consorte
 A Gnosia (1) Nynfa pranteando achaste,
 Cuja aurea c'roa nas esferas brilha,
 De corymbos, e pampanos tramada,
 Que assim brindar quero
 O Heroe que venero
 Por Sabio, e Prudente
 Que espanca valente
 De Lysia o temor.

T E N O R II.

Trôa da horrenda bellicosa tuba
 O funebre clangor nos Lusos Campos:
 Em armas vejo a Patria, ó Ceos, que assombro!
 Lafões de indulto não te serve a idade
 A' testa vóas das falanges Lusas.

E

*Mox thalamos, Ariadne, tuos, taedasque jugales
 Quaeque nitet medio fixa corona polo.*

Sannazarius Eleg. V. ad Bacchum.

(1) *Gnosia*. Ariadne, assim chamada de Gnosia Cidade de Creta,

... *Et Gnosia Bacchus amavit.*

... Ovid. Epist. Saph. Phaoni,

E eis sobre Lysia de Saturno (1) as eras.

Bacco perdoa
 Se te desbanco ,
 E se te arranco
 Da frente a c'roa :
 D'um sorvo estanco
 Este copo fulgido
 De força magnetica ,
 Qu'est' alma fernetica
 Me puxa , e me attrai ,
 Salubre Tokai
 Onde entre mil jubilos
 Nadaõ Prazeres , Regosijos nadaõ.

T I P L E.

Venhia Carcavellos , (2)
 Liatico , Albano ;

Ma-

(1) *Saturno*. Pai de Jupiter, e por elle expulso do Ceo, reinou na Italia com Jano, e o tempo do seu Reinado foi chamado idade de ouro.

.... *Redeunt Saturnia Regna.*

Virg, Eg. IV. v. 5.

(2) *Carcavellos*, *Liatico* etc. Especies de vinhos que derivão os seus nomes, ou das terras que os produzem, ou dos fructos de que são feitos.

Maçaõ , Maçacaõ ,
Madeira , Champanha ,
Falerno
Superno ,
Qu' eterno

Farei no meu Canto :

Que honrar quero hum fausto dia ,
Que de oliva coroadado
Sobre Tejo equilibrado
Resarçio nossa alegria.

C O R O,

Desce em nuvem crystallina
Paz divina
Sobre nós.

Manda austera d'Orco (1) ás fragoas
Sustos , magoas ,
Damno atroz.

T E N O R I.

A' frente de meus Hymnos ,
A quem franqueia a Eternidade as portas ,

Agua

(1) Orco. O Inferno.

Aguiã (1) aos ares me elevo ali-possante
 Bebo as luzes de Cynthio (2) fulgurante:
 Milhões de esferas sottopostas deixo,
 E sobre os astros fulgidos errando,
 Teus dons grave, Lafões, onde fluctuando
 (3) Negras nuvens não nublaõ nobres nomes.

Do liquor Celestial
 Em men peito alegre entorno
 Este copo festival;
 Evohe! qu' á terra torno!

T E N O R II.

Vem recente penhor, progenie augusta
 D'um Heroe honra do mundo,
 Qu'erma a terra de Heroimas

Por-

Primisque in faucibus orci

Virg. Æneid. L. VI. v. 273.

(1) *Aguia aos ares* etc. Imitação de Horacio, que na Ode II. do L. II. se finge convertido em Cysne.

(2) *Cynthio*. O Sol, ou Apollo derivado do monte Cynthio de Delos, onde nasceo. Horat. L. I. Ode 21.

Intensum pueri dicite Cytium

(3) *Negras nuvens* etc. Neste verso se observa perfeitamente a figura Paramoon.

Por ti ferverosa anhella:
 Vem gentil radiosa Estrella
 Com fausto influxo propagar venturas!

C O R O.

As graças te embaalã
 O berço ditoso,
 E as aureas Virtudes
 No seio mimoso
 'Te vem habitar.

T I P L E.

Este copo d'ouro orlado
 De suave Malvasia,
 D'alvas bolhas cravejado
 Bebo açorado
 Em louvor deste almo dia.
 O' Péan, (1) Evoxé, que espanto!
 Qual

(1) *Péan*. Hymno, que se cantava aos Deoses, e principalmente a Febo, e a Bacco, e tambem Sobrenome de Bacco.

Hear in all tongues consenting Paans ring!
 Pope Essay on criticism. v. 186.

Qual o ignivomo Cofanto, (1)
 Flamas arroja o peito meu flagrante,
 E no incendio voraz arde ullulante
 A baça Hypicondria,
 Que em sanha, e furia acceza
 Minha alma submergia

Nos antros sinuosos da Tristeza:
 Fogo os olhos meus dardejaõ,
 As entranhas me chammejaõ;
 As idéas me trovejaõ.
 Evio, a tanto estrago accode,
 Vini-prenhes, roxas nuvens
 Sobre os labios me sacode,
 Que só póde
 Hum vini-fero diluvio
 Apagar hum tal vesuvio.

C O R O.

A Jacco invoquemos,
 Occeano de graças,
 Deidade benigna.

Que

Felicesque Animas laetum Paeani tenentes
 Sannaaurius de Mort Crist v. 6o.

(1) *Cofanto*. Monté da India, que continuamente lança
 chamaç horroresas.

Que não se dedigna
Enchernos as taças,
Qu' havemos libar.

T E N O R I.

Topasio (1) não tragas
Não tragas rubim,
Daquelle procura,
Que excede n'alvura
Ao lacteo jasmim;
Qu'a rara candura
Vou louvar de Henriqueta formosa
De brilhantes virtudes compendio,
Consorte amorosa
De Lafões, da sapiencia thesouro.

T E N O R II.

Os Risos, os Prazeres,
Os Ocios voluptuosos,
Os Jogos, os Agrados

De

(2) *Topasio*. Entende-se o vinho palhete, ou côr do topasio.

Redi no Bacco id Toscana:

De rósas coroados ,
 Ante meus olhos de sombra nublados
 Soltando vivas , louvores fastosós
 A' tenra Infante de graças thesouro ,

(1) Pulando

Dançando

A seguillos me estaõ convidando.

O' ledo bando ,

Ebrio vos sigo :

Porém primeiro

Brindai comigo

O util ramo da Planta Bragantina ,

Que germina

Regeas vergonteas de esperanças faustas ;

Fiquem exaustas

Mil taças fulgidas

Do liquor placido ,

Que ao ledo murice

L

Ven-

Bei di questo bel'crisolito

Topasio pigiato in lamporecchio etc.

- (1) *Pulando*. Esta palavra forma hum verso trinario
 Bartoloni no seu Bacco in Bohemia usa delles,
Quivi, quive le vigne si piantina

Del chiange

Del gange

Del Indo

Vence na côr
Doce liquor

Que ao seio gelido
Da Lapônia (1)
Da Noruega (2)
Fria Zembla (3)
Dá calor.

Que espanca dás almas dos tristes viventes
Paixões viperinas , tristezas pungentes.

T I P L E.

Entre os astros rutilantes
Vejo as Hyades (4) nimbosas ,

Hó-

(1) *Lapônia*, Região septentrional entre a Noruega , Suécia , e Moscovia, terra frigidissima.

(2) *Noruega*. Paiz frigidissimo do Norte.

(3) *Zembla*. Terra boreal separada da Moscovia pelo estreito de Walgts, e descoberta pelos Hollandezes.

(4) *Hyades*. Ou Pleiades a quem os Latinos chamaõ *Virgiliae*, e os Portuguezes *Sete Estrelas*, apparecem junto da cauda de Aries, e da boca de Tauro, dizem que forãõ as filhas de Atlante, que criaraõ a Bacco, e estê em premio as sobias aos Geos, e as collocou entre os Astros. Vê Hygin. L. II, Astr. Poet.

Dizem que trazem chuvas, por isso lhe chamaõ chuvozas.

And from the Pleiads fruitful shower's descend.

Pope spring the first Pastoral.

Hoje Estrellas, Nynfas d'antês ;
 Entre as vagas marulhosas
 Os Delfins (1) vejo nadantes
 N'outros evos navegantes ;
 Pelas vides pampitiosas ;
 Trepã heras vecejantes,
 Em que Cisso (2) foi mudado
 Ah! se a tantos Deos Binado (3)
 Tens a forma transornado
 Muda o teu Cantor jocundo
 N'um Tifeu (4) não bravo, e torvo

L 2

Mas

*Ora micant Tauri septem radiantia flammis
 Návita quas Hyadas Grajus ab imbre vocat,
 Pars Bacchum nutrisse putat.*

Ovid. *Faust.* L. V.

(1) *Delfins.* Peixês Cetaceos: dis-se que Acetes, é os seus companheiros hindo navegando com Baccó zombáraõ d'elle, e este Deos em vingança os converteo em Delfins: Vê Ovid. *Meth.* L. III.

(2) *Cisso.* Dançante de Baccó, é seu valido, morrendo por hum desaste, Bacco o converteo em hera, de que ao depois se coroaва dondê lhe veio o nome de Corymbifero, por se chamarem Corymbos os cachos de hera. Vê *Faust.* L. IV. Epig.

(3) *Deos Binado.* Bacco duas vezes nascido como fica dltos

(4) *Tyfeu.* O maior dos Gigantes, que pertendêraõ escalar o Ceo.

Mas sim largo, e sitibundo;
 Que beber possa d'um sorvo
 Quanto vinho encerra o mundo;
 Porqu' hum brinde tal sómente
 Era digno, era decente
 De louvar, Lafões amavel,
 Tua Esposa incomparavel:

T O D O S

Tua stirpe singular.

C O R O.

Viva Jove, Bromio viva
 Qu' ás catastas nos esquiva
 Das acerbos afflições:
 Bromio viva, viva Jove,
 Que mil bens, mil graças chove
 Sobre a Prole de Lafões.

DI-

Jupiter lhe lançou em cima a Ilha de Sicilia.

Está Tyfeu debaixo d'alta serra

Do Etna, qu' as flammis lança crepitantes.

Camões Lus. Cant. VI. oit. 13.

Alta jacet vasti super ora Tyfeas Ætna

Ovid. Fast. L. IV.



D I T H Y R A M B O.

Aos annos de Cassidro.

Hic dies, anno redeunte, festus
Corticem astrictum pice dimovebit
Amphorae. . .

Horat. L. III. Ode 8.

DE meus versos inclitos
A Falange harmonica
Hoje escolto impávido ;
Tu Niseu benevolo ,
Lhe arma as dextras validas.
De mil settas fulgidas
De harmonia insolita ,
E o brilhante Exercito
De viçosos pampanos
 Todo coroado
Por mim commandado
 Acosse
 Destrosse,

Fla

Flagelle ,
 Debelle ,
 Sobpeie ,
 Golpeie ,

As cátervas murcidas
 Dos mais versos infimos ,
 Qu' intentarem perfidos
 Com seus eccos turbidos

Profanar este dia aventurado

Consagrado

De Cassidro aos faustos annos.

Confundão-se , pasmem-se , abismem-se

De ouvir-me os humanos.

Que prazer ! Do liquor espumoso
 De Borgonha , (1) do Rheno famosa

Libarei tantos copos gostoso ,

Quantos annos conta

Cassidro facundo

Com pasmo de mundo.

Evohé ! que suprema alegria

A minha seria

Se agora Cassidro mais annos tivera ,

Qu'

(1) *Borgonha*. Provincia de França, que tem mais de 50 legoas do Norte ao Sul, e 30 de Leste, ao Oeste os vinhos que produz são da maior estimação.

Qu' os annos pezados,
 Qu' opprimiaõ os hombros cañcados
 (1) Do filho de Chlorig, que Pyle regera;
 Porque entaõ a vontade me enchêra
 Do liquor divino,
 Que segrega d'alma
 O pezar ferino.

Eis, Amigo, começo a brindar-te:
 Se as mãos dadivosas
 Da errante Ventura

Me não enchem de bens qu' offertar-te,
 Mil saudes aceita famosas
 Por brilhante gentil Colgadura.

Liquor corado
 Não quero agora;
 Venha desse alambreado,
 Que dá gosto, que vigora
 Os membros tremulos;
 Que presta espiritos,
 Qu' aos frios animos
 Dá novo ardor.

Evolhé! que suave liquor!

Tu

(1) *Do filho de Chlorig.* Entende-se Nestor hum dos Capitães da Armada Grega filho de Chlorig o Rei de Pyle, e viveo 300 annos.

Tu não és mais grato , Amor ,
 Tu não tens maior doçura ,
 Quando entre os braços
 Da Laura bella
 Com potentes doces laços ,
 O meu peito unindo ao della ,
 Me desfazes em ternura
 O mavioso coração.
 Mas que nuvem ligeira globosa
 No seio me encerra ?
 Eis me ergue da terra
 Sobre o dorso dos ventos possantes.
 Chego a orbita d'Herschel (1) famosa ,
 E mais de Hell ás (2) tres celicas plagas
 Ma-

(1) *Herschel*. Planeta descoberto em 13 de Março de 1781 pelo celebre Alemão *Frederico Guilherme Herschel*. Foi visto pela primeira vez entre os cornos de *Tauro* , e os pés de *Geminis* : faz a sua revolução , segundo os melhores calculos , em 82 annos , e 5 mezes , e dista Sol o dobro pouco mais ou menos da distancia de Saturno.

(2) *Hell*. O Abade *Hell* astrónomo Real assistente em *Vienna* ; que em honra de S. Magestade Britanica *George III.* , e *Mr. Herschel* imaginou tres constellações na Esfera, o *Psalterio de George III.* , e o *Telescopio maior* , e o menor de *Herschel*.

Malezieu (1), Leeuwenhoek (2),
 Qual de vós me empresta agora
 Hum dos vossos vidros fulgidos;
 Já que subo a etherea abobeda,
 Quero ver se o astro nitido
 Tem as fuscas tristes máculas,
 Que lhe achára o trefo Scheinero: (3),
 Se lhas vir por Bacco juro,
 Apago-lhas, tiro-lhas
 Para mais brilhante, e puro
 Este dia alumiar.

Venolencia não he, mil Sces diviso,
 Eis canjo além dos Orbes!
 Eis toco a azul esfera!
 Nuvem luzente,

Hum

(1) *Malezieu*. Nicoláo Malezieu Parisiense dado aos Estudos Mathematicos, e Filosoficos, celebre pelas descobertas que fez com os seus Microscopios.

(2) *Leeuwenhoek*. Antonio Leeuwenhoek nascido em Delft; Fysico optimo cortava excellentemente vidros para Microscopios, com os quaes descobrio infinidades de insectos.

(3) *Scheinero*. Christovaõ de Mundelheim, natural da Suevia, celebre Mathematico: foi o primeiro, que descobrio manchas no Sol, e imprimio hum Livro intitulado *Roxa Ursina*, que trata deste descobrimento, e da incorruptibilidade do Ceo.

Hum pouco espera
 Deixa primeiro, qu' engrinalde a frente
 Da rama frondente,
 Em que Cisso dançante afamado
 Foi na morte por Evio tornado.
 Consente, que este almude
 De grata Malvasia
 Eu beba hoje á saude
 De tão ditoso dia,
 E que nas cordas de ouro
 De minha branda Lyra sonora
 As virtudes entõe de Cassidro.

O' Nuvem pressurosa,
 Aonde me pnzeste?
 He este, dize, he este?
 Das esquivas Cytherides (1)
 O monte esplendido, celebre, e ingreme
 Onde vãamente
 Subir procuraõ
 Mil enfunados valdosos humanos
 Onocrotalos (2) de canto sinistro,
 Que misturar-se pretendem nos Coros
 Dos Cysnes canoros

Da

(1) *Cytherides*. As Musas assim chamadas do monte Cytheron da Beccia.

(2) *Onocrotalos*. Aves cujo canto imita ao Zurro.

Do manso Caystro (1) ?

Ah ! quanto o Sagrado

Briseu me proteje !

Lá vejo sentado

De Cafiras n'um throno brilhante

O Nume , que rege

O luci-rorante

Coché do dia ;

Ao dextro lado

Tem coroadó

De immarcecível louro verdejante

Cassidro facundo ,

Qu' a tubi-sonante ,

Aurea fama eterniza no mundo :

Ledas as Camenas (2)

Cantaõ á porfia

Gra-

(1) *Caystro*. Rio, e Lagoa da Asia menor na Cidade de Efeso abundante de Cysnes.

Jam varias pelagi volucres, et quae Asia circum

Dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri ;

Virg. Georg. L. I. v. 383.

(2) *Camenas*. As Musas

Alternis dicetis ; amant alterna Camaenas

Virg. Egl. III. v. 59.

Nem, Camenas, tambem cuideis que cante.

Cam. Cant. VII. oit. 85,

Gratas cantilenas

Ao seu ditoso natalicio dia ;
 O' tu Calliope (1) Delfica , harmonica ,
 Sabia Deosa que prezides
 Ao Supremo , grato Coro
 Das venustas Libetrides ; (2)
 Manda callallas
 Faze deixallas ,
 As brandas Lyras ,
 Os Alaudes ,
 Porque hoje arrogo ;
 Abrasado no Bacchico fogo ,
 O prazer de cantar-lhe as virtudes.
 Venhaõ tres , seis , nove almudes.
 Do gageiro Nectar louro ,
 Que produz o fertil Douro ,

Au-

(2) *Calliope*. A principal das Musas , que presidia a can-
 ticos heroicos , amante de Febo.

Vós ó Calliope , precor , aspirate canenti.

Virg. *Æneid.* L. 9. v. 525.

Agora tu , Calliope , me ensina.

Cam. Lus. C. III. oit. 1.

(1) *Libetrides*. Nome que se dá ás Musas da fonte Li-
 betra da Magnesia , Paiz da Grecia junto da Thessalia.

Nymphae , noster amor , Libetrides. . . .

Virg. *Eglog.* VII. v. 21.

Aureo çumo placido,
 Que do peito gelido
 Do Britano (1) astuto,
 Do Belga (2) versuto
 Degrada
 A fera,
 Pezada,
 Severa,
 Malvada,
 Tristeza
 Cruel :

E qu' á gente guerreira, que piza
 As terras fecundas,
 Que o Dravo (3) ameniza,
 As magoas espanca
 E d'alma lhe arranca
 Pelas azas tremulas

O

(1) *Britano*. Entende-se os Inglezes pela figura Synecdoche.

(2) *Belga*. Pela mesma figura Synecdoche os habitantes dos Paizes baixos.

(3) *Dravo*. Rio de Alemanha, que tem o seu nascimento nos Alpes junto da Aldeia de Innichen na diocese de Salztzburg, perto do Tirol, dalli corre pela Corinthia, entra na Siria, e na Hungria, recebendo em si muitos Rios consideraveis até que se esconde no Danubio.

O pallido , timido , attonito .

Frio susto arrepiado ,

Que lhe gera o macerado

Othomano (1) perfido ,

Com falanges barbaras ,

Com perfidias horridas ,

Invasões terrificas.

Péan ! que gloria meu peito repassa !

Esta formosa taça

Bojuda , crystallina

Do Eromio apreciavel

Da Lesbica Methymna (2)

D'um sorvo bebo :

Vaidoso Febo ,

Vem comigo competir ,

Que de ti me quero rit

Porqu' hei de ver ,

Se eu a beber ,

Tu a cantar

Me has de exceder !

Me has de igualar.

Nil

(1) *Othomano*. O Turco nome que lhe veio de Othoman, ou Osman seu primeiro Rei, filho de Ortogulo homem rustico; o seu grande valor o elevou á dignidade de Rei: morreu em 1326.

(2) *Methymna*. Cidade de Lesbos, onde se criava excellente vinho.

Mil bens , mil graças chováõ
 Em ti , famoso dia ,
 Jámais vénhaõ roubar tua alegria
 Glaciferos chuveiros ,
 Cerrados nevoeiros.
 Nunca do rouco troador trovaõ
 Ouças triste , e pavido
 Rebombando o crepito
 Nos rochedos concavos ,
 Quando açoitadas por feroz tufãõ
 Ruem as rotas glomeradas núvens ,
 Vibrando contra a lamentosa terra
 Trisulcas frexas de azulado fogo.
 Mas que chusma aligera
 De meninos trefegos
 Ante mim revôa !
 Hydra virulenta ,
 Que asanhada com silvos medonhos
 Investir-me intenta ,
 Entre si preza trazem risonhos ;
 Ah ! bem vos conheço
 Meninos traidores ,
 Vós sois os Amores ,
 Flagello da gente
 Essa dira horrerosa serpente
 He a perfida , triste Lembrança

Das

Das Traições , Tyrannias , Rigorés

De Jonia perjura.

Xou pequenos voadores,

Naõ venhaes neste almo dia

Perturbar minha alegria :

Colhei myrtos , colhei flores ,

Enlaçai verde capella ,

E com ella

Adornai a fronte linda

De Theorinda

Virtuosa ,

De Cassidro cara Esposa.

Vai , louçãõ Ganymedes Solicito ,

Traze-me rapido

Da pingue Malaga (1)

O liquor trimo ,

Que prézo ; e estimo

Tanto

Quanto

Prézo da minha encantadora Analia

Os beijos furtivos ,

Os ternos agrados ,

O rosto jocundo ,

O

(1) *Malaga*. Cidade maritima no Reino de Granada , famosa pelos optimos vinhos que produz.

O genio amoroso ,
 As graças brilhantes ,
 Por quem sou no mundo
 O mais venturoso
 Dos ternos amantes ,
 Que servem Amor.
 Que lautissimo , doce liquor !
 Milhões de Orbes , de Estrellas flammigeras
 De cores diversas
 Não vejo dispersas
 Pelos ares sem ordem vagando ?
 Eis os copos ligeiros saltando ,
 A casa de roda ;
 Té a gente que vejo anda toda
 Ora aqui , ora alli baqueando.
 Oh ! Nyctileu ,
 Quanto he potente
 O liquor teu !
 Só felizmente
 Eu lhe resisto :
 Mas que fazes , ó Numen , qu' he isto ?
 N'altiva frente
 Pões-me d'Hermes (1) o alado gallero.

M

Co:

(1) *Hermes*. Mercurio, Nuncio dos Deoses trazia na cabeça hum capacete alado chamado Galero, nos pés 4 azas, que

Comigo taes graças ;
 Epafio , não quero.
 Eis maligno outro damno me traças ,
 A cabeça dos hombros me tiras ,
 Aos ares ma levas ,
E os astros mil vezes com ella regiras !
 Se eu fora de Forco (1)
 A filha malefica
 Angui-coma , rabida ,
 Que do horrivel Orco
 As entranhas defunde severa
 A gente dissera ,
 Que tu Bassareu
 Eras o louco atrevido Perseu (2),

E

se chamavaõ talares , e na mão huma vara com duas cobras , e duas azas a quem davaõ o nome de Caduceo.

(1) *Forco*. Pai da Gorgona Medusa , a qual Minerva castigou mudando-lhe os dourados cabellos em serpentes horri-veis , e agora he hum dos monstros infernais.

*Tum variae pestes , et monstra horrentia Ditis
 Semiferumque genus Centauri , et Gorgones atrae.*

Sannaz. de Part. Virg. L. I.

(2) *Perseu*. Filho de Danae e Jupiter , por mandado de Polidetes seu Padrasto cortou a cabeça a Gorgona Medusa , e com ella veio voando , por ter os talares de Mercurio , até casa de seu Padrasto.

É bem feito esse aleive seria,
 Já que fazes de mim zombaria:
 Mas, Numen perverso,
 Se não me consentes
 Encher o Universo
 De assombro, d' espanto
 Co' as vozes cadentes
 De meu ledo Canto,
 Ao menos, Oreu, (1)
 Como déste aflições inclementes
 Co' as tyrannicas, rabidas Thyades (2)
 Ao sacrilego sobrio Pentheu: (3)

M 2

Cas-

(1) *Orêu*. Nome de Bacco derivado dos montes em que se faziaõ as suas fêstas, e Sacrificios.

(2) *Thyades*. As Baccantes

*Fas pervicaces est mihi Thyades
 Cantare....*

Horac. L. II. Odè 19:

.... Complent ululātibus auras

Thyades effusis per sua colla comis.

Ovid. Fast. L. VI:

(3) *Pentheu*. Rei de Tebat, filho de Exion, e Agave, o qual por querer prohibir as festas de Bacco foi despedaçado pelas Baccantes, e o seu Palacio arrasado.

.... tecta Penthei.

Disjecta non levi ruina.

Horat. L. II, Ode 19:

Castiga ,

Fustiga

C'o Thyrso frondente ,

A todo o vivente ,

Qu' intente

Depois de eu callado ,

Sem respeito a meu Estro Sagrado ,

Os famigeros annos ditosos

De Cassidro tambem decantar.

Se este gosto me comprires ,

E a cabeça orbi-vagante

Outra vez me resarcires !

Com vermelho , ledo rosto

Juro ao Ceo , ao Ceo brilhante

De fazer-te a honra , o gosto

De aureos hymnos te cantar.

D I T H Y R A M B O.

A Celia.

*Bacchus reçoit les victimes d'Amour ,
Mr. Bernard. L'art d'Aimer.*

Chant. III

CHovendo estragos Orion (1) ensifero,
Investe o mundo pavido ;
Reveis frementes vórtices ,
Procellas mil horrisonas
Compõem seu bravo exercito ;

Naõ

(1) *Orion*. Constellação Celeste Meridional composta de 17 Estrellas principais, que figuraõ hum homem com huma espada na maõ :

Ovid. *Fast.* L. IV. chama-lhe , *ensifero*.

Ensifer Orion aequore mersus erit

Igualmente Camões *Cant.* VI. oit. 35. *Luz.*

De quem foge o ensifero Oriens.

E Sannaz. de *Part. Virg.* v. 125.

Armatoque ensis subducitur Orioni.

Não longe o Inverno revoltoso assoma
 Batendo as azas frigidás,
 Rugem-lhe em roda tormentas rígidas,
 E a porta-gelo emaranhada coma
 Erriçãõ-lhe enraivados
 Nordestes assanhados.
 O brumal tempo agoirando
 Dos Rifeos (1) alcantilados
 Em confuso, vago bando
 Vem piando
 Rubros frios ouriçados,
 A's pungentes azas dando.
 Ah! Celia amavel, que somos victimas
 De seus immanes impetos,
 Volveu-te a força das crueis rajadas
 Os braços membros tremulos,
 As faces carmesins, as mãos roxeadas.
 Que faremos?
 Como a fria estaçãõ fugiremos?
 Eia ledos a Bacco brindemos
 Do seu fero rigor zombaremos.
 Aqui temos
 Longo esquadraõ de gravidas botelhas

Qu'

(1) *Rifeos*. Montes altissimos da Scythia, ou antiga Sarmacia açoitados de perpetuos ventos.

Qu'as bocas vermelhas
 Tem inda arrolhadas :
 Destapemo-las ,
 Despejemo-las ,
 Eis já saltaõ as rolhas !
 E envolto em alegria
 Tres copos coroados
 Já vejo , ó Celia , de espumosas bolhas.
 As Orgias (1) celebremos :
 Evohé ! Peian ! Cantemos ;
 E c'os braços enlaçados ,
 Ledos brindes revezados
 Hoje a Bromio tributemos :
 Qual de nós libar primeiro
 Do seu copo o Nectar puro ,
 Tome posse do terceiro . . .
 Evohe ! que fui eu mais ligeiro !
 Por mais qu'afane ,
 Celia formosa ,
 Por apartar-nos
 A Sorte aveça ;
 Naõ te pareça ,

Que

(1) *Orgias*. Festas de Baccho ; nome Grego dado antigua-
mente a toda a especie de Sacrificios.

Inter sacra Deum nocturnique orgia Bacchi.

Virg. Georg. L. IV. v. 521,

Que separar-nos
Ha de poder.

Já mais o liquor placido
Que do almo Dionyso (1) perfuma os altares
Desaloje cruentos pezares,
Cuidados mortiferos,
Remorsos anguiferos
Dessas almas obtusas, vulgares,
Que de nós murmuraõ,
Que brutais procuraõ
Hum laço desatar, qu' a sympathia
A nossos ternos corações forjára,
Que proteje a razaõ, qu' o Ceo ampara,
E mais aperta Amor de dia em dia.

Eis a mente veloz se anuvia !

O peito me enfurece
Fernetica alegria. . . .

Evan (2) ! que me parece,

Qu'

(1) *Dionyso*. Ou *Dionysius*, nome de *Bacco* derivado de *Dio Deus*, e *Niso*, ou *Nisa* Cidade que edificou.

Dionyson Indi existimant

Auzon.

Te Dionyse pater canimus Semeleia proles

Orph. in hymn. de *Bacc*.

(2) *Evan*. Voz das *Baccantes* nas festas de *Bacco*.

Cui Bacchæ orgia celebrant, et carnes crudas comedentes Sa-

Qu'em sanhudo Leaõ me converto...

Naõ me alucino, he certo,
Hispidã juba na Cerviz me ondeia...

Garras crueis, rompentes...
Sanguineos olhos, aguçados dentes...

Ebrio furor me presta.

De me ver minha Celia naõ fuja
Que a Niseu (1) na figura imitando

Quando

Ao Tonante Jupiter

Os Gigantes barbaros

Destronar pretenderaõ sacrilegos

Aquilaõ (2) tyrannico

Hei de ataçalhar.

Mas

cro furore initantur, Evan Evan conclamantes, quæ vox aspirata, secundum exquisitam Hebraeorum linguam feminei sexus serpentem significat....

Euseb. Praepar. Evang. Cap. V. de arcanis myster. Gent.

(1) *Que a Niseu* etc. Quando os Gigantes quizeraõ escalar o Ceo Bacco tomando a figura de Leaõ os destruiu, e precopitou a Rheco. Horat. L. II. Ode 19.

Tu cum parentis Regna per arduum

Cohors Gigantum scanderet impia,

Rhaecum retorcisti Leonis

Unguibus, horribilique mala.

(2) *Aquilaõ Ou Aquilo vento Norte.*

Mas guarida , que estou profligado
 Da caterva dos horridos Euros ,
 Dá-me ó Celia , huma taça deprêssa
 Do liquor de Bordeos (1) açarado ,

Possante ,
 Brilhante ,
 Cheiroso ,
 Gostoso ,

Que envergonha ao Balais (2) rutilante
 No rubor , no gentil luzimento ,

Qu' intento
 Vencellos ,
 Prendellos ,
 Prostrallos ,
 Deixallos
 Sem vida.

Quando a taça me dás Celia querida ,
 Não he mais engraçada ,
 Que tu a linda Aurora.

De-

(1) *Bordeos.* Ou Bordeaux Cidade. de França junto ao Rio Garona cabeça da Provincia de Guienna , onde nasce optimo vinho.

(2) *Balais.* Pedra como rubim muito brilhante.

De Balais , e Safira o solio dnro

Formava hum jaspeado transparente.

Ulyss. de Gabriel Pereira de Castro Cant. I. oit. 17.

De luzes coroada
 No rutilo Oriente.
 Da fulgida carroça apavonada
 Os frisões auri-roxos
 Co' flagello de rosas castigados ,
 (1) Não tem mais graça. . .
 Mas venha , a taça
 Evohé ! bebe hum gollo primeiro ,
 Que mais gosto maior fortaleza
 Acharei no liquor lisongeiro ,
 Que das almas alija a tristeza ,
 As magoas suaviza ,
 E as rebeldes paixões tranquiliza.
 Oh ! não vês , Celia mimosa ,
 Apinhados
 Pelo friso da taça formosa ,
 Em tumulto os Amores damninhos ,
 Debruçados

Dan-

(1) *Não tem mais graça. . . Mas venha etc.* A esta suspensão de sentido he que os Rhetoricos chamaõ *Aposiopeses*, ou *Reticencia*. Virg. *Æneid.* L. I. v. 139. nos dá hum elegante exemplo, quando Neptuno indignado brada.

*Jam Coelum, terramque meo sine numine venti
 Miscere, et tantas audetis tollere moles ?*

Quos ego. . . sed motos praestat componere fluctus.

E Camões Lus. Cant. II. oit. 4r.

*Mas moura em fim nas mãos da bruta gente,
 Que pois eu fui. . . e nisto de mimosa etc.*

Dando sorvos, piscando os ollinhos ?
 Olha alguns, qu' embriagados
 Com semblante furibundo
 Dentro olhando a propria imagem,
 Querem dar-lhe, e despenhados
 Percipitaõ-se no fundo :
 Do marulho, e da voragem
 Os mais ficaõ salpicados,
 E as cabeças sacudindo
 Dos parceiros se estaõ rindo.
 Ah! Celia, Celia amada
 A' pressa agora Impina
 A taça crystallina,
 Se queres ter Amor :
 Porém se és meiga,
 Terna, constante,
 Fiel amante,
 De que te serve
 Este liquor.

Silencio ! silencio ! ninguem me perturbe,
 Alto influxo a cantar me afervora :
 Já tomo a ebórea Cithara ;
 Para a referta impavido
 Vos desafio, leves Meonides ; (1)

Sois

(1) *Meonides*. As Musas.

Sois poucas ,
Sois loucas ,
Sois roucas ;

Meu canto vence-vos , deixa-vos tremulas
O vosso he languido , barbaro , frivolo ,
Ah ! vinde ligeiras ser minhas emulas ;
Porque meu estro altivolo
Como (1) ás filhas fizeste de Pierio ,
E ás gentis Acheloides (2) argutas ,
Se cantar intentardes comigo ,
Vos fará deste arrojo em castigo .
Eia das frias Orcades (3)

O

*Facilesque vocat pariter studioque , locoque
Maeonides. Ovid. Met. V.*

*Tu mihi , seu doctas percurris Palladis artes ,
Maeoniaeque ; . . . Sannaz. Eclog. V.*

(1) *Como ás filhas fizeste de Pierio.* As filhas de Pierio querendo competir com as Musas ficaraõ vencidas , e em castigo do seu arrojo as vencedoras as converteraõ em pegas.

Vê Ovid. Met. L. V.

(2) *Acheloides.* Eraõ as Sereias filhas de Achelõo , e Caliope , quando Plutaõ roubou Proserpina , as Acheloides , que eraõ Nynfas desta Deosa , pediraõ azas a Jove para a procurarem , mas competindo com as Musas estas as depennaraõ , e castigáraõ.

Vê Ovid. Met. L. V.

(3) *Orcades.* Ilhas do Oceano ao Septemtriaõ da Escocia

O almo sumo vitigineo
 Tragaõ-me á pressa, que nunca embriaga,
 Que pretendo cantar dignamente
 O vencedõr potente
 Dos fulos Povos da Memnonia (1) plaga.
 Deliro! não, eu vejo
 Esquadrões horridos,
 Turmas armigeras
 Nos campos bellicos,
 Movendo escandalo
 Aos Numes Cclicos,
 São os Povos barbaros
 Da Zona (1) Soligera,
 Que no carro luminoso
 Vem Titaõ (3) flammí-crinado

Quar-

afirma-se, que o vinho destas Ilhas por mais, que se beba, não
 embebeda.

Vê Camden. *descript. magnae Britann.*

(1) *Memnonia plaga.* O Oriente assim chamado de Memnon
 filho da Aurora. Neste Paiz foi onde Bacco fez as suas maio-
 res conquistas.

Vê Cam. *Lus. Cant. I. oit. 30.*

(2) *Zona Soligera.* Ou Zona torrida, he aquella parte da
 esfera comprehendida entre os Tropicos de Cancer; e Ca-
 pricornio.

(3) *Titaõ.* O Sol.

Quando já meio acordado
 Faz ao dia perguiçoso
 Despertar do claro Ganges (1).
 Dôr he vêr entre as fuscas falanges
 Como aqui, e alli guerreiro
 Êvio ligeiro
 Toma a setta, arma o arco, aponta, mata,
 E as timidas Cohortes
 Com repetidas mortes
 Soberbo desbarata.
 Do falerno purpurino
 De Mareotis (2) famosa

En-

Nullus adhuc mundo praebebat lumina Titan

Ovid. Meth. L. I.

..... *ubi primos crastinus ortus*

Extulerit Titan radiisque retexerit Orbem.

Virg. Æneid. L. IV. v. 118.

(1) *Ganges*. Rio da India o mais consideravel do Mundo; chega a ter 5 milhas de largo: nasce no monte Dalanguer, nos confins da Tartaria, atravessa o Imperio do Mogol, e mette-se no gofão de Bengala.

(2) *Mareotis*. Huma parte do Epyro onde se criava excellente vinho. Virg. falla deste sitio nas Geórgicas L. II. v. 91.

Sunt Thasiae vites, sunt et Mareotides albae

E Harac. L. I. Ode 37.

Encho hum copo crystallino
 Eilo he teu, Celia mimosa,
 Aceita-o,
 Empina-o,
 Esgota-o,

Que eu mais dois encho ligeiro
 De outra especie mais gostosa;
 Que liquor taõ lisongeiro!

Na viva côr excede ás vivas brazas
 Dois copos tenho, ó Ceos! Saõ duas azas!
 Deixem-me,
 Larguem-me,

... Naõ me segurem qu' as forças me quebraõ
 Eu subo ás amplas Regiões Sidereas:
 Ver pretendo se os Numes celebraõ
 Là no Olympo (1) tambem Antisterias (2)

Evo-

*Mentemque limphatam Mareotico
 Redegit in veros timores
 Caesar....*

(1) *Olympo*. Monte altissimo entre Macedonia, e a Thessalia, consagrado a Jove: toma-se pelo mesmo Geo.

Fiava Ceres alto nequicquam spectat olympo

Virg. Georg. L. I. v. 96.

(1) *Antisterias*. Festas que os Athenienses faziaõ pela primavera no mez chamado *Antisterion*, ou *floreal*, e todas

Èvohé! Sacro Osiris (1) poténte!
 Não ha vinho que mais me contente
 Nem que tanto meus' olhos deslumbre
 Como o do Rheno,
 Suave, ameno:
 Nem hum vislumbre
 Tenho agora dos negros cuidados,
 Que turbavaõ meus dias cançados.
 Saboé! que furor me transtorna!
 Soccorraõ-me, ajudem-me
 A subir té á boca esta dorna:
 Quero empinalla,
 Quero liballa,
 Quero esgotalla
 Em honra do Nume Thyrsigero,
 Que as magoas adoça,
 A rugada velhice remoça,
 E qu' açaima os Pezares cruentos.

N

Zu-

as festas de Baccó tinhaõ este nome. Vê Marcobio L. I. Cap. 14.

(1) *Osiris*. Nome de Baccó no Egypto.

Te canit, atque suum pubes miratur Osirim.

Tibul. L. I. Eleg. 7.

Ogigia me Bacchum vocat.

Osirim Ægyptum putat.

Ausonio.

Zunaõ ferozes desavindos ventos ;
 Toldem-se os frios ares ;
 Rebemtem nos recifes pedregosos
 Negros revezos mares ;
 Troem roucos trovões estrondosos :
 De horror na esfera escura
 Os lentos passos mais ligeiras movaõ
 Elice (1) tarda , e a tarda Cynosura (2)
 Que nunca as aguas de Amphitrite (3) provaõ.
 Com fragor horrído

Das

(1) *Elice*. A Ursa maior tambem chamada Callisto , he huma constellação boreal , que parece girar em torno do Polo.

(2) *Cynosura*. A Ursa menor. Conta a Fabula , que Callisto sendo violada por Jove de quem tivera hum filho chamado Arcas , excitou os ciumes de Juno , que a transformou em Ursa : Arcas sem a conhecer , hum dia na caça , a quiz matar , Jove impedio este paricidio convertendo Arcas tambem em Urso , e collocou Mãi , e filho entre as Estrellas junto do Polo : Juno por se vingar pedio a Thetys que nunca as deixasse banhar nas suas aguas. Vê Hig. L. I. Fabul. 177.

Vimos as ursas a pesar de Juno

Banharem-se nas agoas de Neptune

Cam. Lus. Cant. V. oit. 15.

(1) *Amphitrite*. Deosa do mar mulher de Neptune : toma-se pelo mesmo mar.

Ovid. Metham. L.

Das encontradas nuvens nimbíferas
 Chovaõ trisulcos, tortuosos raios :
 Ecco (1) fragueira tresdobre á porfia

O horrisono ribombo

Na ouca penedia ;

Qu' eu rio, e zombo

Dos soltos ventos,

Revoltos mares,

Trovões ruidosos,

Raios trifurcos,

Eccos medonhos,

E resupino

Hum grato almude

Hoje á saude

Ledo lhe impino.

Evan! Que vejo eu sonho!

Eis se me antolla

De Baccantes hum bando risonho

Celia, que fazes? olha...

N 2

Naõ

Nec brachia longo

Margine terrarum porrèxerat Amphitrite.

(1) Ecco. Era Nynfa amante de Narciso, e sendo desprezada por elle, se occultou entre as penedias, onde de morte morreu, e foi convertida em pedra. Juno lhe tirou o uso da falla em castigo de a querer illudir com falsos contos, e mandou, que só repetisse o que os outros dissessem.

Não escutas o som nos fundos valles
 De tubas clangorosas,
 De roucos ataballes,
 De stridulos pandeiros,
 De Anafiz, de buzinas espantosas?
 Não vez, como ligeiros
 De corymbos, e parras coroados,
 Dos crespos silvados
 Das lobregas grutas
 Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas
 Saltaõ (1) silvicolas Satyros (2) sofregos,
 As plantas caprinas leves trocando;
 E o desenvolto corni-pede bando
 Não ouves cantando
 O' Bacco Evohé!
 Que refusas! vamos
 De Niseu ás festas,
 As testas

Gins

(1) *Saltaõ* etc. Neste verso Coriambico, se observa a figura Parameon, e a Onomatopeia.

(2) *Satyros*. Deidades campestres cornígeras, com orelhas asininas, e pés de cabra: acompanhavaõ a Sileno, e a Bacco.

... *et aures*

Capripedum Satyrorum acutas

Horat. L. II. Ode 19. a Bacco.

Cinjamos

De verdes pimpolhos. . .

Mas que vejo **Dois Eus** (1) , duas **Celias** !

Evohe ! Numen Niseno ,

Que meus olhos obumbrados

Fazem-me , tornaô-me

Os presentes objectos dobrados :

Pois naõ he por estar vinolento.

Que dita ! que portento !

O Destino endeosou-me

Em Bacco transformou-me ,

Sou Bacco , e naõ duvides. . .

Das verdejantes vides

Em mim o Nume adora ,

Agora

No Sacrosanto Nectar me embriago.

A

(1) *Dois eus* etc. Entende-se que vejo a minha figura duplicada como se me visse a espelho , ou tomasse a minha sombra por outro eu , effeito da vinolencia como se vê nos outros quatro versos seguintes : Em quanto ao dar ao pronome *eu* o plural *eus* , entre varios exemplos que podia allegar , exponho este de Heitor Pinto no seu Dialogo da Religião Cap. III. folh. 61. v. Edic. de 1591. *Em mim ha dois Eus , e isto ha em todos os homens , hum segundo a carne , outro segundo o espirito.*

A azul Esfera
Veloz transago

Por mim , Celia gentil , hum pouco espera,
Qu' a Jove revôo fulmini-potente

Para que lá no Olympto fulgente

D'um throno luzente

A posse me dé.

Ceos ! qu' em prazeres ardo !

A Deos Celia : não tardo.

Peian , Bacco ! Evohé.

○

A D V E R T E N C I A.

O ter havido quem julgasse , não só que muitos dos versos destes meus Dithyrambos eraõ duros , e errados ; porque não coincidiaõ em accentos , e numero de syllabas com os que se usaõ trivialmente , mas tambem , que eraõ ficticios , e arbitrarios os nomes , que nelles vem conhecidos na Mytheologia , Historia ; Geografia , Astronomia etc. e o querer eu satisfazer , ainda mesmo aos Censores desta Classe para me poupar ás criticas filhas da pouca intelligencia , que saõ as mais frequentes , foraõ os motivos que me obrigarãõ a escrever estas notas , explicando , e authorizando com exemplos de Authores Classicos , e conhecidos , ainda as cousas mais sabidas e usuais , que tudo he pouco para illustrar , e pôr termo ás censuras dos que dizem mal porque não entendem.



O TEMPLO DE GNIDO.

DA molle cama de rosas
O frouxo Morfeo se erguia,
E dos cem filhos cercadó,
Sobre os Humanos descia.

Eu minha Annalia tyranna,
Pensando nos teus rigores,
Pranteava a desventura
Dos meus infaustos Amores.

Eis que hum aligero Somno
Em torno de mim voava,
E das narcoticas flores
Minha frente coroava.

Logo junto de mim vejo
Hum terno Menino alado,
Em cujo lindo semblante
Brilhava hum risonho agrado:

Puxando por mim, diz ledo :
 » Eia mortal, vem comigo,
 » Vem ver Annalia, qu'intento
 » Ser brando hum' hora contigo. »

Plumosas azas me presta ;
 Ambos os ares cortámos,
 Taõ leves, que aos leves ventos
 Após vencidos deixámos.

Sobre a magestosa Gnido
 Nosso vôo suspendemos :
 E ás faldas de hum fresco monte
 Com brando adejo descemos,

Crespa murta, Pafias rosas
 Toda a terra tapizavaõ,
 Por entre as quaes serpeando
 Mansas aguas murmuravaõ,

Nisto o meu Guia se occulta,
 Dizendo-me » Eis de Accidalia
 » O sacro monte; aqui podes
 » Ver meiga contigo Annalia,

Logo subo á fresca cima ,
Nella erigido contemplo ,
Topetando co' as esferas
Da Deosa o Sagrada Templo.

Corinthias altas columnas ,
A faxada guarneciaõ ;
Em grossos quicios fulgentes
Eburneas portas gemiaõ.

Chego ao atrio sumptuoso ,
E a penas os lares piso ,
Da magestade que vejo
Assombrado me diviso.

Fulvo metal reluzia
Nos soberbos alizares ;
De gemmas se adereçavaõ
Os thuricremos altares.

Pelas douradas paredes
Em quadros d'alta memoria ,
Da Deosa se contemplava
Toda a lisongeira historia.

Nos

Nos Frygios campos se via
 Meigo o semblante formoso,
 Nos braços terna apertando
 O Pai do Teucro piedoso.

N'outro quadro ao terno Adonis
 Sobre seu collo amimava;
 E as roseas faces imberbes
 Com vivo ardor lhe beijava.

Em torno os meigos Prazeres
 Voar se viaõ gostosos,
 E os Zefyros entre os ramos
 Suspirarem d'invejosos.

Em fertil gramineo monte,
 Que ao fresco Tempe excedia,
 Manso gado pastorando
 D'Hecuba o Filho se via.

Alli a bella Dione
 As nuas carnes mostrava,
 E na belleza vencidas
 As outras Deosas deixava.

No-

Notava-se o aureo pomo
 Da torva Discordia fera,
 Que em troco de altos amores
 O Pastor d'Ida lhe déra.

Mil cousas contemplo, menos
 As redes de subtil arte,
 Com qu' o zeloso Vulcano
 Preza a tivera com Marte.

Junto ao Portico soberbo
 Diviso hum Minino alado,
 N'um throno de ouro radiante.
 De arco, e de setas armado.

Cultos lhe dou reverente;
 Quando esta voz me estremece;
 » Não he Amor o que adoras,
 » He o sagaz Interesse. »

Então reflecto por vello
 Tanto ao Numen parecido,
 Quantas vezes me haveria
 Com seu aspecto illudido.

No topo do excelso alcaçar
Vejo hum altar magestoso ,
Sobre tres degráos soberbos
De Assyrio marfim lustroso.

Aureo docel recamado
De Perolas indianas ,
Prezo com festões de flores
Tolda as aras soberanas.

No relevo das molduras ,
Que o rico throno cercavaõ ,
Mil fulgurantes Pyropos
Mais do que o Sol radiavaõ.

Aqui a bella Accidalia
Taõ magestosa se via ,
Que n'alma em hum mesmo tempo
Gosto , e respeito infundia.

Alvas roçagantes vestes
D'aljofar alcaxofradas ,
Parte dos membros mostravaõ
Em ricas prisões tomadas.

O Ocio , a Ternura , as Graças
 Em torno offrendas faziaõ ,
 De gratos Sabéos perfumes ,
 Que ao ar de fragrancia enchiaõ.

Em quanto alegre isto observo ,
 Hum grande estridor contemplo ;
 Volto o rosto a ver quem era ,
 Que assim perturbava o templo.

Entre huma chusma de Amores ,
 Aureos fuzis arrastrando ,
 Te vejo entrar , minha Analia ,
 Ternos soluços soltando.

Chegar á Pyra , e jurares
 A Amor , pelos Ceos sagrados ,
 Que só Belmiro seria
 Emprego dos teus cuidados.

Que mais piedosa , que d'antes ,
 A pezar da iniqua sorte ,
 O puro amor que juravas
 Duraria além da morte.

Caber não pôde em meu peito
O bem qu' escutando estava ;
Quiz soltar esta voz terna ,
Que a minha gloria dictava.

» Graças aos Ceos que te vejo
» Hum dia comigo amante , »
Mas nisto acordo , e dos olhos
Me foge a scena brilhante.

Então pondero assim vendo
Os meus prazeres frustrados ,
Que os gostos que tem hum triste
Até são breves sonhados.

A P O L O G O I.

O Rouxinol , e a Cigarra.

NAs horas da calma ardente
 Hum Rouxinol sonoro
 Doces gorgeios soltava
 Sobre hum loureiro frondoso.

Dois Pastores que defronte
 A' sombra estavaõ sentados
 Seu grato cantico ouviaõ
 Embebidos , e encantados.

Eis Cigarra presumpçosa ,
 Qu' a leda scena observava ,
 Pousou no extremo do ramo
 Onde o Rouxinol cantava.

E d'impia inveja mordida
 Lhe diz : Teimoso socega ,
 » Que das aves importunas
 » E's o maior cegarréga.

fin

» Inessante dia , e noite
 » Atrôas todo este prado :
 » Com teus dissonantes guinxos
 » Tens-me os ouvidos quebrado.

» Atento hum pouco me escuta
 » Se cantar melhor pretendes ,
 » Qu'inda que tens a voz rouca
 » Ao menos o estylo aprendes.

O doce Musico alado ,
 Sem dar assenso á invejosa ,
 Proseguio com mais doçura
 Na cantilena saudosa

Ella entãõ por ver se acaso
 O turbava , e confundia
 A cantiga estrugidora
 Ferverosa principia.

Hum dos Pastores irado
 Contra a louca impertente
 Diz : Aguarda toma o premio ,
 » De cantiga taõ cadente.»

Ergueu-se , e com mão tão certa
Lhe atira huma torroada
Que a mal fadada cantora
Cahio por terra esmagada.

Se a inveja assim castigassent
Não seriaõ turbadoras
Dos Rouxinois do Parnaso
Cigarras estrugidoras.

A P O L O G O II.

» O Touro , e o Leaõ . » (1)

V Endo hum Touro , que tragava
Torvo Leaõ certa rez ,
Assim o increpa : *Essa triste ;
Que mal , ó impio , te fez ?*

*As garras em sangue ensopas ,
Esmeras-te em fazer mal ,
Manter naõ podes a vida
Sem que pereça hum mortal ?*

*Toma exemplo em mim que pasto
As hervas , que os prados tem ,
Que posso estear meus dias
Sem fazer mal a ninguem .*

*Ora o mundo está perdido :
Ninguem (Lhe torna o Leaõ)
Vê a tranca nos seus olhos .
He bem certo este rifaõ .*

Se-

(1) A rima deste Apologo he feita em versos agudos

*Se para manter a vida
Sou dos viventes algoz,
Cumpro à risca huma lei dura,
Que a natureza me impoz.*

*De buscar a subsistencia
Temos justa obrigaçãõ:
Eu se mato he por manter-me
Lcgo o que obro he com razaõ.*

*Mas tu que d'hervas te nutres,
Naõ precisas fazer mal,
Com tudo em teus páos cruentos
Dás fim a tanto mortal.*

*Reflecte, qual de nãõs ambos
Deve o nome de impio ter,
Se tu, que matas por gosto,
Se eu, que mato por comer.*

*Para increpãrmos õs outros
Sempre buscamos razaõ.
Sem vermos, que às vezes somos
Peiores do qu' elles saõ.*

» A P O L O G O III. »

» *O Pastor, e o Lobo.* »

HUm Lobo velho, e sabido
 Por mal feitor conhecido,
 Hum dia tendo observado
 Em densa moita escondido
 D'um caõ, que guardava o gado
 A vida farta, e ociosa,
 Cheio de inveja, e de enfado
 Assim ergue a voz queixosa:
 » Quanto infausto me imagino
 » Se com a deste rafeiro
 » A minha sorte combino,
 » Elle dorme o dia inteiro,
 » Dorme a noite soccegado;
 » Eu se durmo algum bocado
 » He com sustos, com temores;
 » Elle vive entre os Pastores,

He

- » He querido he estimado ,
- » Eu por todos sou odiado
- » Vivo errante , e perseguido
- » Pelas brenhas escondido :
- » Elle a farto sempre come ,
- » Eu por vida trago fome :
- » Qual será pois o motivo
- » De eu viver no mal que vivo ,
- » E elle em dita , e bem tamanho ?
- » Talvez he , porque elle austero
- » Guarda as rezes do rebanho ?
- » E eu se algum cordeiro apanho
- » Logo o mato , e dislacero ?
- » Daqui vem ser elle tido
- » Por fiel , por comedido
- » E eu por máo , por impio , e fero :
- » Naõ , de vida mudar quero ,
- » Que já basta de andar nisto :
- » C'os zagaes desta espessura
- » Passo a ver se me bem quisto ,
- » E se obtenho tal ventura ,
- » Qual obtem este rafeiro ,
- » Se topar algum cordeiro
- » Do rebanho tresmalhado ,
- » Hei de tello aprisionado
- » Té que venha o Pegureiro

» Pa-

» Para ver que eu não apanho ,
 » Antes guardo o seu rebanho » ,
 Disse , e logo apressurado
 Sai da moita onde jazia .
 Muito andado não teria
 Quando topa n'um vallado
 Hum cordeiro desgarrado ,
 Nelle salta , eis o segura ,
 E que o veja alguém procura
 Como tinha projetado ,
 Por mostrar aos Camponeses ,
 Que tão bem lhes zela as rezes .
 Ora a fome que trazia ,
 Que o tragasse lhe pedia :
 Mas a dita , qu' esperava
 Os desejos lhe abafava ;
 Nisto assoma o Pegureiro
 Em procura do cordeiro :
 Topa o Lobo , e cego d'ira
 Sem sessar pedras lhe atira ;
 Eis o triste qu' o esperava
 Sem fugir para elle olhava ,
 Como quem dizer queria ,
 Que elle o gado não comia
 Antes fido lho guardava ;
 Mas no meio do conflicto

O Pastor feroz tomando
 A virtude por delicto ,
 Sobre o Misero saltando
 Hum tal golpe lhe desfeicha ,
 Que no chaõ por morto o deixa.
 Que as acções mais virtuosas
 Dos mãos , por mãos conhecidos ,
 Para os olhos prevenidos
 Sempre são más , sempre odiosas.

A P O L O G O IV.

O Pombo , e a Raposa,

Certo Colono criava
 Com terno amor hum Pombinho ;
 Que implume tirou d'um ninho ,
 Que n'uma Oliveira estava.

Num soto espaçoso o tinha
 De arame engradado todo ,
 Comer lhe deitava a rodo ,
 E em tratallo se entretinha,

Refletindo , que seria ,
 Viver só , cousa penosa ,
 Alva Pombinha amorosa
 Lhe deu para companhia ;

O tenro Pombo gosava
 De immensa felicidade ,
 Que á excepção da liberdade ,
 Tinha quanto desejava,

Maq

Mas deste bem descontente
 Em dura magoa vivia ;
 Junto á grande noite , e dia
 Fugir buscava impaciente.

Se vinha a Esposa intentando
 Beijallo , tinha bicadas ,
 Ferviaõ d'aza as pancadas ,
 Dando voltas , e arrulando.

Quando algum seu companheiro
 Os ares cortando via ,
 Tristes lamentos fazia
 Chorando o seu captiveiro.

Mas descuidou-se huma vez
 O dono indo a porta abrir ,
 Elle achou léo de fugir ,
 E eterna surtida fez.

N'um verde apartado oiteiro
 As leves azas fexando ,
 Entrou n'um bravio bando
 De Pombos por companheiro.

Alli tristezas morrêraõ ,
 Fugiraõ males antigos ,
 Inda que os novos amigos
 A' pancada o recebêraõ.

Eis ,passado hum breve espaço ,
 Quando estava mais contente ,
 Vio cahir incautamente
 Hum companheiro n'um laço.

Em quanto o pobre adejava ,
 Fugia o bando medroso ;
 Mas troou tiro horroroso ,
 Que dois por terra lançava.

O nescio Pombeinho anciado
 Nem de susto bem resfoga ,
 Quando hum fero Açor empolga
 Hum que ficava ao seu lado.

De horror cheio os vôas ergue ,
 E entrando em moita soturna ,
 Vai-se esconder n'uma furna
 De velha Rapousa alvergue.

Naquella horrenda espelunca
 A noite, e o dia consome,
 Sem ver luz, morto de fome,
 E ainda mais prezo que nunca.

Já d'horrores combatido
 O antigo estado appetece,
 Que o bem nunca se conhece
 Senão depois de perdido.

Vendo perto a dura morte
 Clamou: *Já venturas tive;*
Mas ninguem contente vive
Com sua boa, ou má sorte,

No meu estado feliz
O alheio estado invejei,
O bem pelo mal troquei,
Por gosto infortunios quiz.

O' liberdade, ó negação
De tanto infausto vivente;
A tua dita apparente
Sempre termina em desgraça.

Em

Em tanto que assim clamava
 Entra a dona do aposento ,
 Que em vaô buscando sustento
 Havia tempos que andava.

Mas porque nelle achou falha
 Tinha occupado as amigas ,
 Que todas lhe deraõ figas ,
 Mas de comer nem migalha.

As orelhas pondo fitas
 Lança a vista ao Camarada ,
 E de o ver toda admirada
 Diz : *Ui, temos cá visitas !*

*Ao lar alheio abastado
 Fui pedir , envergonhei-me ,
 Vim ao meu remediei-me :
 Não ha mais certo ditado.*

Depois ao triste chegando
 Fez-lhe grande cortezia ,
 E estas lerias lhe dizia
 Da cauda a ponta abanando :

*Se eu ha mais tempo soubera
Quem este alvergue me honrava,
Ao meu dever naõ feltava,
Mais cedo vindo tivera.*

*Mas perdoe a grosseria
D'esta sua apaixonada,
Que gente em montes criada
Naõ pôde ter cortezia.*

*Diga-me, a sua Senhora
Onde ficou, foi na rua?
Pois esta caza era sua,
Naõ fez bem ficar lá fora.*

*Cá huma visita, ou duas
Naõ faz nenhum embaraço?
Mas vamos venha esse abraço,
Que tenho saudades suas.*

*Nisto ao Pombinho se avança,
Que em vaõ por fugir-lhe adeja:
Ella salta, ella forceja
Até que as unhas lhe lança.*

E-diz , O' caõ mal criado :
 Pedir-lhe , á perto d'hum' hora ;
 Hum abraço huma Senhora ,
 E moita ficar parado !

Ora ande , leve esta esmola
 Para não ser desattento :
 Eis o abóca , e n'um momento
 Lhe deu no buxo gaiola.

Quem no seu ditoso estado
 Deixa de ter permanencia ,
 Não crinine a Providencia
 Se tiver fim desgraçado.

APO.

A P O L O G O . V .

A Raposa , e e Lobo .

» **C** Ompadre , (contaõ (1) que ao Lobo
 » Disse a Raposa huma vêz)
 » Pari dois filhos , e agora
 » Naõ mos comas por quem és .

» Naõ , Comadre , está segura
 (Logo o Lobo lhe tornou)
 » Que nunca em damno de amigos
 » O meu dente se embõtou .

» Lembra-me inda aquelle Invernõ ,
 » Em que taõ doente andei ,
 » Que dos teus roubos , e traças ,
 » Comadre , me sustentei .

» Mas

(1) A invenção deste Apologo naõ he totalmente nova ,
 pör isso uso da palavra ,, contaõ. ,,

» Mas he preciso , que delles
» Me dês agora os sinais ,
» Para isentallos da morte
» Quando for comer os mais.

De gosto com tal promessa
A Rapousa regougou ;
E catando-lhe huma orelha
Desta sorte lhe fallou :

» De todos os Raposinhos ,
» Que has de Compadre encontrar ,
» Os mais nedios , mais formosos
» São os meus , não tens que errar. »

Com estes signaes sómente
O Lobo se despedio ;
E logo em busca de preza
A's vastas brenhas partio.

Em huma idionda furna
Aonde a fome o levou ,
Mui feios , sujos , e auguados
Dois Raposinhos achou.

» Não,

» Não saõ os da minh' amiga
» Pelos signaes que me deu. »
Disse ; e lançando-lhe as garras
Ambos matou, e comeu.

Eis entra a Raposa, e clama
Vendo o successo : » Ay de mim !
» Ay de mim ! negro Compadre ,
» Que aos filhos meus déste fim.

» Taõ incessante rogar-to
» Ay triste ! não me valéo. »
Mas nisto o prudente Lobo
Severo lhe respondeo :

» Pelos signais que me déste ,
» Os teus filhos não comi ;
» E se estes eraõ teus filhos
» Entaõ queixa-te de tí.

» O muito que tudo nossó
» Com excessó nos apraz ,
» Quasi sempre he quem nõ mundo
» Mil prejuizos nos faz. »

A P O L O G O VI.

O Gato , o Caô , e o Rato.

A' volta do dia
 Da fome obrigado ,
 Medroso sahia
 Ratinho esfaimado
 Da toca sombria.

Aprôve á desgraça ,
 Que hum Gato daninho ,
 Que alli veio á caça ,
 Do triste Ratinho
 Cruel preza faça.

Os dentes roedores
 Feroz lhe cravava ;
 Envolto em suores
 O triste clamava
 Chiando co' as dores.

• He

He crime execrando

Buscar o sustento

O Gato rosnando :

He ; disse , e cruento

O foi lacerando.

Hum Caõ que escutava

A queixa sentida ,

Que as almas cortava ,

No fero homicida

Os dentes serrava.

O qual sem alento

» *Cruel , lhe dizia ,*

» *Porque és taõ cruento ?*

» *Foi crime algum dia*

» *Buscar o sustento ?*

O Caõ no conflicto

Lhe diz » *Melhor pensa*

» *No teu proprio dicto ,*

» *Tu deste a Sentença ,*

» *Eu puno o delicto.»*

» *Roubaste huma vida ,*
» *Naõ peças desculpa ;*
» *Que além de homicida ,*
» *Réo foste da culpa ,*
» *Que deixas punida .*

» *Se quando intentasses*
» *Qualquer acção dura ,*
» *Por ti te julgasses ,*
» *Igual desventura*
» *Talvez naõ provasses.*

A P O L O G O VII.

Os Rafeiros, e o Goso.

MOrreu hum nedio cabrito,
E o Guardador dono delle,
Depois de tirar-lhe a pelle,
Aos cães no campo o deitou.

Logo d'hum monte chegando
Tomando os ventos, e o cheiro;
Veio hum possante Rafeiro,
Que da preza se apossou.

Depois hum Goso chegando
Quiz tambem ser camarada;
Mas levou tanta dentada,
Que na empreza desmaiou.

Ganindo, e lambendo os beiços
Poz-se de parte sentado,
Até que desenganado
Outro partido buscou.

Im

Foi-se ao casal mais vizinho,
E ao caô que guardava a porta
De que havia huma rez morta
Naquelle campo, avisou.

Sem que a nova agradecesse
O convidado Rafeiro,
Atraz do Goso matreiro
De corrida caminhou.

Eis que á preza se aproxima
Ladrando, e os ares mordendo;
Mas o que estava comendo
Adiante se atravessou.

Mostrando os mordazes dentes
Hum ao outro se avizinha,
E entre o qu' estava, e o que vinha
Pendencia atroz se travou.

Eilos nas pernas se empinaõ,
Salto agora, agora tombo,
Dentes ferrados no lombo
Largou este, este filou.

Em[tanto o ladino Goso
Esta aberta aproveitando,
Nos restos da rez saltando
Nem migalha esperdiçou.

Depois de bem lacerados
Os dois á preza voltáraõ ;
Mas só o sitio lhe acháraõ ,
Que nada o Goso deixou.

Ah ! quantos destes exemplos
Naõ vemos na redondeza
Depois qu' a torpe avareza
Seu veneno propagou.

Em quanto se debelláraõ
Outro , e tu n'um pleito odioso ,
Houve quem foi mais doloso ,
Que sem nada ambos deixou.

A P O L O G O VIII.

O Pavaõ, e o Burro.

HUm Pavaõ, e hum Burro annoso !
 N'um oiteiro se encontráraõ,
 E naõ sei em qual das linguas
 Larga conyversa traváraõ.

O Pavaõ em seu abono
 Mil cousas trazendo á balha,
 (1) D'Argos naõ lhe esquece a Historia
 Nem o successo da gralha (2).

Atraz naõ ficando o Burro,
 D'um seu parente lhe conta.
 Que deu n'um Leaõ dois coices (3)
 Por despicar certa affronta.

Com

(1) Vê Ovid. Meth. L. I.

(2) Vê Fedro Fabula III. *Graculus superbus*

(3) Vê Fedro Fabula XXI. *Leo senio confectus.*

Com estas, e outras conversas
Traváraõ mutua amizade,
Na qual o tolo sendeiro.
Tinha a mais nescia vaidade.

Sómente pelos influxos
Da companhia em que andava,
De que era Burro esquecido,
Outro Pavaõ se julgava.

A cabeça arribitando
O pescoço entumecia,
E sobre as peladas ancas
Da cauda as sedas abria.

Em taõ celebre figura
De muitos seus camaradas,
Ou por tolice, ou por mofa
Levava mil pavonadas.

O Pavaõ vendo tais fumos
Lograva o pobre sendeiro,
E as mais das noites fazia
Do seu costado poleiro.

Hum

Hum dia estando ambos juntos
 Sobre hum ingreme rochedo ,
 O Pavaõ soltando as azas
 Vôa sobre hum arvoredô.

O Burro qu' atraz não fica
 O amigo imitar querendo ,
 Solta-se , e entra a dar aos braços
 Tambem voar pretendendo.

Do cimo do alto rochedo
 Cahindo precepitado ,
 Baqueia na terra dura ,
 Onde fica arrebentado.

Nescio imitador , sentido ,
 Se falto de azas te sentes ,
 Porque vês voar os outros ,
 Voar tambem não intentes.

De exemplo o Burro te sirva ,
 Modera a tua afoiteza ;
 Transpôr as metas não ouse ,
 Que te poz a natureza.

△PO:

A P O L O G O IX.

» *A Raposa , e o filho.* »

N Um covil de urzes cuberto,
De ferteis campos vizinho,
Huma Raposa já velha
Deu á luz hum Raposinho.

Vinheiros, e Cassadores
A' porfia lhe matavaõ
Quantos filhinhos paria
Apenas fóra os topavaõ.

Velha a triste se observava,
E na tropega velhice
Ter desejava hum esteio,
Que d'amparo lhe servisse.

Por isso no tenro filho
Punha incessante cuidado,
Temendo qu' o fim levasse,
Que os mais lhe tinhaõ levado.

Pe:

Pelos campos mais vizinhos
 Hia buscar-lhe o sustento,
 Sem consentir que da furna
 Sahisse fóra hum momento.

Sómente em noites d'Estio,
 Em quanto a manhãa não vinha,
 O deixava junto á cova
 Dar a sua carreirinha.

Porém o matreiro filho
 Assim que fóra a pilhava,
 Fazia immensas diabruras,
 E hum momento não parava.

Andava em perpetuo giro
 Da boca da furna ao centro,
 Sahia, e de rabo alçado,
 Vinha a correr para dentro.

Em tanto a pobre Raposa
 Mil trabalhos supportava,
 A' espera as vezes d'um grilo
 Horas inteiras passava.

Com

Com limitado alimento
 O lasso corpo nutria ;
 Para qu' o filho comesse
 Muitas vezes não comia.

Quando vozes, ou latidos
 Dalli mais perto escutava,
 Por cautella aquelle dia
 Fóra, hum só passo, não dava.

Havia algumas semanas,
 Que pouco, ou nada comia ;
 Passava fomes immensas
 Mas sem desastres vivia!

Porém, ou fosse dos annos,
 Ou de vida tão penosa,
 Cahio gravemente enferma
 A Raposa lastimosa.

Então com lagrimas ternas
 De parte o filho chamando,
 Estas palavras lhe disse
 Lambendo-o de quando, em quando.

» Era

» Em quanto pude , meu filho ,
 » De sustos viveste isento ,
 » Com fadigas com trabalhos
 » Vinha trazer-te o sustento.

» Agora he bem , que me faças
 » O mesmo que te fazia
 » Qu' huma infeliz alimentes ,
 » Que em teu soccorro confia.

» Mas antes qu' ao mundo saias
 » Quero sãos conselhos dar-te :
 » Sou tua Mãi , sou mais velha ,
 » E a viver devo ensinar-te.

» Em teus irmãos toma exemplo ,
 » E igual desventura evita :
 » Aprende á custa dos outros ,
 » Que não he pequena dita.

» Na abundancia não confies ,
 » Della nunca apreço faças ,
 » Qu' a abundancia as mais das vezes
 » Traz comsigo mil desgraças.

» Dize

- » Distante desta caverna
- » A caçar nunca te afeites ,
- » Porque logo que te assaltem
- » Não terás onde te acoites.

- » Ensinou-me a experiencia;
- » Segue o systema que sigo ,
- » Antes fomes sem desastres ,
- » Que farturas com perigo,

Em tanto o filho impaciente
 Estas rasões mal ouvia ,
 Morto por sahir pensava ,
 Que o tempo já lhe fogia.

Ao campo sahio , e alsando
 Contra os ventos o focinho ,
 Partio saltando aos pés juntos
 Sem farejar o caminho.

Como doido sem cessar
 Montes , e valles correu ,
 E falta de reflexãõ
 Da furna o tino perdeu.

Entrou n'uma fertil vinha ,
E sobre as uvas saltando
Sem se lembrar de mais nada
Comeu , que ficou impando.

Depois sahio , foi deitar-se ,
E assim com sigo rosnava :
» Amizade não me tinha
» Quem deste bem me privava.

» Se minha mãe passa fomes
» Por tolice , ou por molluria ,
» Eu não sou tolo , não quero
» Viver por gosto em penuria.

» Não , outra vez lá não torno ,
» Verei agora o que come ,
» Já que de fomes gostava
» He bem que morra de fome.

Disse , no somno pegou ,
E hum largo espaço dormio ;
Depois que dormio se ergueu.
Experguiçou-se , e partio :

Torç

Tornou pelo vézo á vinhá,
 Já das uvas não fez caso;
 Entrou n'uma capoeira,
 Que damno! tudo foi razo!

Ao grande motim que fez
 Hum Caseiro despertou,
 E tão ligeiro acodio,
 Que na embuscada o pilhou.

Erguendo hum páo ás mãos ambas,
 Huma lambada lhe atira,
 Que se em eheio lhe acertasse,
 De meio a meio o partíra.

D'esquentilhaõ fuge o triste,
 Mas encontra ao mesmo passo
 Hum Vinheiro, que lhe prega
 Hum tiro pelo espinhaço.

Uivando tinto de sangue,
 Sem atinar por onde hia;
 Debalde em busca da cova
 Montes, e valles corria.

Em tanto a pobre Rapoza ,
 Que sem alentos estava ,
 Mais , que a falta de sustento ,
 ▲ do filho lamentava.

Arrastada como pôde
 Ao campo havia sahido ,
 Por ver se o topava , quando
 Ao longe lhe ouve hum gemido.

Regouga , fita as orelhas ,
 E attento ouvido applicando ,
 Vai pelo som procurallo
 Tremendo , e cambaliando.

Convulso , todõ mortal
 Encontra o filho infeliz .
 Que a penas de perto a vê
 Com voz truncada lhe diz :

» Talvez mãy , talvez , que eu nunca
 » A tanta afflicãõ chegasse ,
 » Se abraçando teus conselhos ,
 » Com pouco me contentasse.

• ▲

- » Após me fui da abundancia
- » Sem ter do estrego receio,
- » Mas desta imprudencia louca
- » Eis o premio que me veio.

- » Quante melhor me seria
- » Viver em penuria escassa,
- » Do que morrer na abundancia
- » A's mãos da cruel desgraça.

Disse : e com ancias mortais
Torceu-se , urrou , e morreu ,
E a mãy tambem de paixão
Dizem , que o rabo estendeu.

P A R A B O L A

O Avaro, e o Jumento.

P Or ver se erguia cabeça,
Trefego hum pobre avarento
Foi alugar por dois mezes
A certo amigo hum jumento.

Hum só minuto de folga
Ao triste animal não dava,
De quantas sortes podia,
De tantas o disfructava.

Vinha de fóra, e se logo
Outro frete apparecia,
Antes que a reçaõ lhe dêsse,
Punha-lhe a albarda, e sahia.

Só de favas hum chapéu
Lhe dava á noite a comer,
Porque pagallo ajustou
Morrendo-lhe em seu poder.

Hia abúndando porém ;
Crescendo a sua ambição,
Comsigo disse huma vez
Indo botar-lhe a reção :

» Se eu daqui tiro hum punhado,
» Isto á besta nada monta,
» E no fim de poucos dias
» D'uma reção tenho a conta.

Disse, e hum punhado lhe tira,
Que não foi dos mais pequenos ;
E igual porção as mais noites
Lhe dava sempre de menos.

D'ahi a huns dias fazendo
Projecto igual ao passado,
Da reção do pobre arenque
Tirou segundo punhado.

As.

Assim teimoso em juntar
 Seguindo a cega ambição,
 De noite, em noite lhe foi
 Diminuindo a reção.

De sorte qu' em tempo breve
 Vio o misero jumento,
 A meia duzia de favas
 Tornado todo o sustento.

Naõ era inda hum mez completo,
 Que andava o triste alugado,
 E já de fome, e lazeira
 Se via desfigurado.

Dando aos ilhaes de fraqueza
 A cada passo cahia,
 E sem que alijasse a carga
 Tornar-se a erguer não podia.

Huma noite d'agua, e vento
 O miseravel sendeiro
 Trepicou, e deu consigo
 Dentro d'hum grande atoleiro.

O Avaro todo raivoso
 Com paulada, que fervia,
 Puxando-o pela arriata
 Desta sorte lhe dizia:

*Dá-lhe agora em ser manhoso?
 Pois hei de tirar-lhe a manha
 Vossê he novo, bem pode,
 Não he a carga tamanha.*

*Quer-me pirraças fazer
 Por limitar-lhe a reção,
 Pois protesto por quem sou
 De tirar-lhe a oppinião.*

*Aqui me tem, que trabalho,
 E tambem como bem pouco.
 Fora! he mais grave? e nas ventas
 Lhe prega hum tremendo sóco*

Depois tirando-lhe a carga
 Levantalo pretendia;
 Mas quando o erguia d'hum lado,
 Do outro lado lhe cahia.

Eu-

Então pegando n'hum pão
 Tanto raivoso lhe deu,
 Que o lazarento animal
 Esperneando morreu.

O Dono quando isto soube,
 De tanta insolencia irado,
 Foi-lhe a casa pelo ajuste
 De justiça acompanhado.

O Avaro afflicto lhe entrega
 Tudo o que juntado havia;
 Mas de resto pelas custas
 Inda foi ver a enxovia.

Nesta fábula moral
 Veja a prudente razão,
 Qu' o muito poupar tambem
 Faz a nossa perdição.

P A R A B O L A II.

Os Ladrões.

EM noite escura, e chuvosa
 Subir d'huma Quinta o muro
 Vil Ratoneiro tentava,
 E o corpo em vão balançava
 N'umas piteiras seguro.

Julgava que o Fazendeiro
 A casa não tinha vindo,
 E qu' os moços descuidados,
 Estariaõ descansados
 A somno solto dormindo.

A mesma idéa formando
 Tambem outro Ratoneiro
 Da Quinta rodeava o muro,
 Até que cego do escuro
 Topar vem no companheiro.

Quem

*Quem he? lhe pergunta a medo:
E o outro: Não me conheces,
Lhe torna, sou teu amigo
Foi ventura o dar contigo
Estimo bem, que viesses.*

*Ora ajuda-me a subir
Antes que nos sinta alguém,
Porqu' eu assim que trepar
Do muro a mão te hei de dar,
Para que subas também.*

*Deste predio o rico espolio
Roubaremos a seguro.
Disse: e o companheiro ousado
Em tais razões cõfiado,
O ajuda a subir ao muro.*

*Mas quando em cima se apanha,
Sem pejo á promessa falta:
Lugar mais baixo procura,
As mãos a hum tronco segura,
Firma os pés, e em terra salta.*

Vil, desta sorte me enganas?
 O outro lhe clama enraivado,
Queira o Ceo, que alguém te sinta:
 E elle já dentro da Quinta
 Lhe torna assim descarado:

Companhia não careço,
E como enganar-te pude,
Busca, ou segue outro caminho,
Que eu posso roubar sozinho,
Naõ preciso quem me ajude.

Disse, e logo avante parte:
 Porém os cães o sentirão,
 E tanto motim fizeram,
 Qu' os moços todos se erguerão,
 E á Quinta armados sahirão.

O triste que tal presente,
 Volta ao muro de corrida,
 Tenta subillo, e não pôde,
 Brada: *Amigo a hum triste acode,*
Qu' intentuõ roubar-lhe a vida.

Vinç

Vingativo o Companheiro,
 Que estava ao muro vizinho,
 Isto ouvindo, assim o investe:
Sózinho roubar quizestes,
He bem qu' o pagues sózinho.

Nisto em chusma entre alaridos
 Os moços com elle deraõ,
 O corpo lhe desmembraraõ,
 E assim que morto o julgaraõ,
 Fora da Quinta o pozeraõ.

Passado hum pequeno espaço
 Forçando os vitaes alentos,
 Em quanto luta co' a morte,
 Clama afflicto desta sorte,
 A voz truncando a momentos:

Eis o premio de meus crimes,
N'ambiçaõ fazendo estudo
Perco a vida sem soccorro,
Vivi pobre, e pobre morro:
Tudo perde quem quer tudo.

SATYRA AOS VICIOS.

Quando pela extençaõ do vasto mundo,
 Naõ d' Estoica dureza o peito armando,
 A' livre indagaçaõ as azas solto,
 A idéa em sentimentos espraída
 Milhões de scenas lamentaveis nota:
 Com magoa observa os loucos desvarios
 Dos trefegos humanos, que blasonaõ
 Do excelso dote da Razaõ, vedado
 Ao resto dos mais entes que respiraõ,
 E em pelagos de vicios mergulhados
 Seus dias envenenaõ, tramas tecem
 A' fragil vida, que por gosto encurtaõ,
 Vivendo em rijos ferros como escravos
 Das triunfantes paixões ao carro presos,
 Que triste he contemplar a sãa Virtude,
 Ao ver dos homens extravios tantos,
 Entre as mãos esconder a linda face,
 Qu' o pejo tinge, e as lagrimas aljofraõ.
 No vento encastellada a vã Soberba,
 Da algemada Razaõ cospe no rosto,

E

E aos pés o globo submetter procura.
 Rende-lhe cultos o enfunado humano,
 Qu' alarde ocioso de brasões fazendo,
 Pizar os seus ignaes pretende altivo;
 Na vã fadiga de ostentar grandezas,
 Hum leve menoscabo, hum leve insulto
 Lhe faz sofrer do inferno os males todos:
 O tempo vòa, chega a surda Morte,
 Que põe de nivel distincões mundanas,
 Em nada a fofa persumpção lhe torna,
 E ri de o ver na tosca sepultura
 Do mais abjecto dos Plebeos calcado.
 Verdugo inexoravel de si mesmo,
 O misero Avarento arde nas chiammas
 Da sedenta ambição, da baixa usura.
 Mesquinhando a precisa subsistencia
 Sobre os cintados cofres prenes d'ouro
 Da magra Precisaõ no jugo arqueja:
 Qual nos sumptuosos paços de Bysancio
 Entre as Bellas da Georgia o frio Eunuco,
 Qu' as zela, e não as goza, assim o Avaro
 Guarda o que não disfructa, a paz lhe roubaõ
 Sustos, vigílias, precauções, cuidados:
 Nos braços da penuria acaba a vida,
 A vida penitente, e detestada
 Pelo faminto, perdulario herdeiro,

Qu'

Qu' aos banquetes, ao jogo, ao luxo entregue
 Em breves dias exaurindo os fructos,
 Que longos annos de escassez juntáraõ,
 Nas mãos da fome, da miseria acaba.
 Se os livres olhos d'outra parte lanço,
 Que horror me não infunde o torpe Egoista!
 A' frente de traições, dolos, embustes,
 Do infortúnio dos mais, degráos formando
 Para subir ás honras ás grandezas:
 Eis arvora a Razaõ seus estandardes,
 A mascara se rompe, e o monstro indigno
 Do cume do edificio qu' elevára,
 Com despenho infeliz no chaõ baqueia.
 Ergue-se o turbulento Demagogo,
 E de facciosas sedições sectario,
 Revolta o povo a Patria sacrifica:
 E antes qu' o fim do seu projecto alcance
 Traidor punhal o peito lhe atravessa.
 Mas que damnos cruéis não traz ao mundo
 O bifronte, cambiante Lisonjeiro?
 Qu' insenso falso aos crimes abrazando,
 E aos erros lauros de louvor tecendo,
 Escora os erros, fortalece os crimes:
 Eis da nociva adulaçãõ rebentaõ
 Cruéis abrolhos, precipicios duros,
 E junto aos qu' incensava, Idolos cegos

Fi-

Fica dos males na torrente envolto;
 Qu' espectáculo atroz me esfria o sangue!
 Amplas messes de crimes se levantaõ,
 E amplas messes de horrores brotaõ dellas,
 De ver, e contemplar scenas taõ duras
 A mente se fatiga, os olhos cansaõ.
 Progenie vãa do lodo organizado,
 Que da atroz propensaõ rojas os ferros,
 Vê das loucas paixões, dos loucos vicios
 Quantos a fera alluviaõ sepulta:
 Vê pelas ribas do profundo pego,
 Nas impias garras dos crueis remorsos
 Os que salváraõ por indulto a vida
 A dura terra, os claros Ceos enchendo
 De inuteis ais, de pranto arrependido:
 Se áspera encontras da Virtude a estrada,
 E das brutas paixões doce o caminho,
 Porque de espinhos se emmaranha aquella,
 E estê de brandas rosas se atavia;
 Vê qu' os espinhos alma Gloria occultaõ,
 E as rosas negros precipicios cobrem:
 Segue a Virtude, que a Virtude grata
 Premeia aquelles, que lhes rendem cultos:
 Detesta os vicios, as paixões detesta
 Que só terrores precipicios trazem.

Fim da primeira Parte.

IN-

Í N D I C E

É P I S T O L A

De Elmiro , Tagidlo ao Autor.

Pag. 1

S O N E T O S

A Deos Inália , a Deos meu bem , qu' a sorte ,	28
<i>Armou-se hum dia Amor , da eburnea aljava</i>	12
<i>As leves chinxas Marineu lançava</i>	46
<i>Ceos ! qu' implacavel horrida siguta</i>	48
<i>Com duros ferros me enlaçaste os pulsos</i>	20
<i>Crava-me antes no peito hum ferro duro</i>	21
<i>Dardeja os raios teus , Jove infinito ,</i>	44
<i>De enlaçados listões ornava hum dia</i>	14
<i>De mil ciumes , de temores cheio ,</i>	26
<i>Deixai os filtros , os farpões hervados</i>	49
<i>Deixou-me ; a fé rompeu qu' as almas liga</i>	63
<i>Estes muros que ves aos Ceos erguidos</i>	32

R

For-

<i>Formosa Alcippe aos teus desdens affeito</i>	8
<i>Fremem , Supremo Deos , ventos irados</i>	56
<i>Fui entre ferros por Amor levado</i>	34
<i>Graças a Amor , quebrei o grilhaõ duro</i>	45
<i>Hervaõ-se ignios farpões , rufaõ tambores</i>	59
<i>Hoje qu' Inalía faustos Annos conta</i>	27
<i>Hum dia ornado Amor de verde louro</i>	35
<i>Hum pouco hum pouco , o mar , enfurecido</i>	29
<i>Já matizando o Ceo de vivas cores</i>	23
<i>Junto da voraz pyra qu' ondeava</i>	62
<i>Junto deste cypreste corpolento</i>	24
<i>Lafões dos Lúsos inelyto Patrono</i>	51
<i>Lilia , em quanto naõ foge a fresca tarde</i>	17
<i>Mãi dos tristes Mortaes , Virgem celeste</i>	57
<i>Mandou-me Alcippe que vivesse atado</i>	9
<i>Medonha corre a noite , a frouxa Lua</i>	22
<i>Mentes Lemano , a minha Celia amada</i>	19
<i>Meus olhos viraõ teu delicto infame</i>	39
<i>Morro Ingrata por ti , mais hum instante</i>	38
<i>Mudou-se Amor em Roxinol hum dia</i>	38
<i>Naõ decanto Senhor neste aureo dia</i>	50

Naõ

<i>Naõ mais Nathercia receosa vivas</i>	43
<i>Naõ sei Marcia naõ sei que laço forte</i>	60
<i>Naõ te comprehendo coração mavioso</i>	33
<i>No seio destu fria sepultura</i>	55
<i>N'um verde espesso bosque se occultavaõ</i>	13
<i>O costume , Senlior , faz natureza</i>	52
<i>O vento zune , mais se empola o Tejo</i>	64
<i>Perfida Alcippe naõ te lanço em rosto</i>	10
<i>Porque me roubas o descanso antigo ?</i>	41
<i>Qual Diana gentil n'um bosque umbroso</i>	31
<i>Quando hoje a Aurora no rosado oriente</i>	40
<i>Quatro vezes na ecliptica brilhante</i>	36
<i>Que assombro ! aos astros subito se elva</i>	54
<i>Que julga só Amor naõ me desdigo</i>	65
<i>Que Nynfa observo além ! qu' anciada corre</i>	16
<i>Risonha margem do aprazivel Tejo</i>	25
<i>Saltando sôbre a praia humida , e fria</i>	47
<i>Se Amor de brancas pennas me cobrira</i>	15
<i>Se da vil , que te sulca , me vingares</i>	11
<i>Se intentas ser meu barbaro homicida</i>	42
<i>Se o trono exalta os meritos brilliantes</i>	53

<i>Temendo Amor qu' a mundo eu publicasse</i>	7
<i>Tanto de sangue por brazaõ mostrava</i>	18
<i>Tu com setas nas mãos gesto sombrio</i>	61
<i>Vai-se a Lua nas ondas sepultando</i>	37
<i>Vôa saudoso lugubre suspiro.</i>	39

O D E S.

<i>A D. Affonso Henriques descercando seu fi- lho D. Sancho bloqueado em Santarem pelo Miramolim dos Arabes</i>	67
<i>A Immaculada Conceiçaõ da V. M.</i>	75
<i>No feliz nascimento da Serenissimo Principe da Beira o Senhor D. Antonio</i>	80
<i>Ao grande Affonso de Albuquerque</i>	86
<i>Na publicaçaõ da paz de Portugal com Cas- tella, e França.</i>	92
<i>A hum rico vaidoso.</i>	99

DITHYRAMBOS.

. 3 A .

<i>Nas faustas melhoras do Serenissimo Principe o Senhor D. Joaõ.</i>	103
<i>Ao Illustrissimo Excellentissimo Senhor Duque de Lafões no fausto nascimento de sua Excellentissima filha</i>	125
<i>Aos annos de Cussidro</i>	149
<i>A Celia</i>	165

O TEMPLO DE GNIDO.	183
--------------------	-----

A P O L O G O S.

<i>O Roxinol, e a Cigarra</i>	191
<i>O Touro, e o Leão</i>	194
<i>O Pastor, e o Lobo</i>	196
<i>O Pombo, e a Raposa</i>	200
<i>A Raposa, e o Lobo</i>	207
<i>O Caõ, o Gato, e o Rato</i>	210
<i>Os Rafeiros, e o Goso</i>	213
<i>O Pavaõ, e o Burro</i>	216

A

A Raposa , e o filho 219

P A R A B O L A S.

O Avaro , e o Jumento 228

Os Ladrões 233

S A T Y R A.

Aos Vícios 237.

P09261
S415C7
V.1

**DO NOT REMOVE
SLIP FROM POCKET**

DEMCO

ALF Collections Vault



3 0000 115 390 795